

Rev.

V.

26 30

119
ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL



ANO I

Nº 7

ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRAZIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETARIO : Elisio de Campos — EDITOR : Pedro Bordallo Pinheiro

N.º 7

15 de Maio de 1916

SUMARIO

<i>A primeira constituinte brasileira</i>	A. Velloso Rebello
<i>Corações de mulher</i>	Garcia Redondo
<i>O meu optimismo</i>	Jayme Magalhães Lima
<i>Página de Aristóphanes</i>	Julio Dantas
<i>A America do Norte. (As cidades. Os individuos)</i>	Alfredo de Mesquita
<i>O Museu Nacional de Arte Contemporanea</i>	José de Figueiredo
<i>Cair de Sombra</i>	Hermes Fontes
<i>A arte é a mentira</i>	H. Trindade Coelho
<i>Actualidade inédita de Medicina Brasileira</i>	Dr. Silva Araujo
<i>Oração á Patria</i>	João de Barros

REVISTA DO MEZ

<i>O novo Presidente do Estado de S. Paulo</i>	
<i>Portugal na guerra</i>	Jayme Cortezão
<i>O Mês Literario</i>	Joaquim Manso
<i>O Romance no Brazil</i>	Joe
<i>Crónica musical</i>	Humberto d'Avellar
<i>Os Theatros de Lisboa</i>	Avelino d'Almeida
<i>A Exposição Nacional de Belas Artes</i>	
<i>Economia e Finanças</i>	X.
<i>A Exposição d'Arte na Escola</i>	G. M.
<i>Arte de Dizer</i>	A.

NOTICIAS & COMENTARIOS

Reproduções de Rodolfo Bernardelli.
Fotografias do Museu d'Arte Contemporanea.
Desenhos de Raul Lino, Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro e Santos Silva.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLONIAS

Um anno (12 numeros)	2\$80
Seis mezes	1\$50

PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Um anno (12 numeros)	Frs. 51
--------------------------------	---------

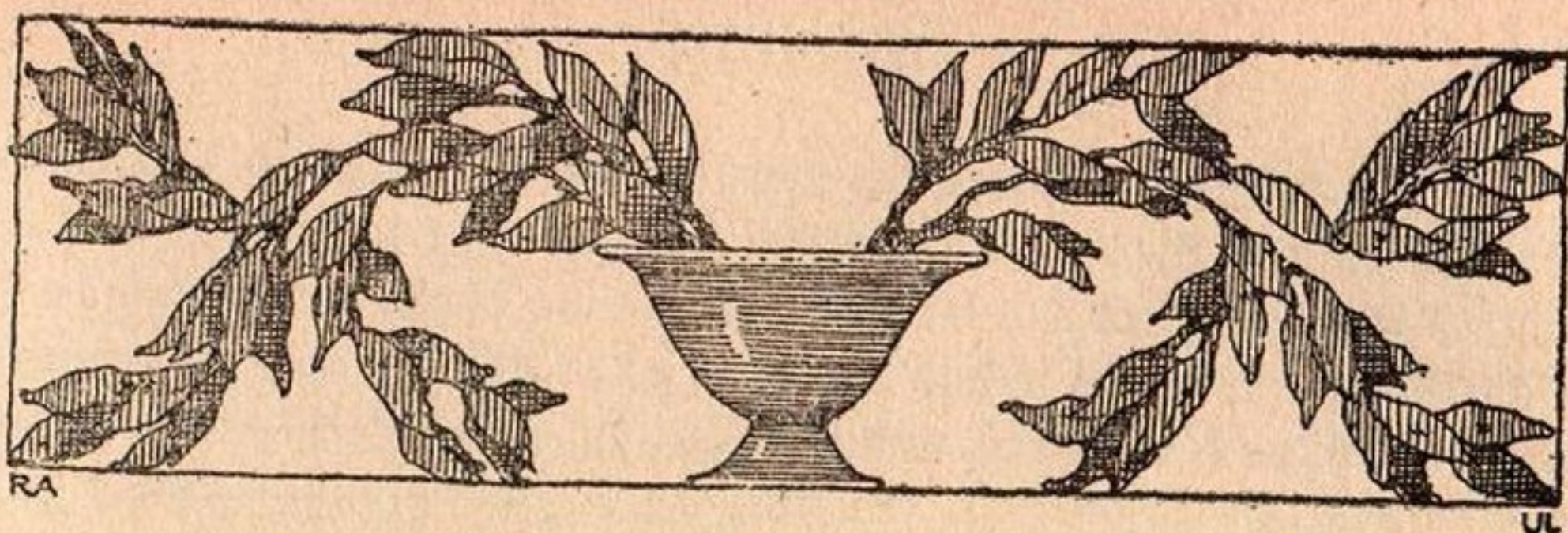
Numero avulso em Portugal \$25

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 — LISBOA

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO.
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.^{AS}
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DO BRAZIL
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO
DE PORTUGAL



A primeira constituinte brasileira

Desde o Brasil-Reino que se encaminharam as coisas para que no proprio territorio o povo soberano fizesse as suas leis e por elas se regesse.

Os redactores do *Reverbero Constitucional Fluminense*, que então com a maior habilidade preparavam o terreno para a nossa emancipação, bateram-se com ainda maior ardor por essa aspiração de todos os Brasileiros.

Vem muito a proposito destacar as figuras dos dois patriotas que redigiram êsse periodico publicado no Rio de Janeiro, de 15 de setembro de 1821 a 8 de outubro de 1822.

Encontramos no tomo 65 da Revista Trimensal do Instituto Historico e Geografico Brasileiro a seguinte referencia: «Foram Hypolito José da Costa Pereira no *Correio Braziliense*; o conego Januario da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Ledo no *Reverbero* e José Clemente Pereira no memoravel *Fico* de 9 de Janeiro de 1822, os precursores do assinalado dia 7 de setembro».

E tanto foram eles, que mais tarde, segundo aí se lê, quando em 1839 a Camara dos Deputados propôs, pela voz autorizada de Euzebio de Queiroz, a nomeação de uma comissão encarregada de coligir e escrever tudo o que pudesse servir de esclarecimento ao historiador sobre a época da nossa emancipação politica, os seus homens e os seus feitos, foram êsses três ultimos nomes os unicos escolhidos por serem os que maior competencia apresentavam no assunto.

Sacramento Blake, que é como que o Innocencio brasileiro, no seu Dicionario Bibliografico, volume 3.º, dá justo relêvo á

acção do conego Januario naquele momento historico e, com a imparcialidade garantida por quasi três quartos de seculo de distancia dos acontecimentos, no-lo apresenta como um dos mais esforçados obreiros da independencia, ao serviço da qual «enquanto José Bonifacio se dava a investigações mineralogicas com seu irmão Martim Francisco, em São Paulo, elle fundava uma imprensa no Rio de Janeiro».

Ainda no mencionado Dicionario, volume 4.º, occupando-se do proprio José Bonifacio, diz «que foi elle deportado para fóra do Imperio onde só ao cabo de sete annos voltou de cumprir uma pena que elle fizera ser imposta aos primeiros e mais notaveis obreiros da independencia, como Januario da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Ledo, sendo geralmente José Bonifacio considerado como patriarcha da independencia, quando desta nunca se preocupou». Patriarcas da independencia são esses já citados e outros que êle perseguiu atrozmente por êsse facto, questão já demonstrada por Melo Moraes e L. F. da Veiga no seu livro *O Primeiro Reinado*, e o marquês de Sapucahy em um escrito publicado no *Correio Official* de 28 de dezembro de 1833.

Em um livro publicado no Rio de Janeiro se lê que «quando o general Jorge de Avilez, comandante da divisão luzitana, desobediencia ás ordens de D. Pedro, então principe regente do Brasil, de retirar-se para Portugal e quando as fôrças brasileiras se reuniram no Campo de Sant'Ana, tendo á sua frente o principe e o general Joaquim de Oliveira Alves — José Bonifacio desaparecera e se reunira a Avilez».

João Ribeiro tambem afirma «que nesse mesmo dia da victoria chegava ao Rio José Bonifacio, cuja fama nas sciencias e nas letras agora se augmentava com a aureola do patriotismo» e que «subjugada a *divisão auxiliadora* (pela acção conjuncta de José Clemente, Januario, Frei Sampaio e outros), póde-se datar de 12 de janeiro o triunfo da revolução emancipadora».

Dêsse momento em diante, continua o maior dos nossos historiadores contemporaneos, começa a acção constructora de José Bonifacio, que alargou e amplificou o triunfo obtido, mas na verdade *não sem imoderação e imprudencia*.

Distinta foi, pois, a acção dos que cooperaram para a nossa independencia, sendo preciso não esquecer os muitos laços que prendiam José Bonifacio ao velho reino, para a defeza do qual até pegara em armas quando foi da invasão francesa.

Não é menos certo que, pelos que temiam o movimento separatista, era a pessoa de José Bonifácio a mais visada, se não a única visada, em Portugal. Nem de outra forma se poderão explicar frases violentas como a do *Conciliador Luzitano* a êle dirigida em carta que publicamente endereçou ao Príncipe Regente em 15 de julho de 1822:

«Viva, Senhor, viva V. A. nesse vasto continente como um hospede que vae tratar do seu negocio. Preencha a sua augusta missão, consolidando o Brasil com Portugal e arrancando a siza-
nia que esses homens inimigos semearam nos corações brasileiros; porem desconfiando sempre desse *Mineralogista Diplomatico*, que pretende imbutir a V. A. luzentes cristaes por verdadeiros brilhantes».

Loucos imaginarios, ou presumidos, eram os outros; perigoso era positivamente José Bonifácio.

Professor, academico, homem de sciencia na verdadeira acepção dos titulos universitarios que lhe conferiram, e que a Europa inteira reconhecera, a sua fama tinha fortes alicerces dêsse lado do oceano, e por tal forma, que era bastante para fazer dêle o estadista unico capaz de libertar a sua patria.

Êle pertenceu a essa geração de homens publicos que no Brasil surgiu no comêço do seculo passado, legítima herança da que a precedera e que Portugal, com justo orgulho, disputava para si pelo muito brilho que ambas essas gerações deram á vida portugueza na sciencia, no jornalismo, no professorado, na magistratura, na arte militar, na tribuna parlamentar e até nas mais altas dignidades ecclesiasticas.

Volveram todos êles, os sobreviventes pelo menos, ao seu país de origem, para virilmente afirmarem perante o mundo a existencia da sua nacionalidade.

No correr do ano de 1822 discutiram-se os direitos que assistiam ao Brasil para formar a sua Câmara especial de Côrtes no proprio territorio.

O *Amigo da Razão*, que nisso não via indício separatista, argumentava com Januario e Ledo «que sempre lhe parecera mui ociosa a questão suscitada no Semanario Civico da Bahia, se a Portugal, matriz e antiga séde da monarquia portugueza, devia caber o assento das Côrtes Geraes da Nação Portugueza, se ao Brasil como parte mais importante do Reino Unido».

Eram postos em discussão: de um lado, a importancia da po-

pulação, a preeminencia politica e o direito de antiguidade; do outro, as vantagens, a extensão do solo e a sua riqueza propria.

Tais argumentos caíam e logo após pretendia-se estabelecer a igualdade de direitos para que um dos dois reinos não ficasse reduzido á condição de provincia do outro.

Nas Côrtes Portuguesas é que as coisas destoavam de semelhante attitude platonica.

Os deputados brasileiros lançaram, com a maior ousadia, a idea de dois Congressos.

Os *Artigos Adicionaes* foram considerados arriscados e perigosos.

Portugal passou a lutar com todas as fôrças pela conservação da sua soberania. Recusava ao Brasil prerrogativas que reputava superiores ás das outras partes integrantes da Nação.

A eloquencia brasileira, na defesa dos seus direitos e na consciencia da sua responsabilidade, atingiu o mais alto grau de expressão que dela se poderia esperar. Os portugueses não lhe ficaram atrás, por vezes com veemencia que importava em desafio, partindo de espiritos que, pela sua orientação scientifica e profissões que exerciam, não poderiam deixar de ser ponderados. Por isso mesmo ganharam êles a confiança pública.

Arderam na febre da discussão as palavras de Gyrão, Borges Carneiro, Fernandes Pinheiro, Vilela Barbosa, Ferreira Borges e Lino Coutinho, depois do que votou-se a rejeição do projecto, no meio do regosijo popular.

Não faltaram as demasias da palavra e não houve quem esquecesse os insultos do deputado Moura!

É preciso não esquecer tambem que, por um justo sentimento de dignidade individual, Portugal batia-se pelos seus interesses.

A condição excepcional, reclamada pelos Brasileiros, importando numa divisão de soberania, constituia um principio de independencia.

Na carta que o Senado da Camara do Rio de Janeiro escreveu aos seus deputados ás Côrtes, assim como nas instruções que a Provincia de São Paulo enviou aos seus representantes, exigia-se êsse corpo legislativo com bons fundamentos de direito público, a exemplo do que se passava em outras nações.

A imprensa de Lisboa argumentava que nem a Escocia tinha parlamento proprio, nem a Irlanda que, possuindo um, apenas lhe

dera character legislativo para distribuir justiça e administrar finanças.

Se o reino da Sicilia em Napoles, se o da Noruega na Suecia, não continham em si representação separada da que constituia o poder legislativo da nação, como poderia o Brasil arrogar-se semelhante atribuição de soberania parcial?

Tal era a linguagem da época a que não faltou sofisma, nem rudez, desconhecendo-se a desproporção em que se encontravam aqueles reinos comparados com o Brasil, tão afastado de Portugal pela distancia e tão distinto pela mudança profunda que nas suas relações gerais se vinha operando havia mais de três lustros.

A indignação tornou-se geral e os deputados que embarcaram para a Inglaterra, com Antonio Carlos á frente, foram cobertos de insultos e até ameaçados nas suas vidas.

Por trás dessas explosões de impensado patriotismo descobria-se a imprevidencia do que estava para succeder.

Por isso o 3 de Junho (data do decreto pelo qual D. Pedro convocou as Côrtes do Brasil), não se fez esperar e logo após, de comum acôrdo com os Procuradores das Provincias, as instruções para a eleição da Assembleia Constituinte.

De nada serviu o decreto de 20 de setembro com que as Côrtes pretenderam fulminar a Junta de São Paulo, os secretarios de Estado do Rio de Janeiro, o Govêrno aí estabelecido e a pessoa do proprio Regente.

Proclamada a independencia e aclamado o Imperador, eleita a Constituinte, pôde-se dizer que a verdade da representação soffreu desde logo a intervenção da autoridade.

Os Andradas dominaram-na enquanto foram govêrno e dominaram-na ainda mais quando na opposição.

Para se salvarem das consequencias do primeiro êrro, atiraram as vaidades por cima dos interesses da nação, substituindo pelas pessoas os principios, mesmo aqueles por êles outrora sustentados.

Fomentou-se assim a corrupção colectiva em nome da utilidade de um grupo.

Combateu-se a democracia, que o proprio imperante parecia defender e combateu-se os adoptivos, que não podiam deixar de lhe ser simpaticos.

A pena de morte, considerada como revoltante á humanidade

e repugnante á natureza, essa mesma pena flagelada por essa mesma época pela eloquencia persuasiva de Guizot e principalmente em materia politica, foi reclamada para os membros das sociedades secretas.

Discutia-se essa necessidade em nome da moral e da religião christã, mas na verdade o que se temia eram os atentados politicos e o que se pretendia abafar era a liberdade de pensamento.

D. Pedro não era solidario com tais perseguições e já havia assinado a contragôsto os decretos de deportação de Januario e dos outros que formavam o partido chefiado por êle, Ledo e José Clemente.

Antonio Carlos chegou a sustentar serem suspeitos de hostilidade á causa da independencia todos os nascidos na Europa e que nessas condições fôsem expulsos do territorio brasileiro nos termos do projecto de Muniz Tavares.

No meio de semelhante confusão, se a constituição do Imperio tivesse saído dessa assemblea, teria se ressentido dos efeitos de tão mesquinhos momentos.

Não nos parece, porém, que êsses deputados fôsem inferiores pela competencia ou pela falta de tirocinio parlamentar, como querem explicar alguns historiadores.

Muitos dêles já tinham cruzado as suas armas nas Côrtes Portuguesas.

Havia na Constituinte Brasileira, uma *élite* importante, cuja acção tornou-se nociva, o que não impediu que as qualidades de muitos, senão da maioria, fôsem mais tarde aproveitadas na Camara alta do Imperio.

Talvez se lhes deva aplicar a regra de que em uma assemblea daquela natureza não se necessita tanto de oradores eloquentes e brilhantes, como de homens de character energico e independentes, que saibam e queiram opôr uma resistencia inevitavel ás tentativas e ataques que possam ser dirigidos contra a liberdade e a inviolabilidade dos direitos do cidadão.

Como quer que fôsse, não faltaram os bons conselhos.

Na Europa sucederam-se as publicações elogiosas ao Principe e ao seu liberalismo, insistindo-se ao mesmo tempo pela necessidade da conservação de uma aristocracia, que seria a da riqueza oriunda da propriedade territorial.

De uma delas, dada á luz em Paris em 1823 por La Beaumelle, destacaremos o seguinte trecho que nos parece típico :

«Deve-se esperar que a assemblea brasileira, cujos trabalhos serão conhecidos em breve, compreenda a importancia e a difficuldade da missão que lhe foi incumbida e que se aproveite das terriveis lições que a Providencia já deu a diversos povos dos dois continentes. Das revoluções que se tem succedido desde 1776 quais as que deram resultados permanentes? Os Estados-Unidos, a França, os Países-Baixos parecem ter acertado com as condições de estabilidade do govêrno e, por não terem feito concessões, os monarcas da Espanha, de Portugal, da Sardenha e de Napoles, escaparam de perder as suas corôas, assim como, por terem exagerado os principios democraticos, êsses mesmos povos perderam tudo o que tinham pensado conquistar».

Sabe-se como na tarde de 12 de novembro de 1823 foi dissolvida essa assemblea, por entre o tragico das prisões de alguns deputados e a ironia de Alencar, que não compreendia para que se pedia ainda a palavra numa assemblea que não devia mais funcionar.

Falhou assim a Constituinte, como falhou teoricamente a Constituição, o que não impediu esta, decretada pouco depois, de ser considerada como uma das mais liberais entre as que regiam os povos civilizados.

A. VELLOSO REBELLO.

Conselheiro da Embaixada do Brasil em Lisboa.

Corações de mulher

(Depoimento póstumo de Gil-Gal)

(Continuação)

E, reflectindo sôbre o que lera e sôbre o que vira, a mim mesmo dissera :

— Prepara-te para o mergulho, como os que te antecederam, és um homem destinado ás ondas com uma bala aos pés. Não és decididamente essa fenix que ela procura e que talvez não ache nunca. Em todo o caso, enquanto o pau vai e vem...

Após esta reflexão, que me pareceu sensata, e até certo ponto tranquilizadora, vesti-me, aguardei o almoço e, á hora aprazada, voltei ao ninho de Louise. Ela esperava-me na mesma sala, sentada no mesmo *divan*, tendo no rosto o mesmo *loup* negro. E, logo que me viu, indicou-me um lugar a seu lado e ofereceu-me sem reбуço a bôca mimosa que eu beijei sofregamente. Depois, desunindo rapidamente os seus labios dos meus, perguntou-me :

— Como passou esta noite?

— Mal, não dormi um segundo.

— Pensando em mim?

— Exclusivamente.

— E via-me como me viu nos retratos?

— Algumas vezes; outras, como a estou vendo agora, com o rosto velado por êsse maldito *loup*.

E, vendo-a rir abertamente, ante a irritação que eu revelava, supliquei :

— Porque não tira essa máscara, que me agasta, que me priva de contemplar o seu rosto encantador?

— Encantador? repetiu ela, e acrescentou logo: — Tem a certeza de que o seja?

— Pois não é o que está nos retratos?

— Sim, deve ser, um pouco menos viçoso, porque os anos não perdoam. Êles passam, mas devastam.

Como já não aludia á cicatriz, senti-me mais animado e atrevi-me a repetir a súplica.

Ela mostrou-se um pouco contrariada e disse-me:

— Por favor, não insista; no dia em que isso fôr possível, farei cair o *loup*; por enquanto, não.

Não insisti. Ela, vendo-me triste, procurou dissipar o meu constrangimento e a minha contrariedade, abraçando-me e beijando-me efusivamente. Súbito, tomando as minhas mãos entre as suas, deixou escapar esta confissão:

— Pode ficar certo de que o seu desgosto não é maior do que o meu. Sofre, porque lhe mostro o rosto velado. Também eu soffro, por ser forçada a apresentar-me assim. Mas isto não ha de durar sempre...

Depois, mudando de assunto:

— Diga-me: já me ouviu cantar?

— Não, a minha cara amiga ainda não cantou no Brasil.

— Nem cantarei para o público brasileiro, estou no meu período de repouso. Mas, para si, cantarei hoje, amanhã, sempre que o desejar. Quer ouvir-me agora?

— Mas sim, mas sim... com infinito prazer.

Ela conduziu-me a um gabinete proximo e, sentando-se ao piano, fez-me ouvir a sua voz cheia, suavissima e admiravelmente timbrada.

Horas passadas ali, ouvindo eu com pequenos intervalos, sempre embevecido, os trechos principais das operas em que ela havia obtido os maiores triunfos que a haviam consagrado artista, que lhe tinham dado a representação e a fortuna que possuía...

Houve um momento em que, gracejando, me disse:

— Pode gabar-se de que é o primeiro que me ouviu... de graça.

Ri-me e acrescentei, aludindo ao misterio que me irritava:

— De graça... e com o *loup* no rosto.

Ela também riu abertamente e, deixando o piano, veio assentar-se sôbre os meus joelhos.

— Pode comigo? Olhe que eu peso muito...

— O que lhe aumenta o pêso é... o *loup*.

Riu de novo e encheu-me o rosto de beijos.

Uma hora depois, quando as trevas já invadiam o gabinete, ela me disse :

— Vou fazer a minha *toilette* para jantar. E como eu fizesse um gesto para retirar-me, interveio e acrescentou :

— Quê! Quer partir? Nunca. Jantaré comigo. O dia é meu.

— E a noite? indaguei ansioso.

— A noite? *Chi lo sa?* . . .

E, dizendo isto, acendeu as lampadas electricas e desapareceu, deixando-me só em frente ao piano em cuja estante pousava a ultima partitura que ela havia cantado deliciosamente.

* * *

O jantar, em *tête a tête* íntimo, servido em uma pequena mesa redonda coberta de linhos finos, de porcelana de Haviland, de cristais da Boémia e de flôres, foi delicioso.

Não fôra o *loup*, que por vezes apagava o meu júbilo, eu diria que nunca um ágape me dera um prazer mais intenso e mais salutar do que êsse.

Louise não era só a mulher escultural e deliciosamente bela, nem a *virtuose* fascinadora que a crónica mundial consagrava. Era tambem uma *causeuse* admiravel, que sabia dizer e narrar com um encanto indiscreditivel.

Para me entreter, para apagar o despeito que o *loup* me causava, ela contou-me episódios encantadores das suas excursões artisticas. E narrando sem *pose*, com simplicidade, numa linguagem familiar e imaginosa, sabia espargir pela narrativa a pimenta e o sal nas doses precisas para despertar o sorriso ou a hilariedade, consoante o caso o exigia. Houve um momento em que, discorrendo sôbre as perseguições que sofrera de um adorador massacrante, estúpido e impenitente, que a seguira através de toda a Europa e de quási toda a America, disse-me com ar sério e uma ligeira inflexão de pesar na voz :

— E mal sabe êle que no momento em que, desenganado, se decidiu a deixar-me em paz, eu estava já quási decidida a ceder . . .

— Como? A ceder a um imbecil! . . .

— Não, a ceder ao desejo, que me atormentava ha muito tempo, de o chamar . . . bêsta. Rimo-nos.

Quási no fim do jantar, ela perguntou-me se eu gostava sinceramente de música, ou se apenas a suportava.

— Gosto sinceramente e procuro interpretá-la, principalmente quando ela se casa ao meu estado de alma. Não conheço arte que me faça vibrar como a música, prolongando-se essa vibração, não durante o tempo em que a ouço, mas durante horas e ás vezes dias seguidos. Uma paisagem soberba, um quadro belo, uma escultura bem feita, uma página de prosa tersa, ou versos lindos, lindamente recitados, também me fazem vibrar, mas essa vibração não tem a intensidade nem a duração que me comunica a música. É a arte que fala á alma directamente e emotivamente, despertando-lhe extases, dores, risos, gritos e convulsões.

— É isso mesmo, rematou ela com aplauso.

E passou-me uma concha marinha acogulada de morangos açucarados, dizendo-me :

— São deliciosos os morangos da sua terra, meu amigo.

Para lisonjeá-la, observei :

— Mas não tão doces, nem tão perfumados, como *les fraises du bois* da França.

— Ah! êsses são únicos, exclamou contente.

Terminando o jantar, voltámos á sala da frente aonde Uênó nos serviu o café aromático em canequinhas alvas e transparentes, pouco maiores que um ôvo de pomba.

Até á meia noite, ali ficámos em palestra íntima, ouvindo o tamborilar da chuva nos vidros da janela e nas pedras da calçada. A essa hora, ansioso por conhecer o meu destino, fiz o gesto de partir.

— *Alors, vous me quittez ?* — disse-me pesarosa.

— Não, o meu desejo é ficar.

— Pois fique, que me dará prazer.

Sentei-me de novo a seu lado e, durante longo tempo, os nossos lábios e os nossos braços poucas vezes se desuniram. Já passava de uma hora da madrugada, quando Louise, visivelmente excitada, levantou-se, dizendo-me :

— Espere-me aqui até que o chame.

E, com o dedo, apontou sorrindo para o quarto ao lado, onde entrou.

Algum tempo depois, a sua voz suavissima disse-me dali :

— Venha.

Levantei o reposteiro e entrei, achando-me num quarto amplo, todo atapetado, tendo no centro um leito largo, de piquiá marfim, envolto em cortinados leves de renda. Dentro dêsse leito

desaparecia o corpo da deusa sôbre um *édredon* de setim e por entre almofadas fôfas vestidas de linho fino.

Dêsse corpo escultural apenas se via um braço, alvo e roliço, que punha a mancha rosea da carne sôbre a alvura do linho, os cabelos soltos, que ondulavam como algas filiformes e negras sôbre as almofadas, e o rosto encantador, sempre velado pelo *loup* implacavel, mas o *loup* azul.

Quando entrei, vi que os seus olhos me espiavam brejeiramente através da máscara.

Silenciosamente, fechei a porta, encaminhei-me para o leito e sentei-me na borda, fixando os olhos que me espreitavam.

Ela deslocou o braço, tomou a minha mão que apertou amorosamente e perguntou-me :

— Porque está triste?...

Apontei para o *loup*.

Ela sorriu e disse-me :

— Daqui a pouco, as luzes estarão apagadas e, na escuridão... é como se estivéssemos ambos com máscara. Não é exacto?

— Sim, na treva, tudo fica mascarado, respondi resignado.
.....

Essa noite deliciosa, passada nos braços da mulher amada, deixou-me a convicção de que Louise era uma mulher excessivamente nervosa, de uma sensibilidade extrema e delicada.

Quando a aurora surgiu, filtrando os seus primeiros raios através das frinchas das janelas, eu, que tenho hábitos madrugadores, acordei e sentei-me no leito. E, por entre a semitreva da manhã, pude ver o corpo admiravel da linda mulher, deitada a meu lado, numa postura encantadora, que provocaria o pincel de um artista apaixonado pela sua arte e pelo belo. Ela dormia, respirando suavemente, tendo uma perna estendida e a outra dobrada em angulo quasi recto. Os braços, erguidos e nus, abraçavam, um por baixo, outro por cima, as almofadas fôfas, onde mergulhava a cabeça de ébano. No rosto, uma expressão de felicidade e de ternura deixava perceber que um sonho agradável afagava o seu cérebro vigilante. O corpo repousava tranquilo e adormecido, mas a alma velava. Não resistindo á tentação de a vêr na semi-nudez em que dormia, ergui cautelosamente o *édredon*, afastei o lençol de linho finissimo e espraiei a vista ansiosa por todo êsse corpo roseo, apenas mal velado no torso pela ca-

misa translúcida. Evidentemente era bela, esculturalmente formosa, com as suas pernas fusiformes, como os braços, com o seu pescoço ebúrneo e o tronco amplo no alto, estreitando para a bacia, e cheio de curvas deliciosas, que ondulavam do colo ás ancas. Como pôr peias ao desejo infrene de beijá-la toda, dos pés á nuca, desejo que assaltou a minha alma de esteta, desde que a vi sem véus e sem o livre arbitrio que o sono domava? Sem hesitação, inclinei-me sobre o seu corpo atraente e, da cabeça aos tornozelos, os meus lábios foram pousando levemente sobre a epiderme macia, beijando-a como quem beija uma obra de arte, percorrendo-a toda numa viagem deliciosa, sentindo os estremecimentos convulsivos da pele e haurindo o perfume suave de carne moça e sadia, que ela exalava. Depois, ainda não saciado, fiz a viagem de regresso dos tornozelos á nuca. Mas quando os meus lábios pousaram sôfregos na curva circular do seu ombro, ela abriu os olhos e enlaçou-me, ébria de gôzo, com os seus braços roliços. Nesse instante, a sua bôca, risonha e vermelha, procurou a minha e todo o seu corpo uniu-se ao meu. Assim, abraçados, num contacto estreito e delicioso, eu percebi que as nossas almas trocavam de envolucro, passando, através da bôca, dos olhos e da pele, de um corpo para o outro. E nesse amplexo, mudos e saturados de ventura, ficámos até que o sol, entrando ousadamente no quarto, pôs sobre os tapetes e sobre os linhos do leito uma facha de luz dourada e quente.

Foi então que ela me disse risonha :

— Bom dia, meu querido amigo.

— Que o dia seja tão bom como foi a noite, respondi, apertando-a ainda nos meus braços insaciados.

— Sim, que seja tão bom como foi a noite, repetiu ela, erguendo-se nas almofadas e encostando-se ao espaldar do leito.

Nessa postura encantadora, com os cabelos em desordem, espraiando-se pela alvura dos ombros e das almofadas, ela me deixava ver todo o seu colo de pomba e os lindos seios, rijos e roseos, cujos bicos, ruborizados, me expiavam através da renda da camisa, exactamente como os seus olhos luzentes que me espreitavam através do *loup*.

E como a olhasse, hipnotizado pela sua beleza arrebatadora, ela, puxando a minha cabeça para junto do seu ombro, disse-me com meiguice :

— Começo a crer, meu amigo, que me ama realmente, sinceramente, tendo sempre diante de si a imagem que viu nos retratos, mau grado o *loup*.

— Sim, amo-a muito, apaixonadamente.

— E a saciedade dos desejos não diminuiu o affecto?

— Não, pelo contrário, aumentou-o.

— Quer dizer?...

— Que o original excedeu a imagem.

— Mesmo com o *loup*?

— Mesmo com o *loup*.

— Não imagina o prazer que me dá, fazendo-me essa confissão.

E, de novo, os seus lábios procuraram os meus.

* * *

Dêsse memorável dia em diante, todo o meu tempo era pouco para estar ao lado de Louise. Os dias passavam encantadoramente, numa permuta de carícias constantes, a despeito de ela conservar sempre a máscara, não mais a de veludo negro dos primeiros tempos, mas a de setim azul claro, que era menor e menos encobria a parte do rosto que eu ainda não conhecia. Mas essa máscara, á qual me habituara, já não me causava impressão nem contrariedade. Chegava mesmo a achá-la um ornamento necessario ao rosto mimoso de Louise, um accessorio indispensavel á sua radiante beleza. E' que o *loup*, sem destruir inteiramente a harmonia das linhas do rosto, comunicava-lhe um misterio picante que o tornava mais apetecido e atraente. Dir-se-ia que o setim da cútis, mas de outra côr, e que a pequena elevação triangular que encobria o apendice nasal, sem encobrir as narinas, tornava o nariz mais petulante, mais brejeiro, pondo sorrisos na face toda.

De sorte que, longe de me desagradar e irritar, como no começo, êsse *loup*, com o qual me familiarizara, deixava-me calmo, quási indifferente, embora eu desejasse vê-lo cair, achando longo o tempo que já se havia escoado nesse misterio incompreensível.

A minha ligação com Louise tinha já mais de quinze dias de existencia, quando uma manhã (após uma noite em que a pedido de minha mãe tive de pernoitar em casa dela), Uêno entrou na minha (*garçonnière*), apressada e aflita, e disse-me:



R. BERNARDELLI — Christo e a Adultera

— Senhora, doente ; não dormiu toda a noite.

Vesti-me rapidamente e acompanhei a criadita até junto de Louise. Fui encontrá-la estendida no *divan* da sala com o rosto afogueado, os olhos brilhantes e os lábios gretados.

Tomei-lhe as mãos e percebi que estava com febre ; ao mesmo tempo notei que a parte do *loup* que encobria o nariz estava mais elevado. Um raio de luz atravessou então o meu cerebro e pareceu-me ter achado a explicação do misterio. Cheio de apreensões e de receios pelas consequencias possiveis e perigosas dêsse capricho de mulher formosa e faceira, disse-lhe grave e firmemente.

— Compreendo agora tudo. Uma espinha ou um pequeno botão vermelho surgiu na parte superior do teu nariz na época em que te escrevi a minha primeira carta. Receosa que essa borbulha empanasse um pouco o brilho da beleza do teu rosto, deformando-o e não querendo adiar o meu conhecimento, tiveste essa idea estouvada de encobrir a parte superior da face com o maldito *loup*, na esperança de que a cura da espinha ou o botão não se demoraria e, em seguida, retirarias a máscara. Mas, a permanencia do *loup* irritou a espinha e, longe de apressar a cura, atrasou-a. Agora, estás com febre e, para evitar males mais graves, indispensavel se torna que tires o *loup*. E' o que eu vou fazer, não mais por curiosidade, mas sentindo a necessidade premente de proceder assim, sem perda de tempo, para salvar a tua beleza, para salvar talvez a tua vida.

Sem dar tempo a protestos nem a recusas, estendi as duas mãos para a sua cabeça, que tambem estava quente, e retirei o *loup*.

Eu tinha adivinhado.

No alto do nariz, entre os supercilios e os olhos, um disco de tafetá roseo segurava um pequeno perche de fios de linho adaptado a essa parte do rosto. Em torno, os tecidos inflamados tinham-se elevado já tanto que os olhos começavam a bridar. A pele mostrava-se esticada, vermelha e quente.

— Não ha tempo a perder, disse eu, é preciso chamar já um medico, que venha sem demora reparar esta imprudencia tua.

E saí ás carreiras.

Ante as applicações acertadissimas e oportunas do médico, a inflamação e consequente vermelhidão desapareceram em vinte e quatro horas. A febre tambem cessou logo e, cinco dias depois,

a espinha, aliás pequena, entrava em franca cicatrização, prometendo não deixar vestígios. Louise com quem passei êsse tempo todo, sem a deixar um momento, dizia-me repetidamente, manifestando uma gratidão profunda:

— Oh! tu és o companheiro ideal, o amigo dedicado e sincero, que eu desejava encontrar e que achei.

E beijava-me freneticamente, deixando transbordar toda a sua alegria e todo o seu reconhecimento.

Foi só depois que a espinha fechou e a pele voltou á sua côr natural, que eu pude contemplar o lindo rosto da minha doce amiga, achando-o fascinador tal qual o vira nos retratos. Os anos tinham passado sem apagar a beleza dessa face encantadora, sem lhe pôr rugas, nem manchas perturbadoras, sem lhe roubar a macieza da cútis, que era tão arminhosa aí como no resto do corpo que vivia abrigado pelas vestes e, portanto, menos sujeito aos ultrages do tempo.

E beijando-a, fascinado e ébrio de contentamento, dizia-lhe:

— Pois valia a pena, minha *tête de linotte*, pôres em risco sério a tua formosura e até a tua vida, pelo capricho de não me mostrares, pela primeira vez, o teu rosto com uma pequena espinha no alto, que não empanava nem sequer diminuia o brilho da tua radiante beleza? Que imprudencia! Que loucura! Oh! a vaidade feminil...

Mas ela tapava-me a bôca com as suas lindas mãos, dizendo-me:

— Está bom; não falemos mais nisso; já passou êsse sonho mau. Agora que não tenho mais *loup*, olha-me muito, olha-me assim, como eu te estou olhando agora, procurando ver a minha alma pelas janelas dos meus olhos, como eu procuro ver a tua pelas janelas dos teus. E sabes o que eu vejo? Um anjo de azas alvas, porque a tua alma é angélica. E a minha? como é? dize, dize depressa. Não a vêes como eu vejo a tua?

— Sim, vejo, minha adorada Louise; a tua é um querubim, muito parecido contigo, níveo e roseo como tu, mas pequenino e de cabelos dourados. No peito, entre os seios minúsculos, tem uma frase gravada e essa frase diz assim: «Ama-me como eu te amo e seremos felizes».

— Havemos de sê-lo, disse-me ela, cingindo-me carinhosamente com os seus lindos braços.

* * *

Alguns dias depois, conversando após o jantar, perguntei-lhe :
— O que achas do Brasil, ou antes, do Rio de Janeiro que é a única parte do Brasil que conheces ?

— Maravilhoso. E' a mais linda cidade que tenho visto.

— Mas tu apenas a tens visto por dentro, é preciso vê-la por fora, do arrabalde, da arrebatadora moldura que ela possui.

E combinamos que, todos os dias, faríamos um passeio pelos arrabaldes do Rio, para que ela os conhecesse todos e conhecesse melhor a cidade, vendo-a em conjunto, sob os seus diversos aspectos.

Metodicamente, sem pressa, escolhendo os dias próprios, os luminosos dias do Rio de Janeiro, fizemos encantadoras digressões pelo Jardim Botânico, pela Tijuca, pela Gavea, pelo Corcovado, pelo Pão de Assucar, por Santa Tereza, Vila Isabel, Quinta Imperial e as ilhas do Governador, do Paquetá e Boa Viagem. Fomos depois a Nicteroi, a Petrópolis, a Terózópolis e Nova Friburgo. De todas essas excursões, Louise trazia a impressão de assombro causado pela exuberancia da nossa natureza e pela formosura das nossas paisagens. Nunca ela tinha visto quadros naturais tão belos, tão risonhos, tão grandiosos. As nossas matas, com os seus cheiros agrestes, com o emmaranhado dos seus cipós, com a imponencia das suas arvores gigantescas, deixavam-na em extasis.

Ela entrava na floresta como quem entra num templo, religiosamente, tomada de um grande respeito e de uma surpreendente admiração. E uma vez ali, hauria voluptuosamente o ar impregnado de aromas diversos, que a inebriavam, e sentava-se, gozando com delícia a sombra acariciadora, admirando a pujança do solo, a beleza das fôlhas e dos musgos, a variedade e o porte altivo dos vegetais, que erguiam para as nuvens a sua copa frondente.

Quando os seus olhos se saciavam, a alma transbordava de júbilo e, então, exclamava :

— Oh ! meu amigo, quanto isto é belo e magestoso e quão mesquinhas são as florestas da minha terra comparadas com estas ! . . .

No campo, a grama dos verdes também a extasiava. Muitas vezes ela fazia parar o automovel para contemplar com delícia as mil *nuances* dêsse verão brasileiro e único que se estendia como um tapete felpudo e vivo sôbre a terra fecunda, acompa-

nhando as suas ondulações e mostrando-se pomposo sempre na simples herva rasteira, no arbusto e na árvore. As flôres silvestres, principalmente as homelias e orquideas com as suas formas bizarras encantavam-na.

E da fauna, dessa fauna facilmente apreciavel, quási familiar, que aparece nas estradas, nos campos e na orla das matas, constituída por borboletas, coleopteros, pequenas aves e pequenos mamíferos, ela dizia maravilhas, encantada com as formas e com a variedade das côres.

Um dia, em Nova Friburgo, ao atravessarmos uma fazenda, ela descobriu, pousando no galho de um arbusto florido, um lindo beija-flôr que alimentava a prole, ainda implume, a qual estendia o biquinho guloso de dentro do minuscuro ninho, construído ao lado, no mesmo galho. Que de exclamações, que de gritinhos de prazer infantil, deu ela em presença dêsse achado, que não cessava de observar com encanto!

O colibri era, realmente, bellissimo, de uma variedade de côres surpreendente. Parecia uma grande pedra preciosa, uma esmeralda viva, com reflexos multicores de rubi, da safira, do topazio e do ouro brilhante. Quando êle partiu e deixou saciada e calma a prole, ela foi observar o ninho, sem lhe tocar, e dizia-me enlevada por essa pequenina habitação que a ave construira para abrigar os filhos:

— Vem ver isto. Repara como é bem feito, como é lindo, como revela o amor materno! Por fora, o revestimento de musgo, dentro, todo forrado de paina e colocado de modo que as fôlhas do arbusto onde está o abrigam da chuva e do sol ardente! Como negar inteligencia a estes pequenos seres?

Outra vez, foi uma borboleta de azas de um azul metálico que a encantou. O lepidoptero voava na frente do automovel seguindo a estrada que marginava a mata, reflectindo ao sol as suas azas cerúleas que atiravam chispas de luz. Quis apanhá-lo para que Louise o contemplasse de perto, mas ela não consentiu, dizendo-me:

— Para quê? Eu vejo bem daqui a linda borboleta e acho-a mais bela voando do que parada. Parece uma estrêla que veio do céu á terra para nos guiar e conduzir. Deixa-a viver, meu amigo; ela tem, como nós, direito á vida. Depois, a sua existencia é já tão limitada! Para que abreviá-la ainda mais?

O seu coração, cheio de ternura e de piedade, avesso á in-

justiça e á violencia, estava todo nessas frases que me dirigiu, mas, para que eu as não tomasse como uma censura á minha intenção, acrescentou logo :

— De mais, eu sei que, com a alma que possuis, serias incapaz de matar a borboleta. Procurarias apanhá-la, sem lhe fazer dano, para ma mostrar de perto e, em seguida, soltá-la-ias. Isso seria fatigante, mórmente não tendo o preciso sacco para essa apreensão. Não vale a pena, não vale a pena.

E desviou a vista do insecto e fixou-a em uma velha árvore de cujos galhos pendia em profusão a *barba de bode*.

— Quantos anos terá esta árvore? indagou.

— Deve ser velha, muito velha, respondi, mas a idade certa é impossivel determinar, porque no Brasil a actividade vegetal não cessa, como na Europa e em outros países em que as estações do ano, perfeitamente discriminadas, dão lugar ao repouso vegetal e portanto á formação de camadas de lenho anuais, que permitem fixar com exactidão a idade da árvore.

— Que maravilhoso país! Eis aí uma cousa que eu ignorava, meu querido mestre.

E, para manifestar-me a sua gratidão pela informação que lhe dera, pousou silenciosamente os seus lábios nos meus para que o *chauffeur* não ouvisse o estalido do beijo.

Quando regressámos ao Rio de Janeiro para repousarmos um pouco dessas excursões que fizemos durante dois meses, ela encontrou uma carta vinda da França.

— É da mamã, disse-me.

E abriu-a nervosamente, devorando-a com os olhos, da primeira á ultima linha. Depois, o seu olhar expandiu-se em lampejos de alegria e acrescentou :

— Felizmente, a doce velhinha vai bem e tem recebido regularmente os recursos que lhe mando.

Nunca até êsse momento havíamos conversado sobre a familia de Louise e eu aproveitei o ensejo para perguntar-lhe :

— Que idade tem a tua mamã?

— Sessenta anos e eu sou a ultima das filhas, aquela que ela criou com mais carinho e dedicação, porque lhe fiquei nos braços, quando meu pai faleceu, seis meses depois de nascida. Ah! meu amigo, se sonhasses o que eu devo a essa doce criatura, os sacrificios que ela fez para me educar e colocar no ponto de conquistar a situação que hoje disfruto!...

Lágrimas de gratidão enchiam-lhe os olhos.

Para fazê-las desaparecer, perguntei pelas irmãs.

— Eram três, mas existe só uma, que nem eu nem mamã sabemos onde está. Casada, abandonou um dia o marido para seguir um estroina que a levou não sei para onde. Desde então, não tivemos mais notícias dela. Se ela nos amasse, a mim e á mamã, ter-nos-ia escrito, revelando o seu paradeiro.

E, melancolicamente, rematou:

— Ela tinha um coração duro, e quem o tem assim não pode ser feliz.

A sua alma carinhosa, justiceira e boníssima de novo se revelava nessa frase.

No intuito de a desviar de lembranças penosas, propus-lhe um passeio á Copacabana para apreciarmos a beleza da praia nessa noite de luar doce e tépido.

— Não, não, meu amigo. Hoje quero aproveitar a noite para responder á mamã, contando-lhe a historia do nosso amor e enviando-lhe o teu retrato para que ela te conheça e te ame como eu te amo.

Tenho necessidade de confiar a alguém a felicidade suprema que estou gozando, desde que te conheci. Quero que a mamã participe dela, viva um pouco, fruindo pela imaginação, a ventura que me inunda, porque não ha no mundo, é preciso que o saibas, ninguem, ninguem, que seja mais feliz do que eu!...

Atirei-me nos seus braços e beijei-a ternamente, reconhecidamente.

Num dia chuvoso, em que juntos ficámos em casa, julguei esclarecer factos obscuros que me intrigavam, desde o dia em que tão facilmente fui recebido por Louise. Eu havia-lhe escrito a primeira carta sem esperança de obter resposta e sempre me causara estranheza que a resposta dela, embora com alguma demora, me chegasse ás mãos expansiva e dando-me logo o consentimento para ir vê-la. De resto, sempre me pareceu que ela tinha sido facil e em demasia confiante, aceitando-me, logo depois, na sua intimidade, sem me conhecer bem, sem saber dos meus antecedentes e da minha posição social. E essa estranheza aumentava á medida que melhor ia conhecendo essa criatura encantadora, inteligente e criteriosa, toda amor, toda ternura,

toda sinceridade, que a minha boa estrêla me atirava nos braços. Para dissipar essa dúvida, ou antes, para esclarecer esse ponto obscuro, expus-lhe francamente a estranheza que tais factos me causavam.

Ela riu-se abertamente e disse-me :

— Então até hoje ainda me consideras uma mulher leviana, capaz de entregar-se ao primeiro que chega, sem o conhecer, sem saber quem é ?

— Pelo contrário, minha cara Louise ; é exactamente porque, da minha convivencia contigo, cheguei á convicção de que não és leviana, que os factos a que aludi me causam estranheza.

— E se eu te disser que já te conhecia, quando me escreveste a tua primeira carta.....

— Já me conhecias ! De onde ?

— Sim já te conhecia e tão bem que a convivencia contigo não desmentiu uma só das informações que colhi.

— E quem tas forneceu ?

Ela riu-se outra vez, bateu-me levemente no rosto com a ponta de seus dedos mimosos e disse-me :

— Para que queres saber isso, curioso ?

— Para agradecer a quem te deu as indicações.

— Então agradece a ti mesmo, porque foste quem me forneceu as informações que precisava para saber se devia ou não responder á tua carta e consentir na visita que nela me pedias.

Olhei-a admirado, confuso, sem compreender nada. Ela deixou-me durante alguns segundos, nesse estado de estupor e depois disse-me, dando-me a explicação do enigma :

— Sou grafóloga e foi pela tua propria carta que eu obtive os esclarecimentos que desejava sôbre o teu character. Foi a tua caligrafia que me revelou o que eras e quem me animou a consentir na tua visita. Queres ver o que a tua letra larga, firmemente grafada, sem hesitações nos traços e na expressão do pensamento, demonstrando á primeira vista a siseudez do teu character, me deu a conhecer ?

— Sim, quero, respondi, surpreendido e curioso.

Ela abriu um movel e dêle tirou a minha carta na qual havia escrito as seguintes linhas, após a minha assinatura :

«Um impulsivo, de genio combativo e ardente, mas de character recto e franco.

Alma afectiva, terna, confiante e fiel.

Espirito gentil, propenso ás cousas da arte, amando o belo em todas as suas manifestações, com tendencia á prodigalidade.

Nervos vibráveis, muito facilmente impressionáveis. Temperamento de mulher boa num corpo de homem correcto e consciente dos seus deveres. Sentimentos e convicções firmes».

Depois que acabei de ler, entreguei-lhe a carta sorrindo e disse-lhe :

— E se a minha caligrafia te tivesse iludido ?

Ela respondeu logo :

— A letra não engana nunca ; não ha sciencia mais exacta do que a grafologia. Aprendi-a com um dos mais célebres grafólogos do meu país e, depois que me foram revelados os seus métodos para descobrir pela letra o character, o genio e o temperamento de quem a traçou, nunca errei nos meus prognósticos. Eu tinha a certeza absoluta de que tu eras exactamente o homem que a tua caligrafia me revelou e, por isso, cheia de esperança e sem hesitação, escrevi-te, respondendo á tua carta e concedendo-te a entrevista que me pediste.

— Cheia de esperança, disseste ; da esperança de verificar a exactidão dos teus prognósticos ?

— Não ; cheia da esperança de encontrar em ti o homem que toda a minha vida procurei para companheiro da minha existencia, para socio dos meus júbilos e dos meus pesares. E achei-o.

— A tua explicação satisfaz-me completamente ; o ponto obscuro tornou-se claro e agora, que na nossa vida não ha mais reticencias, dize-me, cara amiga : estás resignada a ficar aqui, ou dejas voltar ao teu país ?

— Estou, não resignada, mas disposta, sem sacrificio de especie alguma, a ficar contigo aonde te aprouver viver. O Brasil, pelo que já conheço, é um país encantador, onde se vive tão bem e com tanto confôrto como na França ou em outro qualquer. Hospitaleiro, dispondo de recursos inexgotáveis, encantador pela sua natureza, pela afabilidade do seu povo e pela sua civilização adiantada, o Brasil atrai o estrangeiro e fixa-o ao seu solo fértil e generoso pela fascinação que em todos exerce. Eu sinto-me fascinada pelo teu formoso país e tenho o maior prazer em continuar a viver nele, desde que viva a teu lado.

Encantado estava eu, ouvindo-a falar assim, sem constrangimento, com a maior sinceridade. Todavia, para que ela não me supusesse um egoista, perguntei-lhe:

— E tua mãe? Não desejas vê-la?

Os olhos de Louise velaram-se, mas logo, sem fazer um esforço visível, respondeu-me:

— A mamã, a minha boa e doce mamã, oh! sim, desejo tornar a vê-la, tê-la mesmo a meu lado, até ao fim da sua existencia. Mas, já pensei nisso: no caso de ficarmos aqui, ela virá para junto de nós, para que nos abençõe, para que presencie a nossa ventura e dela participe também.

— Disseste-me um dia que eu era o ideal dos homens. Cabe-me a vez de te dizer agora que tu és o ideal das mulheres. Consente que eu beije a bôca que tantas cousas consoladoras e ternas acaba de proferir.

E beijei-a com paixão e enternecidamente.

Depois, explicando-lhe a minha situação, disse-lhe:

— Também, como tu, tenho uma mamã, unico ser da familia que me resta, que me adora e que eu adoro. Seria para mim um sacrificio imenso sair agora daqui deixando-a, porque o seu estado de saúde, sempre precario e melindroso, não lhe permite as viagens de longo curso. Assim, tenho que agradecer-te o alvitre que lembraste de mandar vir a tua mamã, o qual nos permite vivermos ambos juntos dos seres que nos são caros.

No dia seguinte, dia de mala para a Europa, a carta de Louise partiu, chamando a mãe ao Brasil.

(Continua)

GARCIA REDONDO,
da Academia Brasileira de Letras

O meu optimismo

Bem ou mal, — por uma acertada interpretação dos factos ou por impulsos inflexiveis do temperamento sobrepondo-se ás demonstrações da realidade, não ha modo de me afastar de um seguro e fundamental optimismo. Nem o despenhar tremendo do cataclismo presente o abalou ou sequer escureceu. Muitos são nesta hora tragica os profetas de desgraça aterrados e desalentados; muitos descreram da virtude dos homens, da beleza do mundo e da felicidade da vida. Mas não me comoveram os seus lamentos; nem a alegria nem a esperança me desampararam ainda. Porventura será impiedade afrontar de ânimo sereno os anátemas e presagios lúgubres das visões tenebrosas em que uma humanidade amaldiçoada e vencida pena eternamente no êrro, na violencia e na dôr. Embora! Tenho de confessar que anjos bons me sorriem na tormenta e sorrindo me asseguram que o mundo é hoje melhor do que ontem foi, e será amanhã melhor do que hoje. Nesta confiança me erguem de todas as atribulações; e nesta fé me fortificam para a fadiga e para o trabalho.

Na Europa abrasada em fogo e inundada de sangue, inflamada em odio e abandonada á soberba, á tirania, á crueldade e á cobiça e á devassidão, a toda a abominação em que seres humanos podem resvalar, estrêlas propícias me advertem de que nunca, em época alguma de que nos reste lembrança, foi mais viva e mais pungente e poderosa a consciencia dos deveres de que o amor fez a lei da civilização e a condição impreterivel e insubstituivel da dignidade e da ventura dos homens e das sociedades. Nunca nos tocou tão de perto e insistentemente a obsessão do

crime, se a êsses deveres faltamos; nunca o nosso peito tanto o temeu. Facto novo na história — se muito nos atormentam a desordem da guerra, a perda de vidas, o aniquilamento de bens, a morte e miseria de que ela cobre a terra, sobretudo nos envergonha e entristece o espectáculo da propria fraqueza e baixeza, a traição a mandados divinos, esta degradação de quem não soube perseverar na fidelidade ao seu princípio de vida e por ela afastar, para sempre, os dias de calamidade. E' singular que aqueles mesmos que premeditaram a guerra e a prepararam e provocaram, êsses procurem tenazmente defender-se das atrocidades que a condenação pública lhes atribue, todos se esforçando por deixar provado que não foram os autores da guerra, e mutuamente lançando á conta dos adversarios as responsabilidades. Na imprensa, nos parlamentos e nas chancelarias, os reis, os seus ministros e os capitães de armas não descansam na obsessão de legitimar com razões de direito e com a fatalidade das cousas as violencias e crimes que praticaram e toda a desgraça de que directa ou indirectamente são causa. Uma estranha inquietação os precipita no ardor de se libertarem daquela attitude de assassinos e de verdugos a que uma maliciosa adversidade insistentemente os condena. A espada do Breno perdeu o pêso. *Vae victis* já não é razão bastante para a absolvição da história. Os louros dos heróis sentem-se manchados se não se lhes entretecem palmas de santidade; os atropelos e despojos dos combates escondem-se como ignomínia. A fôrça tornou-se incapaz de outorgar a glória, se o respeito de mandamentos e virtudes de isenção a não purificar.

Para quem conheceu tão proximos os tempos em que as armas só por si eram todo o direito e consagravam a monstruosidade, o mundo vai a coroar-se de luz através de uma densa e agitada cerração. A insinuação de uma justiça mais alta do que aqueloutra demasiado contingente, relativa e humana que ficava entregue á ponta das espadas, êste imperio progressivo de uma essencia imponderavel, prevalecendo sôbre toda a contingencia e incerteza, o poder e dominio das eternidades sôbre os accidentes da existencia, robustece os menos crentes na continuidade da civilização. Um novo alento vivifica a terra.

Evidentemente, sem embargo de lutas temerosas que as cobichas e o orgulho das classes dominantes atearam e que os povos pelejam constrangidos, na suspeita de que se tornam instrumentos de horriveis flagelos sem beneficios que lhes atenuem a enormi-

dade; apesar de um acesso morbido de loucura, e mesmo durante êle, o mundo de hoje é melhor do que o de ontem, mais caridoso e infinitamente menos inconsciente das suas responsabilidades morais e religiosas. E, só porque assim acontece, deixa-nos a certeza de que amanhã será melhor do que hoje.

O passado responde pelo futuro. A fôrça oculta inicial do passado, o espirito que lentamente o iluminou, conduziu e ergueu da barbaria de uma mera animalidade combatente á simpatia de uma comunidade e ao vínculo de uma fraternidade, êsse sentimento que nos fez renascer da opposição para a afeição, êsse tem sofrido todas as provações, e através das provações tem dilatado a extensão e profundidade do seu dominio. A sua actividade não cessa e, não cessando, é certa a multiplicação da sua fecundidade, traduzida em toda a escala das relações entre os homens.

Depois, as realidades da existencia na vida concreta parecem seguir por uma ligação misteriosa as realidades da vida do espirito. A propria natureza lentamente se torna menos esquiva, como mais docil e mansa. Pouco a pouco nos confia as suas fôrças, pouco a pouco as deixa ao nosso serviço, cada vez mais facil e fecunda em nos dar o agasalho e o pão. Se hoje os homens empregam êsse imenso poder em alimentar a ferocidade e a ruina, e se o desonram e pervertem, nem por isso o extinguem; e bastar-lhes-há um rebate do coração, um impulso da consciencia, que não adormeceu, para que êsse poder se converta em viático da propagação da especie e de toda a bondade e alegria que em seu espirito habitarem.

Mais de perto, na rigorosa estreiteza da vida actual e quotidiana, sem ir além do que os meus olhos vêem e os meus sentidos alcançam, se escuto o que ouço em volta do meu lar e atento unicamente nos destinos da minha patria, novas fontes de optimismo me sorriem. Aqui persiste, tão robusto como o senti na imensidade das amarguras em que os povos menos proximos consumam sua negra sorte; aqui me faz esquecer, na frescura e viço de renovos, o clamor de uma tempestade que despedaçou árvores soberbas e arrastou na torrente a beleza e a graça das flôres que desfez e das fôlhas que arrancou.

Tivemos ha pouco uma revolução politica que, como todas as revoluções dêsse genero, foi fertil em erros, crimes e violencias. Muitos homens morreram, muitos casais empobreceram, e muitos choraram agonias infinitas. Mas nossos pais e avós tambem so-

freram as agonias de uma revolução politica, e da sua bôca ouvi ainda a narração dêsses dias tenebrosos — assassinatos, fôrcas, dilapidações, batalhas, perseguições, vilanias, todo o sórdido e ferino desencadear de infamias e paixões que são as sacerdotisas sinistras do culto e dos combates do orgulho e da ambição, e tambem, forçoso é que se diga, muitas vezes as convulsões de uma justa libertação. Hoje, como então, tivemos assassinatos, crimes, dilapidações, batalhas, vilanias e prisões, mas a ferocidade das revoluções dos nossos dias será de uma apagada debilidade, comparada com a das revoluções de há setenta ou oitenta anos; é de uma clemencia, sem dúvida, inacreditavel nas revoluções que as precederam, se estas a pudessem ter conhecido. A escuridão das penitenciárias, que é grande e fúnebre, seria uma aurora nas masmorras de Almeida, em cuja sombra se perderam e santificaram mocidades heroicas; e já não há braços com coragem de restaurar as fôrcas da Praça Nova, para sempre caídas e apodrecidas.

Houve emigrados, agora como nas revoluções liberais do seculo XIX, e muitos teriam suportado indigencia de toda a especie, fisica e moral. Mas, por honra nossa e dos estranhos, não se tornou necessario reedificar aquele barracão de Plymouth onde os vermes não se limpavam da roupa e do corpo um a um, porque tantos eram, apinhados, que o mais pronto e eficaz era queimá-los, passando-lhe uma brasa e soprando-a. Contou-mo quem lá esteve, um homem de alto valor que me distinguiu com a sua amizade, Manoel José Mendes Leite.

Assaltam-nos ameaças de fome, bem o sei. A' desorganização da economia nacional, em grande parte proveniente de prolongada incúria e insensatez da administração pública, juntaram-se embaraços gravissimos derivados da crise que a guerra produziu em todo o mundo. Daí vem uma situação difficil e angustiosa. A escassez de subsistencias determinou, além das difficuldades de provisão, uma elevação de preços que para as pequenas fortunas, para muitos milhares, obriga a uma redução de despesa que muitas vezes não pode deixar de ir abaixo do indispensavel. Um casal de três ou quatro pessoas cujo rendimento não excede 150 escudos anuais, e êste é um caso comum e vulgarissimo, teve necessariamente de ir até á diminuição da ração de pão habitual para fazer face á nova situação. Ha-de haver no país muitos mil homens coagidos a êsse extremo.

Mas por outro lado é maravilhoso que uma crise de semelhante magnitude se suporte sem maiores perturbações e violências, e até dando sinais de uma capacidade de reacção económica inesperada. Os mercados inventam modos milagrosos de se abastecerem, e cresce o movimento de mercadorias nos caminhos de ferro, mesmo quando baixa o das alfandegas. Descobrem-se recursos que se não sonhavam, aproveitam-se bens desperdiçados, e a rápida criação de valores atenua e em grande parte compensa um súbito empobrecimento que, traduzido em números, seria representado por somas fabulosas.

Através do desequilíbrio económico e da anarquia, que são assistentes obrigados de todas as revoluções, não pode uma inteligência serena e ponderada fugir a reconhecer que a condição económica e moral do país é, em última análise, superior ao que era ha cincoenta ou sessenta anos, embora presente, em certos pontos, perigosos sinais de depressão ou degeneração, de que um dia espero ocupar-me mais extensamente do que me seria possível nestas ligeiras notas. A lendária *brandura dos nossos costumes*, tão levemente escarnecida pelos *homens fortes* da geração passada, tornou-se uma fôrça eficaz e benéfica contra a qual os mais violentos já não se atrevem a combater; e a fecundidade dos nossos recursos, o nosso trabalho e riquezas, mostram-se elevados muito acima do que logicamente podia esperar-se da incúria dos poderes, suprida pelos esforços individuais mais largamente do que se suspeitava. Sintoma tão animador como concludente, as energias livres e indisciplinadas da raça, alheias a toda a tutela, ou mesmo apesar do constrangimento de tutelas opressivas e contrárias, em todo o tumulto e naufragio conseguiram subsistir e prosperar, levando a cabo a jornada para melhores destinos.

Queixamo-nos da ignorancia nacional, e sobejam provas de que é formidável. Mas não sei que o lavrador e o operário, que muitas cousas modernas uteis á sua arte teem aprendido, esquecessem alguma das que seus avós conheciam; e o operário da cidade, em contacto mais proximo de focos de cultura intensa, gradualmente se habilita e prepara para prosseguir na missão de reforma que a dignidade lhe exige. Os desvairamentos frequentes das suas aspirações e as desgraças que provocam, não invalidam nem a justiça latente em que se fundaram nem a nobreza do esforço que alimentam. Encontrei-me ha pouco entre operários,

em uma carruagem de terceira classe. Animada e livremente discutiam a guerra, e entre si explicavam os incidentes das batalhas e a situação, ambições e manejos das nações empenhadas no conflito. Em muitas coisas se enganavam e em muitas outras ficavam a meio caminho da exactidão e do conhecimento. Se, porém, os comparo com os trabalhadores com que na minha mocidade lidei de perto, é gigantesco o desenvolvimento do saber e intelligencia que nestas ultimas décadas accumularam. Por muito incompleto que êle se mostre, o facto do progresso presagia o alargamento consecutivo e um bom termo.

Esta mesma revista em que imprimo estas linhas, alguma cousa diz do caminho percorrido. Não fôsse certo estado de espirito que a sugeriu, e a *Atlantida* não teria nascido para significar e alimentar uma fusão de interesses e aspirações que por seu natural crescer determinaram a invocação de intérpretes capazes. Não é um facto novo na história nacional a assiduidade de relações entre Portugal e o Brasil; essa vem de longe e abundantemente sustentada, caudalosamente nutrida, por interesses inumeraveis, onde os de ordem economica, mais evidentes, se envolviam com outros de ordem espiritual, não menos vivazes, pôsto que dispersos e confundidos sob diversos aspectos. Mas a consciencia dos laços que prendem os dois países e os unem em uma só alma, o conhecimento íntimo da identidade e comunidade em que vivem uma mesma vida e consumam uma mesma missão, isso é que é uma luz acesa em nossos dias. E esta passagem da obscuridade dos instintos á clareza da consciencia envolve promessas de uma fecundade incalculavel. Se a nacionalidade é a «vontade de cooperar», na definição de Arnold Toynbee, nunca Portugal e Brasil se confundiram tão estreitamente como agora em uma unica nacionalidade, alargando os seus dominios e esforços recíprocos, e exaltando-se nas mesmas esperanças. Porque só agora descobriram e sabem ao certo o que em comum possuem e como caminham inseparaveis na jornada.

O pessimismo que de tudo tira pretexto para se expandir em jeremiadas e maldições dissolventes e corruptoras, êsse veneno mortal de toda a actividade, a tristeza pecaminosa que, emquanto ensina a julgar mal do proximo e a aborrecê-lo, conjuntamente desalenta do trabalho de criar e servir, talvez não tenha outro fundamento senão uma surda e insaciavel avidez enfermiza, certa impaciencia, de ordinario instigada por um cego e absorvente

egoísmo, pronto a ampliar em desastre nacional e universal o que em contas bem feitas não passará da perda de meras comodidades pessoais.

De outro modo, com duas linhas de história e com boa vontade em proporção correspondente, igualmente modesta, teremos quanto baste para sabermos que os homens e o mundo melhoram constantemente. Se sofrem uma pausa ou impulso de reacção na carreira, é apenas para a retomarem em ponto mais subido e daí a acelerarem com maior energia. A dissolução é afinal uma lei de vitalidade, embora proceda por aniquilamento; de dissolução em dissolução se tem operado todo o progresso do mundo físico e moral. Para que os ramos cresçam e os renovos medrem, forçoso é que os ramos velhos apodreçam e caiam. Mobilidade e crescimento pressupõem eliminação e morte. Ao fim de cada estio, a árvore é mais alta do que no estio anterior, embora o chão fique juncado dos seus despojos; e, se caíu apodrecida e exausta, logo outras nascem e cobrem de verdura o seu lugar.

Ha poucos anos, em 1911, um orientalista de grande nomeada, Flinders Petrie, traçou a sùmula da sua concepção do processo das civilizações em um pequenino livro que intitulou *The Revolutions of Civilisation*.

Com a autoridade propria de quem sondou profundamente a história de mais de quarenta seculos das civilizações do Mediterraneo, começa por considerar que «os ultimos cincoenta anos alargaram em grande extensão o nosso conhecimento da historia. Encontramo-nos em situação muito diferente da de todos os que nos primeiros tempos se ocuparam da situação do homem. Emquanto anteriormente nada se sabia que não viesse de recordação escrita, transmitida de geração em geração, hoje folheamos manuscritos que viram a luz pela ultima vez quando Roma governou, lemos as memorias colhidas milhares de anos antes do Pai da História, e por muitas outras actividades e produtos de trabalho humano sabemos como reconstruir o passado não escrito.»

«Parece pois chegado o tempo de traçar o contôrno geral da história da natureza humana.» Temos para isso a abundancia de materiais que nunca houve, e para isso aprendemos a proceder com um método eficaz.

Poderemos nós tirar uma significação de todos os redemoínhos e combates, triunfos e desastres dêsses milhares de anos? Poderemos ver por detrás dêles qualquer estrutura regular? Po-

deremos aprender quaisquer principios gerais que formulem o passado e se projectem nas névoas do futuro?»

Até hoje, considerando a história do Ocidente, referida apenas á grande civilização clássica, «estivemos na situação de uma criança que se lembra de um unico estio antes daquele que goza. Para ela, o inverno frio, negro, miseravel, que sobreveio, parece uma inutil e inexplicavel interrupção de uma ordem mais feliz, de um estio que nunca devia cessar. Ainda há poucos anos, um escritor de reputação deplorava a queda misteriosa do imperio romano, que, a seu ver, devia ter sido sempre próspero e nunca seria derrubado pelos bárbaros.»

Por uma substanciosa conjugação de factos, admiravelmente ordenada e abrangendo as civilizações do Mediterraneo e parte das do Oriente, Flinders Petrie vem a demonstrar que «a civilização é um fenomeno intermitente», com principios de repetição definidos e com uma linha de flutuação constante. As depressões seriam determinadas pelo cansaço das raças e a elevação consecutiva derivaria do impulso da insinuação de um sangue novo. «Em todo o caso no qual pudemos examinar suficientemente a história, encontrámos uma raça nova introduzida no país quando a vaga desceu ao nivel mais baixo. Toda a civilização de uma população fixada tende para uma decadencia incessante do *maximum* da sua condição; e esta decadencia continua até que a raça se tornou muito fraca para iniciar o quer que seja, quando uma raça nova vem e utiliza a velha reserva para nela se enxertar, em cultura e no sangue conjuntamente. Desde que a liga está bem feita, rapidamente cresce no velho solo e produz uma nova vaga de civilização. Não ha geração alguma nova sem uma mistura de sangue; a partenogénese é desconhecida no nascimento das nações.»

Para a segurança moral dos homens, a lei capital das flutuações da civilização será, porém, o character, sôbre todos os demais evidente, das ondas por que ela procede e se mantêm. Essas indicam que «são cada vez menores os intervalos de barbaria entre as civilizações e que a fase civilização se tornou mais prolongada em cada uma das suas repetições. O que vai de acôrdo com a idea comum de que o mundo se torna mais civilizado á medida que os tempos passam, não obstante o facto esmagador de que em muitas especies de civilização as repetições sucessivas não apresentam melhoria.»

É interessante notar o lugar que as formas de govêrno tomam no sistema. Ficam para o fim. Porque «as formas de govêrno, assim como a administração das cousas quotidianas e a repressão do mal, pouco significam, quando comparadas com os grandes interesses constitutivos do espirito humano. É verdade que em todos os tempos o homem muito pensa e fala em governos. Mas o cuidado dos homens não importa de modo algum o valor real de um assunto, como se deduz do perene interesse no jôgo que ao presente ocupa uma larga parte da imprensa na Inglaterra. Assim, o govêrno interessa muito mas importa pouco. A história coustitucional é uma invenção estéril, comparada com o valor permanente da arte, da literatura, da sciencia e da economia. O que o homem *faz* é o essencial em cada civilização, e o que êle lega ás épocas futuras; as relações entre as diferentes classes de um país são meramente subsidiárias. A Inglaterra, a França e a Russia serão lembradas por Newton, Pasteur e Mendelieff, quando todas as suas formas de govêrno estiverem esquecidas.» As formas de govêrno vão do despotismo e da oligarquia, necesarios e indispensaveis aos períodos iniciais de cada repetição da civilização, á democracia que gradualmente lhes toma o lugar, á proporção que a ordem multiplica a riqueza. Depois, as democracias envelhecem e empobrecem, de ordinario nas dificuldades da distribuição da riqueza, até que gerações e raças mais fortes as dominam e substituem. «Esta é a ligação regular das formas de govêrno, ou das relações das classes, inerente ás condições das revoluções de civilização.»

Neste suceder de estações e através das suas remitencias se prolonga, repete e acrescenta a civilização, pelo contacto e influencia mútua dos enxames humanos, e sem que sofra quebra, nem a sua lei de esfôrço contínuo, nem a capacidade de ressurgimento, nem a amplitude progressiva dos períodos de prosperidade.

Em face das leis que Flinders Petrie estabelece, fica sujeito a muito diversas soluções o futuro das civilizações contemporâneas. A activa mistura de raças que se opera em todo o mundo, elemento com que não podemos deixar de contar, reduz as possibilidades de renascimento por insinuação de sangue novo e parece conduzir a uma situação de estabilidade ou de definhamento irremediavel. Mas por emquanto fica certo e firme que até hoje ainda não houve período de civilização decadente que não fôsse

o prólogo de um período de civilização ascendente e mais atuado que o período identico anterior; nem tão pouco facto algum impede que se repita pelo renascimento das gerações, renovando a sua capacidade e consciencia na experiencia da vida, o que tantas vezes se operou pela fusão das raças. Causa alguma se opõe a que se renove pelo espirito o que pelo sangue se renovava, tanto mais que o sangue tem valido, não por suas qualidades fisiologicas, mas pelo espirito de que é portador. Aos homens sucederá o que a cada passo sucede a outras especies abastardadas que, no mesmo lugar em que degeneraram, aí se regeneraram por actividades íntimas e misteriosos efeitos de selecção natural.

Não há «nações moribundas». A arrogancia da cobiça política de lord Salisbury é que achou vantajoso êsse pretexto, para legitimar seus efeitos e os isentar de mácula no que ofendessem a moral internacional e os sentimentos de humanidade. Mas, no fundo, faça-se-lhe essa justiça, êle mesmo sorriria da jactancia, sabendo quo as vicissitudes das nações e dos povos, os seus esplendores e miserias, são apenas provenientes de um estado de saúde ou de doença transitorio, e que o conhecimento do passado e a observação das energias essenciais da vida, a história e a sciencia, em toda a hipótese nos asseguram tanto o restabelecimento da doença como a depressão da prosperidade.

O pessimismo não será, em derradeiro exame, unicamente uma enfermidade dos individuos e das sociedades, certa míngua de fluido vital; será tambem uma obtusidade e um êrro, uma ignorancia e uma estupidez. Além de sinal de uma ruindade ingenua que desconhece a que optimismo conduz o amor do proximo e o espirito de o servir, será uma incapacidade de compreensão e de reflexão.

Não! A civilização não é uma utopia destinada a perpétuos naufragios. Tudo isso que sob aquele nome queremos e desejamos, riquezas, arte, liberdade, bondade, quanto engrandece o espirito e alegra o coração, tudo isso constitue uma actividade indomavel que demonstradamente prevalece e domina, por mais radicalmente que a imaginemos destruída.

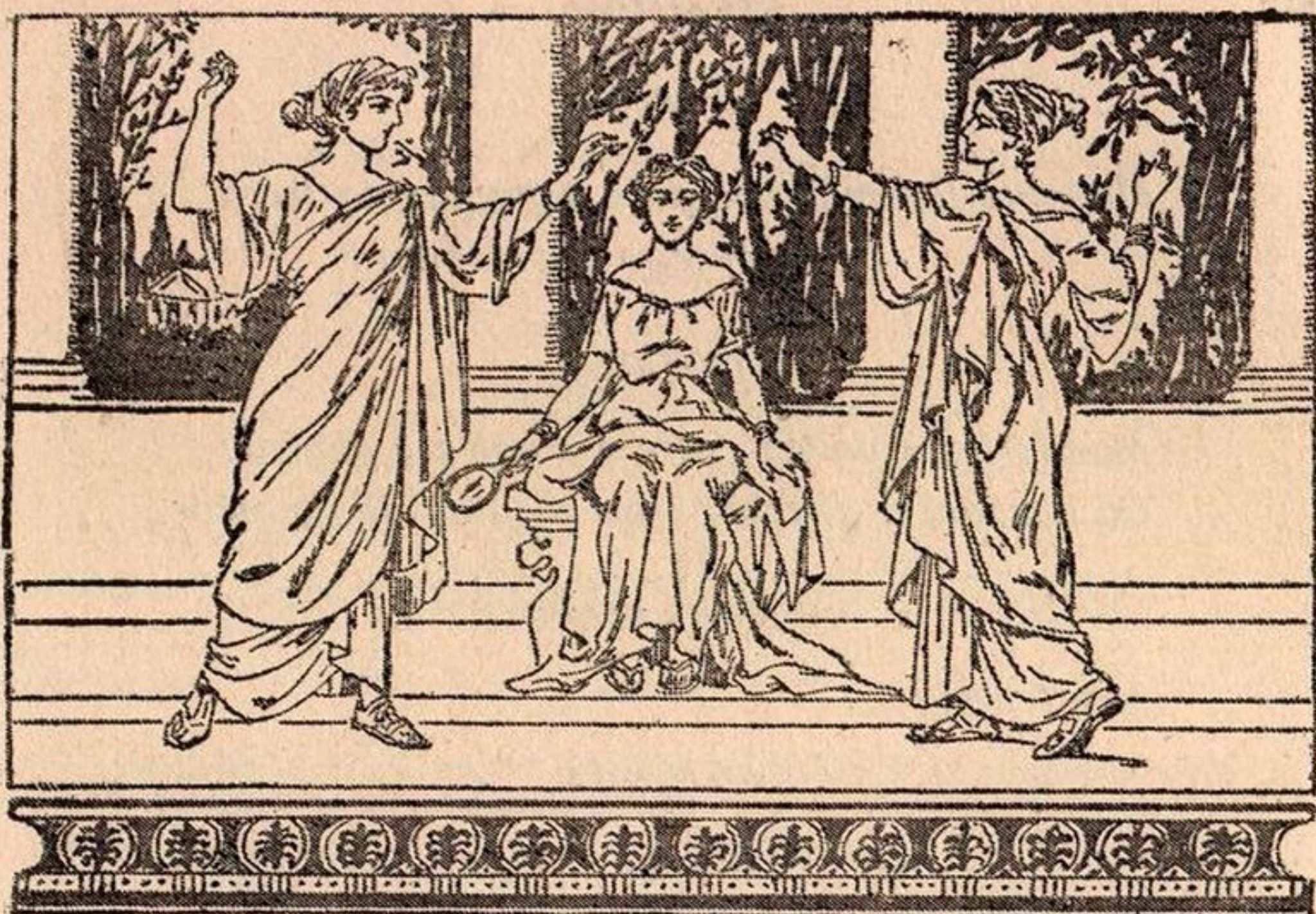
Ou consideremos o mundo em toda a latitude ou simplesmente vejamos o retalho de terra que é a nossa patria, não encontraremos motivo para desfalecimento, nem mesmo entre as atribulações da hora presente. Desde o chão que periodicamente se co-

bre de verdura, apesar do castigo de todos os invernos, até aos homens que invariavelmente recuperam esperanças, apesar das desgraças de suas infinitas contrariedades, tudo anuncia vigor e ressurreição aos homens de boa vontade e coração sensível.

Isto se, muito mais singelamente do que eu julgo, o pessimismo é alguma coisa mais do que um tema literario que a gente rica usa e glosa e ao qual por desfastio criou afeição. Porque, por muito contraditorio que tal pareça, o pessimismo é, em regra, apanagio da gente rica, bem nutrida e agasalhada. Essa é que traz sempre pronta, para remate dos lamentos, a conclusão de que «isto dá vontade de morrer.» Os outros, os que realmente sofrem toda a casta de penúria, êsses teem dentro do peito um optimismo indomavel; se se sentem mal, trabalham para se verem melhor, nem sequer discutindo se «isto dá vontade de viver», porque não querem outra coisa senão viver. Purgados de todos os laivos de snobismo, visto que o orçamento doméstico não lhes dá sobras para caprichos, êsses vão, quando menos o imaginam, pelo preceito apostólico. Em quatro palavras, que aliás ignoram, como todo o latim, teem condensada a sua religião e regra de vida — *Labora et noli contristare.*

Eixo, 2 de Março de 1916.

JAYME MAGALÃES LIMA.



Página de Aristófanes

Da comédia *Lysístrata* :

MYRRHINA

*Para que volte a paz, como um divino agoiro,
E fujam para sempre as armas e os receios,
Eu vendo, ó deuses, a cintura d'ouro
Que me aperta os seios.*

CALÓNICE

*Dá-me o mais alto monte, a rocha mais vivaz :
Subo-a, correndo, para ver a paz !*

LYSÍSTRATA

*Só depende de ti que a guerra acabe;
Myrrhina, tens a paz quando quiseres :
A paz dos homens — toda a gente sabe —
Depende das mulheres.*

ATLANTIDA

MYRRHINA

*Mas que faremos nós para espalhar na terra
Esse sossêgo pacificador?*

LYSÍSTRATA

*Mandá-los escolher entre o amor e a guerra:
Ou acabam a guerra, — ou negamos-lhe o amor.*

CALÓNICE e MYRRHINA

Não! Não!

LYSÍSTRATA

*Que razão ha p'ra que assim te rebeles?
Tu, Calónice? E tu? Nunca dormiram sós?*

CALÓNICE

*Tu bem vês que, em amor, se os privamos a êles,
Privamo-nos a nós...*

LYSÍSTRATA

*Queres vê-los, então, transformar numa ruína
Templos, deuses e lar?
Que dizes tu, Myrrhina?*

MYRRHINA, sorrindo

Deixá-los guerrear...

JULIO DANTAS.

A AMERICA DO NORTE

As cidades. Os indivíduos

Publicamos hoje um excerto do novo livro de Alfredo de Mesquita, prestes a sair. A *Atlantida* agradece ao admiravel prosador a sua colaboração valiosissima. Alfredo de Mesquita é um espirito scintilante e culto, um nobre e raro artista da palavra, possuindo, ao mesmo tempo, uma lúcida visão da vida e dos homens. O seu livro novo, onde estas qualidades tão brilhantemente se exteriorizam, vai ser um grande sucesso; e a *Atlantida* orgulha-se em poder ofertar aos seus leitores um trecho do magnifico trabalho, digno dos mais sinceros e calorosos elogios.

Quem deseje ir ver o Grande Cañon do Colorado tem de parar em Williams, onde se deixa o comboio, para montar a cavalo, e dali grimpar até ao ponto de partida para as grandes excursões ao redor do Cañon.

Chego a Williams pelo amanhecer de um dia chuvoso e quente. A montanha é longínqua ainda, a paragem é ainda em pleno deserto, apenas a mancha de um ensaio de arvoredos atenua a hostilidade dessa dantesca vegetação de cardos que durante o trajecto dos ultimos dias nos martirizava os olhos.

A estação do caminho de ferro é uma construção pequenina, mas bastante para o movimento de passageiros, que é quasi nenhum.

Na ocasião em que eu me apeio, só se apeiam mais dois viajantes. Não ha um homem que nos leve as malas para a hospedaria. Não ha sequer uma chávena de café ou um copo de leite que se tome.



Mas a hospedaria é perto. E não é hospedaria ; é hotel. Hotel com tudo quanto se pode ter num hotel que nos não custe mais de cinco dólares por dia, o que já aqui é bom preço médio para quem deite contas ao dinheiro que gaste em viagem.

O contraste entre o edificio e insignificancia da estação e o edificio e comodidades do hotel é muito flagrante, e assim se explica : a estação é provisoria ; o hotel é definitivo. Nós teríamos feito um hotel tambem provisorio, e talvez com acêrto. Williams não é hoje mais do que um apeadeiro para os raros viajantes que se dirigem ao Grande Cañon. A paragem aqui é obrigada ; e o americano que viaja por prazer não dispensa confôrto nem comodidade. Nós costumamos dizer que uma noite em qualquer parte e de qualquer modo se passa ; e temos o corpo tão afeito ás durezas da enxêrga, que se bem o dizemos, melhor o fazemos. Mas o americano, que dispõe sempre que precise do estôfo rude do *cowboy*, desde que saia de casa para ir desfrutar um ponto de vista, ainda que para isso tenha de arrostar com a travessia do deserto, não dispensará o seu colchão de molas, o seu tapête felpudo ao descer da cama, o seu botão de luz electrica á cabeceira, o seu quarto de dormir comunicando com o seu quarto de banho, o seu telefone para as suas ordens ao criado.

Se quando a Companhia dos Caminhos de Ferro de Santa Fé lhe pôs diante dos olhos o primeiro cartaz da sua primeira excursão ao Grande Cañon, lhe não tivesse logo afiançado que êle iria lá encontrar todas essas regalias, êle não teria lá ido. E a Companhia, antes de construir uma boa estação, que era o menos, tratou da instalação de um bom hotel, que era tudo.

Da parte de cima do hotel abriu-se um *saloon*, ou casa de bebidas, com um fornecimento de *whiskys* e cervejas tão completo como o de qualquer dos melhores estabelecimentos do género de Nova-York ou Chicago.

Da parte de baixo pôs-se uma farmacia, e nessa farmacia, como em todas as farmacias da America, o viajante encontra, além de todas as drogas necessarias ao aviamento de todas as receitas, todas as marcas de tabaco de fumar e de mascar, todos os frascos de perfumaria, todas as qualidades de sabão de *toilette*, toda a variedade de sorvetes, de refrigerantes, de aguas de mesa, de bon-bons, todas as colecções de bilhetes postais illustrados, todas as fórmulas de franquia do correio.

Defronte, fundou-se um jornal ; e por meio dêsse jornal, fa-

vorecido por todas as facilidades de informação das agencias telegraficas, e no meio do deserto, o viajante recebe a nova dos grandes factos universais da véspera, a cotação das suas acções de minas, a revelação do último invento de Edison, ou da última palavra de Roosevelt . . .

Uma estação de caminho de ferro, um hotel, uma farmacia e um jornal são o fundamento de toda a cidade americana.

Williams, que hoje é apenas um oásis, será daqui a dez anos, como havemos de ver, uma cidade completa.

Nada se parece tanto com uma cidade americana como outra cidade americana. Os mil aspectos da vida dos Estados Unidos, de uma tão intensa variedade para o europeu, teem de ser procurados entre os factos que mais directamente resultam do clima, da raça, da educação, da organização social, tão diversas de estado para estado; e do sentimento, êsse unísono, de independencia na acção individual, e de originalidade na escolha dos meios utilizados por essa mesma acção.

Se houvesse na America uma unidade de espirito e uma unidade de costumes comparaveis á uniformidade das apparencias, que o viajante apressado nota na visita das suas grandes cidades, a vida americana seria de uma monotonia atroz. Mas não. As necessidades e as leis, os interesses e as paixões, as virtudes e os vicios, tudo quanto determina ou explica os traços de caracter de uma população, tudo isso engendra aqui uma infinita complexidade de factos.

Se ao corte do vestuario que o americano usa, ao feitio de chapéu que o americano prefere, á forma de sapato que o americano calça, correspondessem habitos e normas que lhes fôsem inseparaveis — como acontece em alguns países da Europa, onde a sobrecasaca exprime um preconceito, o chapéu alto divide classes, e a polaina nobilita — imagine-se o enfado que seria para olhos sempre ávidos de outras formas e de outras côres (como se tornaram os olhos de quem já muito viu percorrendo mundo) imagine-se o enfado que seria o de quem passasse um quarto de hora a uma esquina da Olive Street, na cidade de S. Luís, ou da Tremont Street, em Boston, onde, parece, só se acotovela gente de chapéu de côco! Mas se eu disser, embora exagerando um pouco o senso da população, que uma terça parte dessa gente que por aí transita é gente de pele negra; que outro terço é de pele amarela; e o outro de pele branca;

sendo frequente encontrar-se ainda, á mistura, um ou outro pele-vermelha, facilmente se compreenderá o interesse que pode despertar a vida, na intimidade, 'de uma tão estranha mescla de raças.

O viajante que percorreu todos os grandes e pequenos países da Europa, e viu como de uns para outros a simples delimitação de fronteiras marca uma súbita mudança no scenario da paisagem, na maneira do trajar, nos usos, na lingua, na história, na tradição, só começa a compenetrar-se bem da enormidade de proporções que tudo toma aos seus olhos nos Estados Unidos da America, depois que andou trinta e seis horas em caminho de ferro através da mesma paisagem; ouviu falar a mesma lingua desde o Maine ao Missouri, do Missouri ao Colorado, do Colorado á California; penetrou no indizível bulicio das cidades.



Em Nova York como em Chicago, em Boston como em Filadelfia, em Baltimore como em Buffalo, em Cincinnati como em S. Luís, em Kansas City como em Portland, em S. Francisco como em Los Angeles, as casas nos bairros dos negocios teem os mesmos dez, quinze, vinte andares, acomodando os mesmos vinte inquilinos por andar, servidos pelos mesmos quatro, seis, oito ascensores em movimento contínuo.

A's estações dos caminhos de ferro convergem as linhas das mesmas cem ou mais de cem diferentes companhias; e nas salas de espera, nos depositos de bagagem, junto dos postigos das bilheteiras, é a mesma multidão ansiosa, de gente de toda a casta, precipitando-se em busca dos seus lugares, em busca das suas malas, em busca dos seus bilhetes.

Todas as ruas foram abertas obedecendo ao mesmo plano, divididas nos mesmos blocos, ordenadas pelos mesmos números, ou designadas pelos mesmos nomes. Não há cidade americana que não tenha, entre a sua 5.^a e a sua 6.^a Avenida, ou entre a sua

20.^a e a sua 21.^a, a sua Rua Washington, a sua Rua Jefferson, a sua Rua Lafayette.

Nos mesmos bairros exclusivamente habitados pelos negros, ou pelos chinêses, ou pelos italianos, o que se vê é o mesmo: as mesmas carapinhas, os mesmos rabichos, as mesmas guedelhas de tenor; os mesmos batuques, os mesmos tan-tans, os mesmos realejos moendo as mesmas árias.

Nos teatros representa-se o mesmo género de peças; nos *music-halls* dão-se os mesmos concêrtos; os fonógrafos repetem indefinidamente a mesma romanza ou o mesmo *rag-time*; os prégadores da Salvation Army pregam os mesmos sermões, no meio dos mesmos *squares*, junto do pedestal da mesma estátua de Lincoln, ou de algum fundador de asilo, ou de algum protector dos animais.

Por toda a parte os mesmos hotéis, os mesmos clubes, os mesmos ginásios, as mesmas bibliotecas, as mesmas sociedades de temperança, as mesmas lojas maçónicas, as mesma companhias de seguros. E o mesmo *whisky*, o mesmo sorvete, a mesma torta de frutas; o mesmo *base-ball* e o mesmo *ping-pong*; os mesmos atletas e os mesmos *jockeys*; os mesmos dentistas e as mesmas mulheres que lêem o destino nos naipes das cartas e nas linhas das mãos.

Todos os grandes jornais noticiosos são impressos no mesmo tipo e em papel do mesmo formato, teem a mesma abundância de páginas, publicam os mesmos números do domingo a três côres, são redigidos no mesmo estilo, inserem as mesmas *interviews*, dão curso aos mesmos boatos, relatam as tremendas catástrofes, que são sempre as mesmas: uma cidade inteira que desaparece em chamas, uma ponte que abate à passagem de um combóio de recreio atulhado de passageiros, um ciclone que arrasa vinte aldeias.

Os mesmos cartazes anunciando as mesmas pílulas, os mesmos elixires, os mesmos sinapismos; as mesmas máquinas de costura, as mesmas máquinas de escrever, as mesmas máquinas agrícolas; os mesmos charutos, os mesmos presuntos, as mesmas latas de conserva; o mesmo calicida, o mesmo insecticida, e o mesmo candidato à presidência da República.

Por toda a parte o mesmo, sempre o mesmo, o mesmíssimo. Mas o mesmo áquêm e além de cadeias de montanhas como as Montanhas Rochosas, ao longo das margens de rios como o Mis-

souri e o Mississippi, ao redor de lagos como o Michigan e o Ontario, através de planaltos como os de Utah, de Nevada, da Arizona, e desde a costa do Atlantico à costa do Pacífico !

Oriundos das mais diversas pátrias, provenientes das filiações mais diversas, os habitantes da América do Norte facilmente se fazem passar por filhos de selvagens, a fim de melhor poderem vangloriar-se de uma civilização prodigiosamente rápida. Descendentes da equipagem da pequenina *May flower*, que aproava ao Novo Continente pela alvorada do século xvii, ou recémchegados por qualquer dos grandes paquêtes da *White Star Line* ou da *Hambourg North American Line*, que todos os dias acostam aos cais de Nova-York ou de Boston, é deveras curioso ver como todos êstes netos e filhos de inglêses, de alemães, de italianos, de suecos, de norueguêses, de espanhoes, de portuguezes, de russos, de francêses, de suiços, de gregos, de belgas, de holandêses, de húngaros, de austriacos, empolgados, subjugados, desindividualizados pelo incomensurável poder de assimilação dêste Novo Mundo, se apropriam e se ensoberbam de uma ascendência de peles-vermelhas !

Nas grandes cidades, como em Nova-York, em Boston, em S. Francisco, ha bairros exclusivamente habitados e freqüentados por indivíduos da mesma nacionalidade : toda a parte de Bowery, em Nova-York, por exemplo, onde só há italianos. Em alguns estados, como na Califórnia, há povoações inteiras de imigrados de Portugal. Cada colônia tem as suas igrejas, as suas escolas, os seus clubes, os seus jornais, as suas bibliotecas, os seus bancos, as suas associações, os seus advogados, os seus *bars*, os seus restaurantes, as suas farmacias ; grupos de compatriotas de cada nação reúnem-se em seus *pic-nics* ; todos os francêses se juntam e festejam, em cada ano, com banquetes e saraus, o seu 14 de Julho, e todos os portuguezes celebram, com paradas e sessões solenes, o seu 1.º de Dezembro ; os italianos preferem a sua pratada de *spaghetti* à mais formosa fatia de presunto de Chicago ; e os alemães, por coisa alguma dêste mundo, consentirão em privar-se do regalo da sua chucrute ; onde se encontram espanhoes, há *jotas* e *peteneras*, e monótonos cantares dos Alpes onde estiverem suiços . . .

Mas deixemos Bowery e caminhemos até Wall-Street — em Nova-York ; ou subamos de Jackson-Street até Market-Street —

em S. Francisco. Vamos a ver se nos é possível reconhecer, entre a multidão imensa, no incessante vai-vem, no barulhar da alterosa onda que sobe, rola e se espraia pelas cidades, o glóbulo do sangue grego, do romano ou do celta, o glóbulo germano ou o glóbulo eslavo.

Baldada tentativa!

Por um maravilhoso, inextricável poder de assimilação, o Novo Mundo joeira e chama a si do mundo velho tudo quanto nêle resta ainda de vivacidade e audácia, de vontade e de esperança, de ambição e de fé; tudo quando nêle germina de inteligente e apto para o empreendimento; tudo quanto é seiva de energia, músculo de mocidade, confiança na vida; tudo quanto agita um sentimento de revolta perante a rotina, o preconceito, a injustiça e a opressão.

Primeiramente foram aqueles que, só por amor da sua liberdade de consciência, abandonaram lares e bens. Depois, todos quantos se sentiram ousados, vigorosos de braço, desdenhosos de fadigas e de privações.

E uma vez seleccionados e atraídos todos êstes elementos de luta e de progresso, ei-os investidos no domínio de um continente sem fim, lançados na exploração de uma terra atulhada de opulências intactas. Desbravam-se e desbastam-se as florestas e os matos, pesquisam-se e lavram-se as minas, aplainam-se e retalham-se as campinas, utilizam-se os cursos dos rios, represam-se as cataratas, navega-se nos lagos. Tudo é facilidade, exuberância, bemaventurança.

Mal cai na terra, logo a semente germina. Onde as gramíneas, a vinha, as árvores pomíferas não frutificam ainda, tudo se cobre de essências prestadias. Onde se não lava, lenha-se; e a mesma água que alaga as terras de sementeira, arrasta, na sua queda, o madeiro cortado na montanha. O homem consegue tudo por si mesmo: *Help you self!* Mas o seu Deus ajuda-o.

Plantadores e mineiros arrancam por diverso modo à terra o ouro que ela entesoira: os plantadores, mandando-lhe as raízes que nela vão sugar a riqueza de incomparáveis frutificações; os mineiros descendo-lhe aos arcanos, revolvendo-lhos e saqueando-lhos. Inicia-se o frenesí das especulações audaciosas. Erguem-se as cidades em alicerces de milhões de dólares. Lançam-se, a todo o vapor, combóios monstruosos sôbre babélicas pontes. Movimentam-se portos com a entrada e saída diária de milhares de

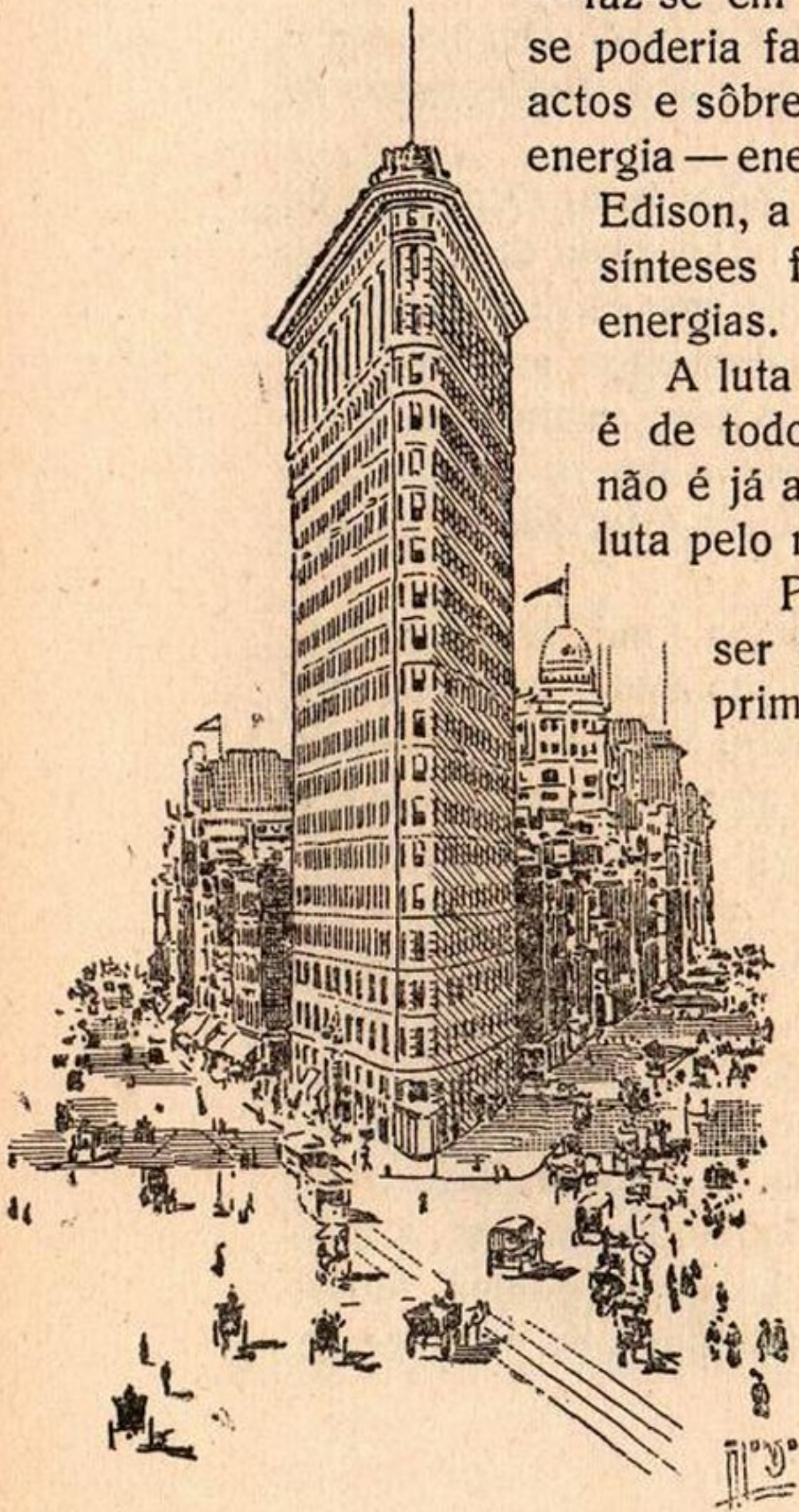
navios. Montam-se indústrias e realizam-se culturas que imediatamente abastecem os mercados de todo o mundo. Efectuam-se, com violências máximas, as mais temerosas operações de bolsa. Sôbre uma terra de improviso funda-se uma escola de energia.

Cada qual assume um poder de iniciativa directa. A concepção do espírito do homem, afinado por mil anos de progresso intelectual, dispondo de todos os recursos da velha civilização europeia, e agitado agora por êste meio novo, alarga-se, estende-se, amplia-se a proporções titânicas.

Sistematiza-se a vontade. Elasticiza-se o esforço até tornar o esforço numa faculdade. A esta faculdade inteiramente nova, exclusivamente americana, chama-se—*improvement*. O *improvement* consiste em precipitar a evolução de qualquer desígnio pelo emprego das energias máximas. Na América — dizem os americanos — faz-se em vinte anos tudo quanto na Europa só se poderia fazer num século. Incide sôbre todos os actos e sôbre todas as ideas um jacto contínuo de energia — energia física ou energia moral. A vida de Edison, a ponte de Brooklin, o *trust* do Aço são sínteses formidáveis de formidáveis séries de energias.

A luta não admite tréguas, é de todos os dias, é de todos os instantes, dura toda a vida. Mas não é já a luta pela vida, que a vida é nada: é a luta pelo milhão — pelo milhão que é tudo!

Para vencer é necessário ser forte; para ser forte, como se era forte nos tempos primitivos, é preciso ser membrudo, bem provido de músculos, sólido de pulso; e ter ombros largos, costa direita, pescoço duro. O cuidado do corpo, o culto das qualidades físicas, são preocupação constante do americano. Os negócios e os esportes dão-se a alternativa. Toda a vida se passa em partidas-dobradas e em partidas de *foot-baal* ou de *base-ball*. É frequente ver sôbre a mesa de escritório de um dono de fábrica ou de um director de banco, alteres de muitos



kilos servindo de pesa-papéis. As transacções e os exercícios de pulso correlatam-se.

A faina árdua, que as recompensas fáceis e pródigas da terra incessantemente estimulam; os encarniçados combates da concorrência; a agitação moral que demandam os fortes empreendimentos — tudo isto imprime ao tipo americano sulcos de feição, lineamentos de carácter, atitudes, gestos e sestros de uma inconfundível supremacia intelectual e física.

A transformação da fisionomia europeia na fisionomia norte-americana é mais um fenómeno social do que um fenómeno propriamente fisiológico. O tipo tanto pode ser êste como aquele. A côr e formas características, desde que se excluam as que mais pronunciadamente assinalam os tipos da raça amarela e da raça negra, nada fazem ao caso. O crânio pode ser achatado ou oblongo, redondo ou ponteagudo; o rôsto comprido ou largo, amachucado ou repuxado; os olhos azuis, pardos ou pretos; a pele branca e rosada, ou ligeiramente trigueira, ou cobreada ao de leve; os cabelos finos e ásperos, anelados, ondulados ou corredíos, louros, ruivos, castanhos, pretos; o nariz proeminente ou curto, achatado, aquilino ou rombo; o lábio grosso ou fino. Pode o ângulo facial ir desde os setenta e cinco até aos oitenta e cinco graus. E ser a estatura alta e tacanha, regular ou disforme. A modificação mesológica é que é tudo.

A sensação de imensidade que dimana da terra — imensidade de horisontes e imensidade de recursos — habitua o olhar a uma nova função sensorial de longínquo e seguro alcance, acaba por dar ao nervo óptico um tão preciso e tão amplo poder de transmissão, que o olho adquire a condição da argúcia. Pardo, negro ou azul, o olho americano conhece-se pelo brilho, pela penetração, pela viveza. Toda a linha objectiva que descreve é invariavelmente uma recta.

O americano nunca olha de soslaio. Quando nos fala, os seus olhos fixam-se nos nossos e provocam êste fenómeno: tudo quanto nêsse momento passa pelo nosso pensamento e se refracta pelo nosso olhar converge na retina do americano, como num foco. A verdade e a mentira, a sinceridade e o ludíbrio, tudo lhe passa por diante dos olhos claro como água.

A tenacidade, a deliberação, a confiança em si próprio, a firmeza dos propósitos, espessas por movimentos nervosos muitas vezes renovados, actuam sôbre as partes moles do rôsto, marcam

vestígio, facilitam a disposição cada vez mais acentuada para se reproduzirem, e acabam por exercer uma acção permanente nos músculos e no tecido celular. As preocupações violentas, os fortes rasgos de audácia, as concepções temerárias submetem a uma tensão os músculos voluntários, pronunciam na face vincos de



carácter que nunca mais se apagam. Certa prega posta a um canto da bôca, o modo por que se dilata uma narina, esta ou aquela ruga em que se franze a testa, podem com extrema facilidade conduzir um fisionomista através dos mais tortuosos meandros de um carácter, tomado ao acaso de uma multidão de americanos. Quando se faz a caricatura de um *trustman*, por exemplo, põe-se-lhe sempre o nariz descomunal de Pierpont-Morgan. O nariz do *trustman* é inconfundível.

A pressa nas refeições, para as quais se subtrai à agitação dos negócios apenas uns instantes contados pelo relógio, que se tira da algibeira e se põe diante do prato; e a muita carne que se devora

nessas refeições, obrigam as mandíbulas a movimentos tais de lufa-lufa e voracidade, que os semblantes tomam aspectos estranhos de plantígrados. Nos que mascam tabaco, lembrando ruminantes, e que a cada minuto expellem, a metros de distância, um jacto negro de saliva, mais estranhos ainda êsses aspectos se tornam.

A' medida que o meio novo vai exercendo sôbre o povoador da America estas e outras influencias, o alfaiate corta-lhe o fato á moda do país, calça direita, jaquetão de sacco, sôbre moldes invariaveis e fazendas de invariaveis padrões; o chapeleiro põe-lhe na cabeça um chapéu que tem sempre a copa do feitio de um côco partido ao meio; o sapateiro mete-lhe nos pés umas botas de forma apropriada ás fortes marchas de resistencia, bico largo, tacão ferrado, sola de prateleira. Depois, vai ao barbeiro e diz ao barbeiro que lhe corte as suíças, lhe rape o bigode, e

que ou o ponha inteiramente escanhoado como um pêro, ou apenas lhe deixe a pêra de Uncle Sam.

Uma vez assim igualizado a todos os seus novos concidadãos da America — pelas ideas e pelo vestuário, pela mandíbula e pelo corte da barba — o europeu quer então desfrutar tambem as inefaveis regalias da igualdade perante a lei, numa terra onde a igualdade perante a lei não é uma coisa vã: e naturaliza-se americano.

ALFREDO DE MESQUITA.

O Museu Nacional de Arte Contemporanea

O problema que representa a organização de um museu de arte contemporanea é de difficilima resolução.

As preocupações de ordem scientifica são sem dúvida muito menores do que as que oferecem os museus de arte antiga e, mais desembaraçado dessa peia, o seu organizador, sem pensar em seriações de épocas, pode encarar e resolver o caso quási exclusivamente sob o ponto de vista artistico. Mas aí os escolhos são infinitos. As telas, sem a patina do tempo, brigam o mais das vezes, ainda quando a dentro da mesma orientação ou escola, e como estas são infinitas o dispôr e arrumar convenientemente um museu dêsses representa um esfôrço verdadeiramente sobreumano. Depois, e como estão ainda vivos em grande parte os artistas que realizaram as obras a expôr, o escolho é ainda mais insuperavel, tão certo é que ao menor pretexto êles reagirão clamando contra a disposição que fôr dada aos seus trabalhos.

Nestas condições e pensando-se tambem na escassez dos recursos de que dispunha Columbano que, para mais, teve de aceitar alguns elementos que não preparou, a organização do museu nacional de arte contemporanea, de Lisboa, levada agora a cabo por êste artista, não é só a coisa boa que de facto é, e seria em qualquer terra em que estes assuntos são tratados como devem ser, mas, mais do que isso, constitui um verdadeiro triunfo. O grande artista e individualissimo pintor que, sem prejuízo da verdade, que serve com o maior e mais alto escrúpulo, se revela sempre em todos os seus trabalhos um decorador perfeito, compondo com amoroso cuidado os pormenores ainda os mais



MUSEU D'ARTE CONTEMPORANEA
Trecho de uma das Salas de Pintura

secundarios das suas obras, afirma aí mais uma vez o requinte do seu gosto nobre e equilibrado.

Não ha entre os quadros expostos um só que não se valorize, quer sob o ponto de vista da mancha, quer sob o ponto de vista da sua expressão propria e, sem prejuízo da nota que cada um dêles representa, o efeito geral de cada sala é, como devia ser, uno e harmonioso. Como nos pequeninos painéis dos mestres holandeses do seculo xvii, cujos segredos admiraveis Columbano possui como poucos mestres contemporaneos, as telas, ainda as menos valiosas, ganham e afirmam-se da visinhança de outras de maior ou identico valor, enobrecidas no *seu arranjo*, tal como nos accessorios das obras daqueles pintores as coisas, ainda as mais inconsistentes, avultam e resplandecem da sua disposição e dos efeitos luminosos de que são tocadas.

Na primeira sala, depois de ter aproveitado o melhor possivel as paredes que ladeiam as escadas para apresentação de aquarelas e desenhos, Columbano agrupou superiormente os «primitivos» do seu museu, e aí, ao lado de Fonseca, Anunciação, Cristino, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, Leonel, Alfredo de Andrade e de um trabalho de Silva Porto, ainda quando em Italia, Lupi destaca-se no lugar de honra, que com justiça lhe foi dado, como pintor que, sobretudo no seu retrato do Duque de Ávila, iguala os melhores mestres europeus da época.

Na sala imediata vêem-se as melhores telas estrangeiras e algumas das mais valiosas entre as portugêsas da nossa colleção nacional, exhibindo-se Besnard, Jean-Paul Laurens, Cormon e Roll ao lado de Sousa Pinto, Ramalho, Silva Porto, na sua fase *dôbinhesca*, e a maneira como está arranjada essa pequena sala, em que só ha autenticas obras de arte, com o seu banco central, desenhado pelo artista no estilo classico, e o tom socegado do amarelo levemente griseo das suas paredes, é absolutamente notavel e suficiente para impôr Columbano á consideração geral, se outros e altissimos motivos não houvesse já para isso.

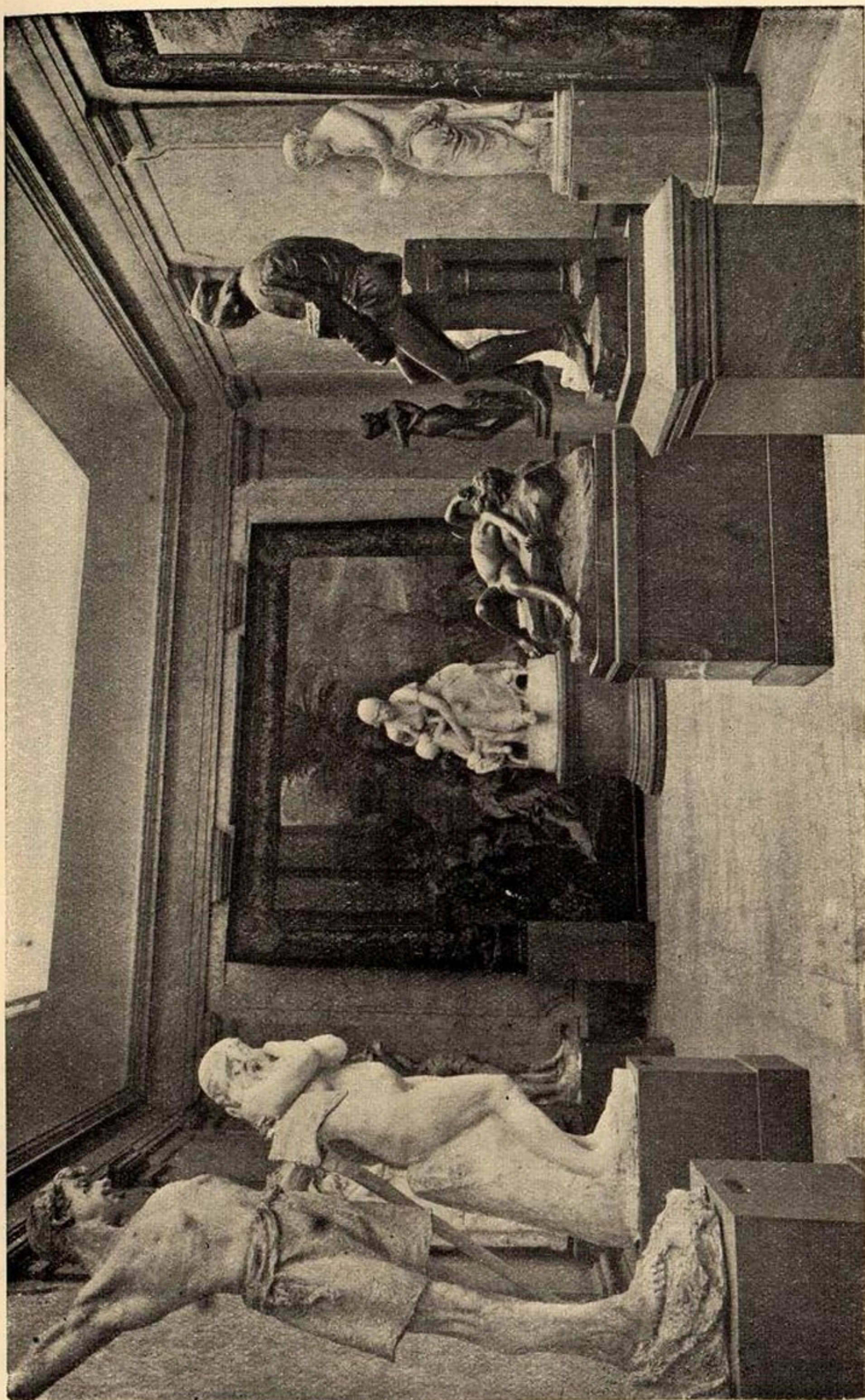
Nas outras duas salas de pintura, a harmonia é ainda a mesma, parecendo-nos que vêmos pela primeira vez, tão perfeita e justa é a sua colocação, quadros que entretanto já ha muito conheciamos e admiravamos. O *Amor e Psyché* e a *Egreja Abandonada*, de Salgado, *Santo Antonio* e *Natureza Morta*, de Columbano, *Desolação*, de Luciano Freire, com outras telas, enri-

quecem o primeiro dêstes compartimentos, destacando-se no segundo, ao lado de quadrinhos encantadores de Silva Porto, do *Tryptico*, de Constantino Fernandes, das *Engomadeiras*, de Carlos Reis, da *Cabeça de rapariga*, de João Augusto Ribeiro, e dessa linda telazinha que é a *Sala de Jantar de Queluz*, de Alfredo Keil, o magnifico quadro de Malhõa, uma das mais altas afirmações da pintura portugûesa contemporanea: *Os Bebados*.

A sala de escultura é outra maravilha de arranjo de Columbano, destacando-se harmoniosamente sôbre a policromia surdamente rica das tapeçarias de Abusson, cedidas pela Direcção do Museu Nacional de Arte Antiga, mármore e bronzes de temperamentos e orientações as mais afastadas e diversas, mas todos fundidos pelo sentimento de unidade nacional que nêles palpita e que melhor se evidencia na maneira superior porque o director do museu os soube agrupar. Para não citar mais, compare-se o admiravel gêsso de Soares dos Reis, *O Desterrado*, com o belo grupo, *A viúva*, de Teixeira Lopes, e o lindo bronze de Costa Mota, *Bernardim Ribeiro*, e, vendo-se assim ainda aí como o genuíno veio poetico portugûes é sempre uno e imutavel, verificar-se-ha tambem, mais uma vez, o excepcional talento de ordenador de que dispõe Columbano.

Certo que o pavimento, teto e paredes (e estas em parte cuidadosamente ocultas pelas tapeçarias de que foram revestidas) dessa galeria, a cuja factura Columbano foi inteiramente estranho, não são das melhores companhias que podiam desejar-se para obras como são a maioria das que o grande pintor, com o seu gôsto de mestre incontestado, aí abrigou; mas a maneira como tudo foi disposto é de tal forma superior que o visitante, prêso logo á entrada do encanto que ressalta do conjunto, nem sequer dá por êsses pormenores e só tarde, muito tarde, é que, felizmente, poderá lamentar que obras de arte como essa autentica maravilha, verdadeiro botão de rosa, que é o retrato de criança de Soares dos Reis, não tenha o perfeito emolduramento que, como ninguem, lhe saberia achar o eminente artista que, para honra nossa, dirige o Museu de Arte Contemporanea.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.



MUSEU D'ARTE CONTEMPORANEA
Um aspecto da Galleria de Esculptura

Caír da sombra...

Crepuscula. Olho ao longe... O olhar, abstracto, perde-se, vai-não-vai, na hora do entardecer...

Olhar para a emoção de angústia dêste instante é olhar para o meu íntimo retrato, para o mais invisível do meu Ser.

Ah! que o efémero drama vespertino, a tragédia da luz na Terra agonizante, é permanente em mim, fica a desfalecer...

Mas, não! Não pode ser do meu destino deixar-me humilde e resignado diante da Vida que se vai para a que vem:

Eu trouxe a vocação de Paladino, sinto que sou um Cavaleiro-andante, sinto que sou alguém...

E fico olhando para o ocaso, no recorte das montanhas longínquas... esbatidas à luz crepuscular:

*Ter de eu viver, lutando, tantas vidas,
e ir, pelo triunfo trágico da Morte,
para o eterno Avatar...*

*Tenho a impressão de estar detido a bordo
de uma nau apagada. Além, arde, crepita
a Vela pluriflâmea do Sol-pôr.*

*Anoitece. Anoitece... E eu recordo, recordo...
A lembrança é o filão de ouro da Alma; a pepita
eterna... da jazida efémera do Amor...*

*Amo a saudade da ilusão de quando
me entresorrias numa reticência,
coleando, vens-não-vens, num quási, num talvez...*

*E, sem jurar, nem prometer, jurando
e prometendo, davas, á experiência,
tua Fascinação sôbre a minha Altivez...*

*Crepuscula. Olho ao longe... O olhar abstracto...
Olho, como se visse
o meu próprio retrato...*

*Olho, como se visse
uma antecipação próxima da Velhice,
na sombra eterna que entrevejo além...*

*E eu trouxe a vocação de Paladino...
Ah! Destino... Destino
A sombra se aproxima... e o Destino não vem...*

A arte é a mentira

Variações sôbre um tema de Wilde

*Estranha afirmação, talvez paradoxal
Que já Oscar Wilde um dia descobrira :
Embora isto pareça um pouco original
Toda a arte reside apenas na mentira.*

*Certo moço que outr'ora á beira-mar vivia
Costumava entreter a aldeia, em noites calmas,
Com uns contos d'estranha, alada fantasia,
Que faziam scismar aquelas boas almas.*

*E contava que um dia, ao fundo da floresta,
Afagara a nudez da filha de um rei moiro,
Dormindo, á fresca sombra, a sua doce sésta,
Soltos no corpo em flôr os seus cabelos d'ouro.*

*Vira, duma outra vez, banhado em riso e sol
A beira dum regato, um fauno sensual,
Procurando imitar a voz dum rouxinol
Na sua longa e fina flauta de cristal.*

*E assim entretinha as doces almas, quando
A' beira do regato e na floresta, um dia,
Viu a virgem dormindo, o fauno trauteando,
Toda a verdade, emfim, da sua fantasia.*

*Então, p'la vez primeira, o moço ficou triste.
E á noite, feita em volta a roda costumada,
A' pergunta já velha: «e hoje, o que é que viste?»
O moço respondeu:*

— eu hoje não vi nada!...

(Inédito)

HENRIQUE TRINDADE COELHO.

Actualidade inédita da Medicina Brasileira

Dizendo em público da profissão, é o primeiro dever de preocupação do médico adoçar a dureza do estilo costumeiro, apaziguando os excessos rudes da tecnologia e a exuberância bruta das demonstrações. Só assim se fará tolerável aos estranhos o sabor do assunto sobre que se discorre, não ressoando desagradavelmente, no arranjo literário do seu disfarce, as proposições e os arrazoados dos argumentos. Na escolha do texto sobre que se vai dissertar é necessário por igual um critério de quem se cerca de atractivo, buscando-o de preferencia no domínio limítrofe em que a profissão contende com materia de ordem crítica ou filosofica. Daí a eleição para este artigo do que no enunciado do seu título se resume.

A medicina brasileira foi sempre, e de longa data, uma fonte inesgotável de imprevisto, morrendo muitas vezes dentro das suas primeiras inspirações muita fonte de descobertas que não vingam e muito berço de observações que não prosseguem. Se ha nesse facto um pouco de exhibição do defeituoso comodismo preguiçoso da raça, nêle se deve todavia enxergar, por outro lado, a virtude muito nossa da despretenção e do desatavio. Bastara desde logo, para a comprovação do que afirmamos, verificar por exemplo a ignorancia, em alguns países europeus descuidada e noutros como a Alemanha um tanto inquieta, em que vive o velho mundo dos inéditos e fartas riquezas da nossa flora, monótonamente decantada. E quanto anda por aí de ensinamento esparso sobre a excelencia química e farmacodinâmica dos nossos vegetais, apo-

drecendo em opúsculos descohecidos ou avaramente ocultos em rápidos trechos de bojudos livros, que só as traças lêem, ornamentando-os com os caprichos dos seus rendados e comentando-lhes a inutilidade estulta com a poeira em que os transformam. E assim em todos os ramos virides da nossa sciencia médica, ela mesma flora recôndita de belezas e virtudes para os olhos estrangeiros. Se no proprio seio dos nossos estudos especiais, já se não compulsam quási mais nos dias de hoje as obras imortais de Torres Homem, capazes de aquecer com o sol daquele genio os frutos mal sazoados de muita competencia e de muito talento incipiente, que dizer de o não conhecerem os europeus na «sua grande obra de medicina prática», na frase de Francisco de Castro, «serviço do maior alcance prestado ás letras médicas dêste país, e por onde bem se pode medir a latitude excepcional daquele espirito que ficará exemplificando na geração corrente um dos mais acabados tipos da adaptação providencial do individuo á sua vocação?» Quem procura, por exemplo, saber nos dias de hoje que nas paginas do mestre imortal da clinica brasileira já se esboçava o caracter endêmico do beri-beri ao norte do Brasil e já se demonstrava a confusão de muitos casos da molestia «muito análoga se não identica ao envenenamento paludoso», conclusão a que veio chegar recentemente a notável comissão do Instituto Oswaldo Cruz, de que foram parte Pacheco Leão e Carlos Chagas? Quem busca ver na exuberancia formosissima dos seus estudos sôbre tuberculose a maneira singela e predestinada com que já parecia prever a benéfica influencia do pneumotorax sôbre a evolução de alguns casos da molestia, conclusão precisa a que veio tantos anos depois e com tamanho brilhantismo a perspicacia de Forlanini? E os exemplos se multiplicariam, tão avantajados na seiva daquela inteligencia quanto é fecundo o solo tropical em que morreu e jaz, na quási ignorancia do seu trabalho. Essa demonstração, que nos acode ao correr da pena no decurso desta conversa escrita, vai de molde a outros inúmeros casos desde aquela data á actualidade empreendedora do esforço médico do país. Assim, por acaso, exceptuada a repercussão mercedíssima do êxito scientifico de Carlos Chagas, cumulado de honra pelos votos da Comissão do Premio Schaudinn, entre êles o do Professor Ehrlich, em face da íntegra descoberta do «Schyzotrypanumcruzi» e da nova trypanosomiase humana de que é portador, são relativamente escassas as divulgações da operosa actividade scientifica de

Manguinhos. Mau grado a publicação das «Memórias do Instituto Oswaldo Cruz» e a tradução alemã que lhe corre ao lado, são ainda estritamente divulgados alguns dos seus trabalhos como as indagações dipterológicas do sabio Dr. Adolfo Lutz e do infatigavel Dr. Artur Neiva, todavia agora condignamente galardoado pela República Argentina, chamando-o á direção de serviços em que é de notavel celebridade. E agora, envôlta na neve suavíssima de uma saudade luminosa, nos surge á evocação a figura preclara de Gaspar Viana, o sabio de 29 anos ceifados pela impiedade dos fados contra a nossa patria. Dêsse se poderia dizer com verdade de expressão, parodiando a frase de Francisco de Castro, «a melhor exemplificação na geração corrente de um dos mais acabados tipos da adaptação precoce e providencial do indivíduo a uma vocação excepcional». Do seu hercúleo esforço de anátomo-patologista, da sua obra notavel de microbiologista e quimio-terapeuta, determinando detalhes á pesquisa da leishmaniose e aplicando com proveito o tártaro emético a essa e outras entidades mórbidas tropicais, da excelencia de destaque dos seus trabalhos práticos, dos fragmentos de muitos sonhos gigantescos com que se finou, muito ha de restar no olvido e do que daí se gere pouco ruído ha de vir por certo ao fulgor do seu nome desaparecido.

Sem sair do domínio das conquistas do laboratorio entre nós, escrevendo um dia depois do embarque do eminente Dr. Vital Brasil para os Estados Unidos da America do Norte, onde representará a patria no 2.º Congresso Pan-Americano a reunir-se em Washington, forçoso se faz que nos detenhamos igualmente, com reverencia, ante a produção empreendedora daquele modesto espírito, que de tanto brilho tem revestido a representação científica nacional. Para logo se nos desenha o edificio monumental, de gôsto sóbrio e original, do Instituto Serumterápico de Butantan, em S. Paulo, espêlho exacto da sobriedade discreta, mas grandiosa, daquele vulto e de onde tem saído os mais completos trabalhos conhecidos de ofidismo. Da obra de Vital Brasil se poderia dizer que fez, multiplicando-a e detalhando-a com muito maior relêvo, toda a empreza de soroterápica anti-ofídica de Calmette, applicando-a aos variadíssimos géneros das cobras da nossa fauna. De sua lavra se espera para breve, com a ansiedade das coisas desejadas e anti-saboreadas um novo e completo trabalho de elucidacões inéditas sobre os ofídios brasileiros. Para

a Norte America leva o nomeado pesquisador farta bagagem de conhecimentos sôbre a especialidade, já em folhetos de seus discípulos ou em demonstrações práticas de exemplares, como em projecções cinematográficas que prendem e encantam. A especialização do reputado brasileiro nêsse domínio não significa todavia que a êsse departamento se limite o seu esforço prático, elaborando-se no modelar instituto que dirige variada colecção de soros terapeuticos e conseguindo-se da colaboração dos seus assistentes diversas ilustrações de assuntos outros. Em resumo, o Dr. Vital Brasil junta á despretenção atraente que caracteriza os sabios europeus, a bonomia afectiva do caracter brasileiro e o ardor dos devotados á profissão que exercem.

Não deixaremos ainda de noticiar nas linhas dêste artigo, pela originalidade emocionante que revela, a afirmativa recente do Dr. Adolfo Lutz, do Instituto Oswaldo Cruz. Dissertando perante a Comissão de Profilaxia da Lepra, agora reunida no Rio de Janeiro e composta de membros das varias associações médicas da capital, sôbre a transmissibilidade da lepra, fez Lutz, já de ha muito acatadissimo pelas suas interessantes descobertas, a sensacional declaração de que vê no mosquito o vector exclusivo do mal de um a outro individuo. Não vai na idea novidade de imaginação, pois de velha data leprólogos da nomeada de Leloir e de Arming já formulavam a hipótese; o que, porêm, impressiona é a exclusividade pretendida pelo sabio brasileiro para o mosquito, especialmente o «*Culex fatigans*» e variedades e o «*Stegomyia fasciata*». Longo nos fôra o relatar as bases em que se sustenta, fundamentadas nas exposições que deu á luz, bastando que se diga que o cientista de Manguinhos encara como completa a analogia da lepra com a febre amarela, ambas, a seu ver, transmissíveis pelos dipteros hematófagos nos períodos febrís, caso em que, quanto á lepra, os bacilos de Hansen se encontram na torrente circulatoria. Pela sua idea, é totalmente nulo na sua capacidade morbígena o bacilo de Hansen dos lepromas e mucosa nasal, da periferia em uma palavra, só revestindo virulencia os gérmes retirados do sangue pelo *Culex* no período febril. A profilaxia da lepra fica pois restrita ao combate aos culicídeos. Desde que se execute a profilaxia culicideana, impedindo aos mosquitos a sugação do sangue dos leprosos bacilemicos tem-se feito quanto é necessario, em face da doutrina Lutz. Não é de crer todavia que por essa se deixe levar a Comissão, embora não

deixe de estabelecer, ao lado das medidas universais adoptadas, o exercício da profilaxia anticulicideana.

Se no terreno da prática profissional não falecem, como se verifica, dados inéditos na evolução actual da medicina nacional, não ha descuido tampouco no enriquecimento da bibliografia didactica pelos competentes. A melhor prova do asserto nos é dada pela publicação ha pouco feita da magnífica obra de Aloísio de Castro sôbre a semiologia do sistema nervoso. A coincidência do aparecimento dêsse livro com a nova edição do tratado clássico congénere de Dejerine assinala, com relevante simpatia, o cultivo que entre nós merecem todos os progressos efectuados pelas diferentes especialidades médicas. O nome de Aloísio vem muito a propósito no decorrer dêste artigo, pela significação que tem como actual director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a que vem imprimindo a feição do seu espírito activamente estudioso e a convicção da sua mocidade quasi encanecida no tirocinio da carreira. A orientação prática dos actuais professores da nossa Faculdade, a despeito das sucessivas e malélicas reformas que catastróficamente sôbre ela desabam, é um facto auspicioso a constatar.

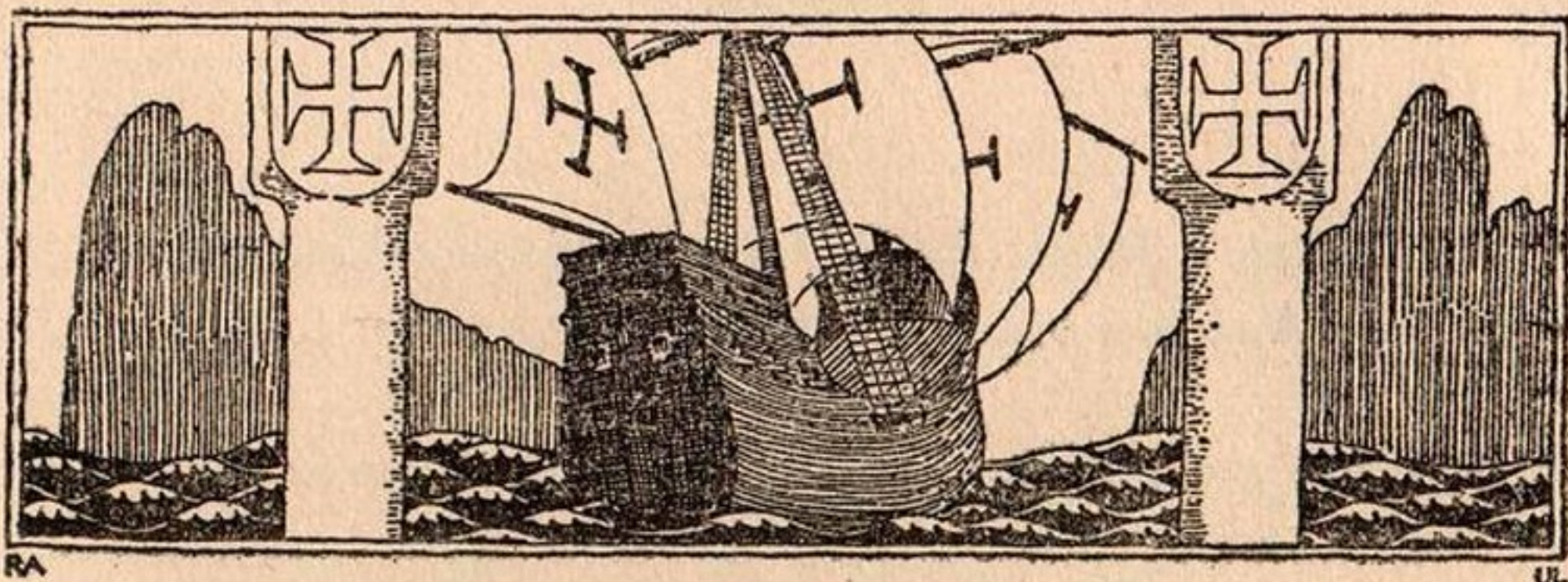
E no exercício diario mesmo da profissão, é de salientar como domina aos espíritos a importancia da colaboração do laboratorio, para o tríplice fim do diagnóstico, da terapeutica e do prognóstico em relação á marcha da molestia. Assim, é inegavel no Rio de Janeiro o successo da vacinoterápia segundo os métodos de Wright, a tal ponto que constitui hoje um processo banal de quotidiana applicação para as molestias infectuosas de quaisquer aparelhos. Outro aspecto interessante é o que, em consequencia da grande guerra europeia, nos veio demonstrar, no particular do assunto que vamos desenvolvendo, que «ha males que veem para bem.» O alcance filosófico do vetusto provérbio ressuscitou entre nós e dessa fonte nos proveio a actividade inesperada com que adquiriram novo surto os estudos práticos de opoterápia e de soroterápia. Nasceu daí a febril produção dos laboratórios enchendo de drogas, antes apenas de proveniencia estrangeira, alemã principalmente, os mercados farmaceuticos. Foi essa mesma a iniciativa que gerou, em outra ordem de ideas, a realização nacional, identica á de Canton na República Argentina, da obtenção do parto sem dôr. Com grande successo para a obstetrícia sul-americana a analgesia durante o parto, obviados os inconvenientes de cada caso, é,

pode-se afirmá-lo, um problema resolvido. Dessas demonstrativas conquistas em todos os ramos da operosidade médica se evidencia o quanto ha de útil, de novo e de desconhecido no empreendimento da nossa sciencia.

E vem ainda exhibir como continuamos comodistas e despreziosos ao comunicar aos outros as nossas aspirações, a realização dos nossos sonhos e a pujança dos nossos descobrimentos. E' consignando essa tendencia como um protesto humilimo e modesto contra a sua perpetração que aqui ficam as obscuras apreciações dêste insulso artigo. Que me perdõe a refulgencia intellectual dos colaboradores da revista o contraste com que se lhe antepõe a simpleza desta contribuição.

Rio, 6-12-915.

DR. SILVA ARAUJO PEREIRA.



Oração á Pátria

Falam as Donzelas:

I

*Patria, minha Patria, deixa que eu te fale,
Deixa que eu te diga todo o meu Amor!*

*Deixa que eu te fale, como se falasse
Para ser ouvida pela minha Mãe...*

*São palavras pobres, as que eu sei dizer,
São palavras simples, mas palavras puras.*

*— Nelas freme e passa meu secreto anseio
Pelo teu encanto, pela tua graça!*

*Nelas sobe a chama da minh'alma, acesa
De fremente enleio, de fervor ingénuo!*

*E, batendo as azas como as andorinhas,
E, florindo em beijos como a Primavera,*

*Nelas vive a esperança que em meu peito cresce
Pelo teu futuro de grandesa e glória!*

II

*Patria! Minha Patria! Sou pequena e humilde...
— Mas sou tua filha: tens de me escutar!*

*Ah! melhor que a minha, vozes de epopeia
Falam-te mais perto, junto ao coração.*

*Certo, ritmos fortes, que eu nem balbucio,
Mais se casariam com teu sonho altivo!*

*Sempre te embalaram gritos de batalhas,
E a energia rude, tragica do Mar...*

*E, nest' hora imensa de anciedade e luta,
Em que as almas vivem para além da vida,*

*Ris-te, porventura, do meu sentimento,
E talvez desdenhes do meu gesto cãndido!...*

*— Mas tu bem conheces, Patria bem amada,
Que a ternura ardente vale um acto heroico.*

*Tu bem adivinhas que eu, se não combato,
Sofrerei contigo todos os combates!*

*Chorarei contigo todas as desgraças,
Gozarei contigo todos os triunfos!*

*E, com a fraqueza destas mãos sem força,
Teço já os loiros para coroar*

*Tua fronte nobre, digna da victória,
Tua face augusta, que beijou Nun'Alvares!*

III

*Patria! minha Patria! Patria heroica e dôce!
Sinto que mereço todo o teu Amor!*

*Tu que sendo a Patria de Camões e Gama
És também a terra da «menina e moça»,*

*Amas esta esperança que, menina, eu canto,
Amas este sonho que, donzela, eu amo!*

*Sonho de epopeia, sonho de alegria,
Sonho em que entrelaço rosas e boninas...*

*Rosas e boninas, para desfolhar
Sob os pés cançados dos heróis que voltem.*

*Dos heróis trazendo nas espadas rútilas
Épicas saudades resplendendo ao Sol!*

*— Sim! é para eles que vivemos hoje,
Para acarinha-los, para recebê-los!*

*Nós somos as noivas, somos as irmãs,
Somos a ternura que palpita — e abraça!*

*Somos a voz lenta, que adormece as penas,
Somos a voz clara, que desperta o Amor!*

*Dá-nos tu a força para não chorar,
Patria bem amada, quanto mais sofrermos!*

*Dá-nos o sorriso que sorri, piedoso,
Mesmo quando o peito se revolve em chôro...*

*Somos a alegria, somos a beleza,
Somos o descanso para quem lutar!*

*Somos a alvorada, que floresce em vida,
Somos toda a graça, toda a Primavera!*

*E esta Primavera da noss'alma em éxtase
— Sonhos e perfumes, cânticos e beijos —*

*Eis que a deposémos sobre o teu altar,
Patria, minha Patria! como oferta e dom!*

IV

*Tudo te pertence! Tudo te ofertâmos!
Vê as tuas filhas! Olha as nossas almas!...*

*Neste sacrificio todas elas dizem
Como nós te amâmos, com fervor e fé!*

*Com fervor tão grande que, se alguma vez,
Ninguem mais pudesse defender-te a honra,*

*Nós que somos fracas, nós que somos deveis,
Nós, ternura imensa que se fez coragem,*

*— Desfraldando ao alto, na bandeira firme,
O braço das quinas, rubro dos combates,*

*— Couraçando o peito, profundando o olhar,
Nós, donzelas fracas, fortes saberíamos*

*Ou morrer cantando contra o inimigo,
Ou vencer, tranquilas, receando — apenas —*

*Que a vitória nossa te humilhasse um pouco,
Patria, grande Patria dos Heróis supremos!...*

JOÃO DE BARRÓS.

Revista do Mez

O NOVO PRESIDENTE DO ESTADO DE S. PAULO

Tomou posse do governo de S. Paulo, no dia 1 dêste mez, o novo Presidente eleito, Dr. Altino Arantes, antigo secretário do Interior no mesmo Estado. Altino Arantes é um nobre e ardente espírito, uma energia esclarecida e entusiastica, que ha muito se tem dedicado ao progresso e ao desenvolvimento de S. Paulo, onde é admirado e estimado pelas suas altas qualidades. O facto de ser escolhido para presidente do Estado, depois do quatrienio admirável do eminente Rodrigues Alves, é só por si uma consagração — sobretudo se considerarmos que a sociedade e o povo paulistas sempre se encontraram e encontram à frente de todo o movimento pela cultura do Brasil.

Num dos próximos números a *Atlantida* publicará um largo artigo sobre o actual e ilustre Presidente de S. Paulo. Queremos, no entanto, acentuar hoje ainda que o Dr. Altino Arantes é um bom amigo de Portugal, como tanta vez o tem demonstrado. e como o provam estas palavras recentes, duma carta ha pouco recebida pelo nosso director :

«Muito me lisonjeiam e penhoram as suas felicitações ; e nellas quero entrever, acima de tudo, a manifestação de uma nobre e generosa solidariedade que deve existir sempre entre nós, moços de Portugal e do Brasil, para a grande obra do progresso intelectual e material de nossas Patrias».

A *Atlantida* saúda efusivamente o grande brasileiro, o grande amigo da velha Lusitania, que tão bem sente, aceita e exalta o programa desta revista.

AS AFIRMAÇÕES DA CONSCIENCIA NACIONAL

«Dans le silence qui les environne, ces hommes ont l'air de continuer la bataille autour du corps du roi Sébastien».

Isto disse de nós, os portuguezes, Edgard Quinet. Era em 1845. Voltava ele, em viagem, da ardente, e alegre Hespanha. Chega a Portugal e recúa de espanto perante a funda tristeza da nossa terra. Que belo e verdadeiro

é o depoimento desse homem, que vem de longe, e habituado a prescrutar na alma dos povos, olha a fito os nossos olhos parados e sombrios!

Leiam nas *Vacances en Espagne*.

E' decerto um retrato um pouco antigo; mas reparem e hão de reconhecer os mais vincados traços da nossa fisionomia. Esse homem veio; passou rapidamente; mas leu-nos na face os sinais proféticos do Destino.

E' depois dum longo periodo de guerras civis; começa o constitucionalismo a dar as suas primeiras provas, mas Portugal conservava de facto o seu ar sonambulo, e de todo alheio ás grandes realidades da vida contemporanea, afundado na sua tristeza de séculos, prosegue numa luta de mistério, em torno dum cadaver legendário. Do Passado, da sua magnifica viagem pelo mundo desconhecido restava lhe no espirito apenas a recordação dos naufragios, e mais que todos, do ultimo, -- o grande naufragio de Alkacer Quibir. E toda a vida seguintetem o ar caótico duma luta de naufragos sobre o abismo e a vida traduz-se unicamente no longo e trágico gemido da hora da perdição.

Esse povo naufrago e sonambulo tem num certo momento um repelão brusco de energia: é quando, soberbo de raiva, se ergue contra as invazões napoleonicas. Mas logo adormece de novo e volta a sonhar alto. As mesmas lutas liberais são movimentos rustros e desencarnados que não desceram às profundidades da consciencia nacional e tão precárias de significado que Herculano considera o face do povo «por entre a selva de oitenta mil balonetas que fôra preciso quebrar-lhe nas mãos parv'a liberdade triunfar.»

Nas letras, se exceptuarmos os que exorbitam da estreita vida portugueza, como Francisco Manuel de Melo e o cavalheiro de Oliveira, não ha grandeza de intuitos nem alto significado nacional.

Mas o grande poeta e historiador francez acrescenta: «*Et pourtant, malgré cet engouissement mortel, je jurerai que le feu moral couve encore quelque part; cette terre recommencera de trembler et de jeter des éclairs.*

.....

Elle ne se defend pas seulement par ses haines; elle s'est réfugiée dans les poètes et rien ne mérite plus de attention que la ligue qui se forme dans Lisbonne, entre quelques écrivains, pour tenter de relever un peuple naufragé.»

Viu bem. E' que, com efeito, com esse largo movimento do romantismo liberal, na historia e pela arte, começamos a tentativa de dar à vida pátria a unidade dum pensamento colectivo e rejuvenesce-la com o vivo e sadio ar da vida europeia. Aí temos que buscar as origens do renascimento portuguez. O romantismo é com os seus dois grandes corifeus—Herculano e Garret, a primeira segura afirmação duma consciencia nacional.

De então até à nova geração o caminho é agro, cheio de hesitações, mas sempre progressivamente afirmativo. O pensamento da independencia e soberania nacional, o laço mais seguro da unidade colectiva, ameaçada pelo constitucionalismo monárquico, procura novas soluções politicas. José Falcão, Rodrigues de Freitas, Bazilio Teles, José Sampaio, Junqueiro e Teófilo Braga são os mais altos profetas da ideia nova. Núcleo vivo duma grande corrente palingenésica, preparam pela inspiração moral o largo movimento revolucionário que começa no *ultimatum*, tem a sua primeira dramática eclosão

ao 31, de Janeiro para se afirmar de vez com as revoluções de 5 de outubro e 14 de maio.

Não ha similarmemente na Arte, durante esse periodo de renovação politica um movimento literario que lhe corresponda em unidade e significado nacional. A chamada *escola de Coimbra* tem, sim, um valor profundo na vida portugueza, mas porque vem universalisar-nos o pensamento. A sua grande tarefa é mostrar-nos os largos caminhos do Mundo. Logo Portugal olhando-se, e comparando à sua a esplendida vida que tumultuava para alem, por essa Terra, sente-se corar do seu espantoso atrazo.

Valeu, pois, tambem essa corrente pela reacção que provocou.

E se não houve o vasto proposito de definir independentemente da ideia politica os outros elementos do espirito nacional todaviaseparados, e cada um a seu modo, alguns homens realisam nessesentido um trabalho magnifico, quer pela delicadeza de análise, quer pelo esforço erudito de investigação ou pela profunda intuição do character nacional.

À parte, bem à parte, fóra de toda a ideia politica ou de escola, esse genial Camilo revela, a claro-escuro dramatico, na espantosa galeria de tipos dos seus romances, o que ha de mais verdadeiro e sublime na alma portugueza.

Junqueiro no *Finis Patriae* e na *Patria* é a propria voz, profética e arrebataada pela esperanza, de Portugal, que delira no inferno das suas dôres.

Ramalho, nas *Farpas* e no *Culto da Arte*, desperta o amôr pelo nosso grande património artistico e, da nossa vida ao passo que pela ironia põe em relevo tantos aleijões, selecciona o que ha de forte e caracteristicamente portuguez.

Teófilo Braga, é, apesar de tantos gravíssimos erros e contradicções, o único cujo esforço enorme é sempre animada pelo nobre pensamenio de definir e enaltecer na história, na literatura e nas tradições populares a alma nacional. Pena é que os preconceitos de escola e o cego propósito de enaltecer a todo o custo a nossa vida lhe prejudiquem a obra.

Menos conhecido, mais fragmentário nos seus estudos de historia e literatura nacional, mas incomparavelmente mais profundo e original pelo pensamento filosofico, é a obra de José Sampaio. Este, à medida que vierem as gerações, hade crescer, e quanto desconhecido e incompreendido viveu, tanto hade ser considerado como um dos maiores do seu tempo e da sua Pátria.

João de Deus e António Nobre fazem de novo ouvir na sua terra aquella enternecida e queixosa melodia do lirismo lusitano, que desde o século de quinhentos quasi totalmente se calara.

E se é certo que a obra de Oliveira Martins destila um doentio e negro pessimismo e que Eça de Queiroz tornou por demais elegante o scepticismo e o desdem pelas coisas portuguesas, algum esforço se lhes deve a favôr da Patria: a um a terrivel sinceridade de mostrar a degradação a que chegara mos como nacionalidade e ao outro os finos piparotes com que descompôz os nossos grotescos e ridiculezas.

Educada nessa escola de combate e de orgulho, d'olhos postos nos largos caminhos que hoje se abrem à vida, animada por um ardente amôr patrio, que não exclue o conhecimenro do mundo nem a admiração pelo esforço das outras nações, surge uma nova geração, sobre a qual não é lícito pronun-

ciarem-se prematuros juízos, mas que desde já se apresenta, toda ela, com uma comum característica: o desejo de revelar, definir e enaltecer a consciência nacional.

Coligir e apontar os dispersos esforços que em tão diversos sentidos se fazem, mas unificados pela mesma nobre aspiração, nas artes, na politica, na educação, no estudo da historia e do folk-lore, na archeologia e etnografia, etc., etc., eis o que nos propomos na serie de artigos, que ora começamos.

E já que Portugal acaba de entrar no grande conflicto europeu, falemos desse acontecimento como o mais capaz de afirmar e definir a nossa consciência colectiva.

I

PORTUGAL NA GUERRA

«... *cette terre recommencera de trembler et de jeter des eclairs.*»

É que de facto, ha um século que a nossa vida parece manifestar-se por súbitos clarões de relampago. Arrepios misteriosos de vida num corpo moribundo; fulgôres de cólera nuns olhos que a morte vitrificava já...

Dir-se-hia que, em verdade, esta nação, que se afez às grandes e fortes acções, mal lhe roubaram a escota e a espada com que descobriu e avassalou meio mundo, perdida a derradeira esperança dum grande destino civilisadôr, se refugiara na contemplação abismática da sua última hora de aventura heroica.

O pensamento da sua independencia fa-la acordar ainda para resgatar a perdida liberdade e só quando a afrontam no seu brio nacional tem um forte estremeção de energia e ergue-se toda ela, fulgurada pela mesma raiva: é na aurora e no ocaso do século XIX, — com as invasões napoleónicas e com o *ultimatum*.

Mas, passada a canícula patriótica, recai a dormir, como aqueles seres a quem o sono hiemal periodicamente inanima, e só a mudança de regimen político a faz de novo vibrar profundamente, tamanho o abalo ferido na inercia dos seus hábitos e tão dôce o nôvo lucilar da estrela da esperança, que ha tanto se apagara nos seus caminhos.

É inutil nega-lo: — ha uma parte da nação, entorpecida e analgesiada a tal ponto que só quando lhe rechine a carne e o sangue esvase nas chagas fundas, se crispará de sofrimento. Ignorancia, egoismo e cobardia... Pouco pesam no nosso destino. O resto, a parte consciente, uniu-se à volta da bandeira da República, porque compreendeu que ela se desfraldava na avançada do pensamento moderno, e que só novos processos, chofrando bem a sonolencia nacional, a podiam em defenitiva acordar. Ha ainda uma parte, que não abandonou a ideia monárquica, por um sentimento de fidelidade e leal reconhecimento. Esses são dignos de respeito. Diremos mais são necessários, porque esses poucos, se abandonassem tambem a sua causa, desmentiam em si um dos mais belos traços do character nacional, — a firmeza e a constancia de sentimentos. Mas trata-se dum legitimo caso afectivo; nunca duma luta de ideias. Cavaleirosas figuras, onde scintila um resto de nobreza antiga, perdem-se, calados e sumidos na turba multa dos chatins que só agora se acrisolaram na defesa dos *sagrados principios*.

Assim essa forte e consciente parte da nação, unificada pelo mesmo pensamento e rediviva na consciência dos seus altos destinos, apenas a conflagração europeia estalou, sentiu-se logo atraída pela causa dos aliados e abraçada no desejo de a secundar, não já e apenas por um sentimento de fidelidade aos tratados, mas porque vira que desse lado estava a nobreza e a exaltadora libertação da Humanidade. Não, não nos peçam uma arimética de interesses; mas dar-lhes-hemos, se quizerem, um evangelho de certezas divinas. Se nos exigirem a luz utilitária que alumia a vida material, ai de nós! é sumida e vasqueja nas trevas; mas este pequeno povo, que vos deu o mundo, pode despedir clarões que iluminem os recessos cóncavos do Ceu.

Esta Pátria, quando vencida a crise púbere, atingiu a maioridade em Aljubarrota, instinctivamente definiu o valor da vida, como uma força, que tanto mais se exalta, quanto multiplicada pelo perigo e pela grandeza do fim, lançada sobre a face dos mares e sob os ceus distantes, numa largada de aventura e de ansiedade. Arrancar-lhe esta filosofia da Vida: impossível. Viveu-a por dois séculos; e sonhou-a noutros dois. E' a sua alma. Se lha arrancassem ficaria uma fria máquina europeia, produzindo vinhos e artefactos, mas sem influência fecundante na vida humana.

Terra planturosa, a que a salina marítima deu uma particular fertilidade, a copa das suas árvores respira melhor no meio das tempestades renovadoras.

Eis porque, declarada a guerra pela Alemanha, toda a Pátria estremeceu de entusiasmo, como um doente que ha muito retido no leito, e agora convalescente, chega de súbito a uma janela aberta sobre o Mar e acomoda e casa o ritmo do sangue ao tímido fervôr das águas tempestuosas.

Não nos fechem a vida dentro de quatro paredes. Queremos o grande ar livre. As nossas lutas foram e voltarão a ser sobre a larga face do mundo. O nosso valôr cresce com a grandeza da terra que pisamos. Enternece-me beijar no meu pomar a face dos meus filhos. Se o meu amôr vive as glórias e os sofrimentos da Pátria, ergo-me e egualo a sua estatura. Deixem-me lutar pela Humanidade, assinem ao meu esforço a Liberdade, um ideal que abranja todo o Mundo, e a minha vida incendiada de amôr terá o brilho e a palpitacão ignea dos astros. Ah! e pudesse eu estender, em efectivo esforço, esse amôr às estrêlas, pudesse fundi-lo, vasalo, imiscui-lo na torrente de lava cósmica, que atravessa candidamente o Ceu de lado a lado, e eu atingiria a exaltação e a alegria suprema e eterna.

Somos assim. Vivemos melhor os grandes destinos. E nítida ou confusa, é esta a vibração da consciência nacional. Não nos anima a certeza matemática da vitoria. É a fé abraçada dos videntes e dos herois. É, numa hora religiosa, o desejo de misturar o nosso ao sangue do sacrificio que vai resgatar a Terra.

E, embora os cegos tateiem na escuridão e recúem aflitos para a borda do abismo, a alma da Pátria ergue-se em altos surtos, e vai, ébria de heroismo, misteriosamente atraída para o Oriente da Beleza.

Lisbôa, 27 de Março.

JAIME CORTESÃO

O MÊS LITERARIO

O AMOR EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII, por JULIO DANTAS
 EDUCAÇÃO REPUBLICANA, por JOÃO DE BARROS — FLOR DA LAMA, por EUGENIO VIEIRA
 REVISTA DO BRAZIL — LUZ GLORIOSA, por RONALD DE CARVALHO
 AO SOL E Á CHUVA, por TEIXEIRA DE QUEIROZ

Julio Dantas, no seu recente livro — *O Amor em Portugal no século XVIII* evocou, numa série de quadros, os tipos mais flagrantes de uma sociedade em que os problemas da carne e do instinto eram resolvidos com os filtros da galantaria que os homens e mulheres praticavam, para se darem a ilusão de que a natureza se amaciava, á medida que os desejos se tornavam mais hipócritas.

Todo o pitoresco da época, a breve espumadas intrigas das alcovas, o domjuanismo profano ou conventual, as mentiras que desabrocham dos primeiros beijos e os beijos que esfriam em tremores de pecado, os gestos graciosos da juventude, seguindo a órbita das tentações e as volúpias decrépitas dos que pedem ao coração a piedade de uma pausa num crepúsculo irremediavel—de tudo isso nos fala Julio Dantas, atravês páginas evocativas e sugestivas em que a sua pena, tão apta para apreender o rumor, a vibração, o colorido e a graça das coisas, faz maravilhas com a frase, imprimindo á nossa lingua um dom extraordinario de sensação que rarissimos escritores portugueses até agora atingiram.

Em João de Barros, vive um poeta e um educador: o primeiro tem sido, entre nós, cantor egrégio da beleza clara e mimosa que surge dos penosos gestos enamorados e dos roucos brados heróicos, como uma aurora pagã da treva de uma longa noite de espectros; — o segundo, incansavelmente, tem espalhado as boas palavras, a fim de acordar na raça as energias latentes ou dormentes que, nas escolas, um dia hão de chegar á perfeita expressão do esforço e do movimento consciente.

O seu recente livro — *Educação Republicana*, encerra uma série de capítulos em que a sua fé disciplinada e forte na missão espiritual da nossa democracia se documenta nalgumas proposições tão luminosas que só os cegos de entendimento e vontade recusarão abraçar. Todo o seu apostolado visa a resgatar o português vago, sceptico e incerto em seus propósitos num ser forte e optimista, largo nas aspirações e fecundo no engenho.

De como Portugal é um dos elementos da constelação latina, êle prega em incendidos períodos a nova cruzada do ocidente que se propõe restabelecer os herdeiros da velha Roma na sua situação preponderante de mestres e senhores.

Eugenio Vieira com o seu livro — *Flor da Lama*, revelou-se um escritor feito, na posse de um estilo, de uma maneira muito sua de descrever, contar e evocar e de uma filosofia amarga, mas humana que resume as suas experiencias vitais e as reacções de uma sensibilidade ferida pelo burguesismo espesso que agora tão metódicamente impera.

Os contos que o compõem — principalmente *José Pancadares* — mostram que o seu autor possui um vivo sentimento da paisagem algarvia e alentejana que lhe serve admiravelmente para ligar á terra que pisam as suas figuras,

todas elas escolhidas entre a humanidade que, submissa ou rebelde, se envolve em amargura, para mais livremente encaminhar os seus passos, através os meandros inumeros do sofrimento. Eugenio Vieira que tem da Felicidade simplesmente impressões negativas borda sôbre ela alguns sarcasmos dos que mais rudemente lhe esventram o seu bernal de mentiras.

Recebemos dois numeros do mensario paulistano — *Revista do Brasil* que lemos gostosamente, encontrando nas suas páginas uma larga colaboração, de molde a chamar as curiosidades dispostas de todos os que, cá e lá, buscam orientar-se sôbre a mentalidade do povo brasileiro. A *Atlantida* que nasceu precisamente para aproximar os latinos das duas republicas irmãs, criando uma fraternidade de espiritos um intercambio de pensamentos e emoções, saúda na *Revista do Brasil* um grande campeão da nobre causa, dando-nos o espectáculo confortante de reunir um grupo selecto de escritores e publicistas, a fim de marcar as etapas evolutivas de uma *elite* que aborda todos os assuntos, afirmando-se segura dos seus destinos.

A poesia deve ser, sobretudo, uma poesia de renovar as almas, mantendo-as na juventude da sensação. Quando os poetas nos rememoram unicamente as velhas estradas pisadas e empoiradas por encanecidos e gastos sonhos, deixa de corresponder ao seu papel, tornando-se um triste refúgio de banalidades que só toleram os que compreendem a vida miseramente, nos seus aspectos insignificantes. Ronald de Carvalho que já ha tempos publicou os seus poemas maravilhosos, com êste título tão evocativo — *Luz Gloriosa*, merece que o destaquemos, entre os que, com vocação certa ou errada, buscam chegar ás fontes da eterna Ilusão, buscando rotas onde os corações, para palpitem desafogadamente, teem de ensaiar ritmos novos. A sua musa tem o horror do lugar comum, do romantismo triste ou alegre que se sacode em mesquinhos harpejos, mais mortiços que os olhos de um cativo. Tomando como tema e motivo a luz e o fogo infinitamente variado das suas mutações e combinações, êle dá-nos uma imagem largamente representativa da vida universal, apreendida em visões de um paganismo esplendoroso que uma ou outra vez se turva de tristeza e prenúncios hamletianos. Transcrevemos para aqui a bela exortação que abre a *Luz Gloriosa*:

Canta a gloria da vida
dentro do ouro dos teus sentidos...
Canta a gloria do Mar
e as galeras de proa grafilada,
num desespêro heróico de conquistas...
Canta o Sangue que arde no teu Sangue,
a immortalização da tua Carne...
Canta a luz na aleluia de teus olhos,
no incendio flavo das retinas loucas...
Canta o som na Memória do Silencio
e as vozes mortas que não escutaste...

Canta o perfume dos incensos góticos
na labareda rubra dos Vitrais...
... e a Saudade das flores que não viste...
Canta a alma exul das mãos que te pensaram
o pus das chagas que te engrandeceram...
Canta longe da Vida a tua Vida
Canta a Alegria de viver contigo...

Teixeira de Queiroz juntou mais um volume à sua *Comedia do Campo* a que poz este título — *Ao Sol e á Chuva*. É uma historia de gente simples, cujos corações palpitam dentro de um horisonte que os olhos acham pequeno, mas as esperanças bastante largo, para nêle caberem os vãos de uma alma.

Seria uma clara bucólica cristã, se o autor dos *Arvoredos* tivesse menos vivo o sentimento da realidade ou perdesse a sua arte perfeita de surpreender o traço exacto, a feição característica que marca os aspectos das coisas e os retratos das pessoas. A sua visão não comporta aquela espécie de poesia que se compraz no vago, no maravilhoso, no rasto etereo da fantasia que, pelo vasto espaço, procura os bandos alados das quimeras.

A sua pena tem o culto inato da verdade, e até mesmo quando evoca fugazes aparições de sonho ou lenda, ele lhe persiste fiel, porque entende, e muito bem, que a Beleza é um fruto de Natureza, uma graça da terra, que desta recebe força e fulgor. As suas paisagens são portuguesas, as suas figuras obedecem aos fados da raça, as intrigas, os gestos, paixões, as virtudes, os vícios e os ridículos que estuda nos seus livros estão bem dentro do âmbito do nosso ser moral. Alguma coisa, porém, variou em Teixeira de Queiroz — a sua sensibilidade que a princípio distanciada, pela análise e pela observação, da sua obra, a pouco e pouco se veio aproximando, consubstanciando-se nela como um fermento renovador.

O antigo romancista realista que criava tipos, urdia narrações, dramatisava factos, expunha situações, explicava caractéres e aclarava as manchas das almas fúteis ou difíceis raramente se deixava adivinhar nas razões íntimas do seu espírito ou nas aspirações mais cálidas do seu coração. Com o tempo, esta attitude rígida abrandou. E a verdade, a beleza e a piedade uniram-se para dar aos seus últimos contos e romances os suaves toques de uma devoção religiosa que coloca o homem entre a terra e o céu, como o caminheiro que nunca se reconhece perdido, porque uma voz interior lhe levanta a fé amortecida.

Ao Sol e á Chuva tem a ternura singela e comovida dos livros de Julio Diniz, mas sem a mentira idílica que tanto prejudica a sua compreensão da aldeia e do aldeão. O ambiente é verdadeiro, os personagens que, dentro dêle se movem, são do mais puro barro humano, as paisagens têm o encanto da região minhota.

Por isso o leitor nunca perguntará a si próprio se Teixeira de Queiroz constroe um paraizo para os enfermos do sonho, porque não o abandonará a certeza de que, em Terras de Portugal, o cristianismo vive ás abas das serras, em lares resignados e crentes, como as andorinhas que fazem os seus ninhos nos beirais dos telhados.

JOAQUIM MANSO

O ROMANCE NO BRAZIL

EXALTAÇÃO por ALBERTINA BERTHA

O acontecimento literario de monta é o livro da escriptora Albertina Bertha: «Exaltação». O romance no Brazil, após o grande Aluizio Azevedo, Coelho Netto e D. Julia Lopes de Almeida, estava quasi um genero abandonado. Salvo os dois romances de Afranio Peixoto e a obra *A Vida* do mallogrado Thomaz Lopes, não appareciam nas livrarias novos nomes de romanistas. A sr.^a Albertina Bertha agita porém o mundo literario e o grande mundo com a «Exaltação».

E' curioso notar como, ao passo que os homens vão abandonando a actividade literaria, as mulheres, talvez com um brilho talvez maior, occupam os logares eminentes da arte. A sr.^a Albertina Bertha, que é filha do conselheiro Lafayette, figura notavel no imperio, jurista, erudito, jornalista, o celebre Labieno polemista, e até hoje membro da Academia Brasileira, quasi não apparecera em revistas ou jornaes. Ouvimol-a numa conferencia sobre Nietzsche, conferencia inferior ao seu genio. Agora a *Exaltação* coloca-a entre os mais notaveis escriptores contemporaneos, ao lado de Collette Willy, da Condessa de Noailles.

«Exaltação» é o poema de desejo de uma mulher. Nunca as ideias tiveram uma vertigem tão sensual; nunca os sentidos pensaram tanto como nesse romance de volupia, de luxuria, de fogo, de sangue.

Ladice, a heroína, ama cerebralmente um homem notavel. A paixão é delirante e voraz. Ella não resiste. Ella transforma-o. E no auge do amor, quando sente que pode um dia perdê-lo, mata-se. O drama objectivo-subjectivo é contado num estylo envolvente e revelador que tem dos poetas da Persia, do *Cantico dos Canticos* e de todas as perversidades contemporaneas. O livro é todo escripto musicalmente.

Ha notas quentes e isoladas. Ha verdadeiros e successivos *impromptus*. Um d'elles ao acaso:

Esta noite antes de ir para a cama a Senhora de Assis demorou-se longas horas á janella. O ar limpido, sereno, tinha scintillações de crystal; o céu parecia o reflexo impedrado de um mar immenso, profundamente azul... Marte tremulava como a ponta de um cigarro acceso...

«Meu Deus, aquelle cypreste esguio que fére tão duramente o céu é a interjeição dorida, eterna das minhas visceras para meu Poeta bem amado...» — pensava Ladice.

Ella embriagava-se nas sombras fantasticas do arvoredos na terra, no bulicio das folhas, dos ramos que palpitavam como arterias, na massa escura que a rodeava, que lhe entrava pelos póros, pelos cabellos, pelas narinas até lhe levar ao senso os mysterios estuantes da natureza amorosa e sensivel: ella adivinhava os segredos que se passavam nos botões retorcidos, nos pollens atrás de pollens incontidos, nas raizes ávidas de abysmos, de subterraneos, de firmezas... Ella ouvia o barulho de crescimento, de liberdade dos rebentos, das gavinhas, proseguindo na sua faina de expansão... — Ella percebia o ruido frouxo, rouco, abafado dos estyletes que produziam... E o exter-

tor, os soluços das paniculas, das campanulas, dos corymbos caindo mutilados, desfeitos, mortos... E o ai das folhas, dos galhos que se quebravam... E o gemido dos troncos, das frondes que envelheciam...

Mas para gozo do leitor é bom transcrever aqui a scena da posse e a scena do derradeiro encontro.

A scena da posse :

«Uma pequena indecisão, e Ladice batia, ligeiramente, mysteriosamente, quando a porta se abriu de par em par e Theophilo pallido, fremente, a enfrentou. Como a onda que embate na onda, como o espaço livre que se lança contra o obstaculo resistente, como o movimento que se segue ao esforço consciente, ambos impellidos pela paixão, foram um para o outro, abraçaram-se longamente, perdidamente, silenciosamente, como os elementos, as coisas materiaes, as montanhas, rochedos que caem uns sobre os outros, a se desfazerem, misturados, rolando, fundidos, confusos, inalienaveis, perdendo a feição primitiva, assumindo uma nova, fazendo-se um só ! Ladice inteira se rendia á violencia dessa effusão. Ella sentia pousar-lhe sobre o corpo maravilhoso de porcellana quente trophéos sublimes, radiosos, sudarios ardentes, rubros, tecidos pelos dedos de Aphrodite.

Languidamente branca, quasi etherea, de uma espiritualidade dolorosa, de uma ternura doentia, Ladice sorria, estratificada por sensações implacaveis, grandiosas, estranhas, uniformes, de um amor permanente, continuo, exclusivo, anormal, vasto. E elle fallava-lhe assim :

— Na tua belleza debil de gestos classicos, de passo cadenciado e esquivo, em teu olhar de amorosa renitente, eu te conheço, nympha divina... Vens da antiguidade, da Etruria famosa... O vento do desejo enfuna a tua chlamyde carmezim, e os teus cabellos, trançados de rosas, de iris, de musgos... Seguras nas tuas mãos, alongadas pela força de teus espasmos, a taça de vinho e de mel, que seduz a humanidade, e dizes : — «Vinde, bebei, conhecereis o amor e vivereis, deixareis de ser um verme para serdes um deus...» — De teus braços nervosos, enroscados de aspides, pendem tamaras glutinosas, mordidas pelos teus dentes, salgados pela tua saliva, e tu as jogas ao passante como sendo o fruto do bem e do mal... Teu labio é avermelhado pelo sangue das victimas, que as rainhas de antanho faziam immolar a seus pés, pedindo-te a eternidade do ardor e da renovação... Tua bocca tem o estertor daquellas amantes que se faziam cortar as veias por amor de seus amores... Nas tuas formas palpitam a areia adurente, a oppressão offegante, o céu, a brisa, a palmeira, o ibis, o rio, a florescencia das paisagens etruscas... E's a minha jovem Hamadryade, ha vinte annos que as vozes clamorosas de meu coração te gritam : o meu amor te buscou em todo o universo, meus olhos, meu espirito, te procuraram como dementes... Encontrei-te, finalmente, vies-te a mim e eu te retenho... Viverei ao teu lado, agarrado á tua sáia, como se fôra esculpido em ti, o joelho curvado, adorando-te... Todo o meu sêr se queimará em sacrificio, morrerei sob a tua sombra triumphante, minha joven Hamadryade...

Theophilo levantou-se e poz-se a tirar dos vasos todas as rosas que os guarneciam : Eram rosas lindas, passionaes, desesperadas, rosas que traziam

as pizadas de Eros, a melodia dos ventos, os movimentos harmoniosos dos dias e das noites, o ardor do sol, da terra, da herva fresca. Mutilando-as, elle as desfolhava sobre Ladice, dizendo :

— Rosas, cobri essa Rosa de Fogo do paganismo, essa Rosa Sublime da eternidade, essa Rosa de estufa, que perfuma o meu coração, essa Rosa da Manhã, quente, humida, petulante, como a boca de um Fauno !...

E as petalas das rosas caim sobre Ladice, rolavam-lhe pelos hombros, pelos joelhos, enchiam-lhe o collo, cobriam-lhe as mãos, amontoavam-se a seus pés, como gotas concentradas do sangue de seu amor, como fragmentos de um coração, que uma grande dôr decepasse. Abrindo, em seguida, uma gaveta, elle tirou um vidro de essencia, e, derramando-o sobre Ladice, dizia :

— Corre, mistura-te a esses cabellos, que teem molleza, exaltação, phrenesi, entra, perde-te nesse corpo unido, divinamente pallido, deslumbrante, como se trouxesse no intimo um sol vigoroso, esplendido... Não manches, não empanes o brilho dessa pelle fresca e queimante como o alcool...

Tirando de um estojo um collar de perolas, elle o arreventou no seio de Ladice :

— Rolai sobre esses membros esguios, perolas symbolicas : — sois os annos, as horas, o tempo em que vivi em lamentos, em queixumes ; sois as lagrimas petrificadas, os soluços, as tristezas, as inclinações funestas ; sois as extravagancias pensadas, idealizadas, a aspiração esteril, as ambições não realizadas, o estimulo desejado, a immoderação, a alternção dos prazeres, as intolerancias, o grito incisivo de revolta contra Deus e a humanidade ; sois os tumultos, as forças, os poderes, que me devastaram a juventude... Rolai, perolas, quebrai-vos á guisa de estações que se findam, que se destroem, á guisa do arvoredado que fenece, murcha e seca, para depois renascer, exuberante, dominador, immenso.

E as continhas espalhavam-se, corriam pelo corpo de Ladice, festejando a sua glorificação, o seu baptismo de amor, a sua iniciação no mysterio, o mais profundamente estonteante da existencia.

— E's a minha propriedade egoista, mulher formosa. Parece-me descobrir em ti a imagem do amor, fixa no centro da Vida, unica, sem ligação com o passado e o futuro, assistindo ao correr dos seculos, das coisas, dos seres animados, incolume, illesa, suprema, magnifica...

Depois de uma pequena pausa, sentendo-a sobre os joelhos :

— Não te deixarei partir, ficarás aqui commigo, ao meu lado, nunca mais me abandonarás... Nunca mais...

Dizendo isso, elle apertava-a loucamente, cingia-a com os braços, n'uma exaltação extraordinaria.

Ladice, ainda vencida pela vehemencia de sua sensibilidade, não podia falar, e retribuia esses excessos de amor com afagos lentos, com beijos longos, deliciosos, que nunca se acabavam, beijos ardentes que deixavam de cada vez um pouco de seu coração, de sua alma, de sua ternura.

Mas a insistencia, a continuidade, a excitação insolita com que elle repetia esse «nunca mais», despertou-lhe a attenção e desceu-lhe até o amago da consciencia, sacudiu-lhe a intelligencia e ella inteira se agitou perturbada, angustiosa, aterrorizada, reconhecendo-lhe o delirio, a febre :

— Sim, nunca mais te deixarei. Sou tua; ficarei aqui, cuidando de ti, adorando-te... — repetia ella, accentuadamente, com carinho, com amor, com desvelo, tratando de convencil-o — mas estás fatigado, vem, deita-te.

Ladice, ao seu lado, como uma grande sombra, animava-o, cantava baixinho, apertava-o, rosto contra rosto, beijava-lhe silenciosamente, pausadamente, o canto dos olhos, das orelhas, os ciliós, os cabellos, espalmava-lhe as mãos pelo dorso, como se com este gesto quizesse abrangel-o por inteiro, absorvel-o em si, sondar-lhe a profundeza do sentir, da alma, misturar-lhe as sensações, ter a impressão de posse, de propriedade; toda a sua alma ia para elle, se estacionava sobre elle como uma caricia tardia, estavel, parada, que se não finaliza; seu coração se fendia, se destruía... Era preciso partir, deixal-o, a elle, o amor do seu amor, a sua exaltação vibrante; seus grandes olhos se collavam nesse corpo extendido, perfeito, tranquillo, calmo, a forma affectada do fogo que a consumia; eram olhos cheios de expressões sombrias, dolorosas. Dir-se-iam que assistiam a scenas sangrentas, patheticas, a choros de viuva desolada, a separações eternas, a mortes crueis...

Essa grande amorosa, que ainda tinha a sua vertigem impregnada da vertigem de Theophilo, que ainda sentia palpitar, na distensão de cada nervo, a effusão rubra de seu amor; ella, que trazia a sua sensibilidade contaminada por outros fremitos, por outros abalos tão estranhos, tão mysteriosos quanto os seus; ella, que não era mais ella, porém a mulher sublime, que recebera dos labios da Vida o triumpho, a consagração, a espiritualidade, o complemento humano, natural, terrivel, destructivo de uma individualidade, via surgir, levantar-se, crescer, dilatar-se, manifesto e vehemente, qual irmão gêmeo de seu amor — o soffrimento... Dos pés á cabeça rolava-lhe, tenebroso, esse trovão, sacudindo, ameaçando, alluindo a debilidade de seu organismo. Ella começava a viver e a morrer; entrava no ultimo acto dessa tragedia, delirante, amarga, violenta — fim maravilhoso, onde se quebram as naturezas excepcionaes, insignes, extravagantes.

Ladice já transpunha o limiar da porta, com a alma espinhada, acutilada, por saudades indisiveis, loucas, excessivas, quando voltou de novo para contemplar mais uma vez esse perfil, que era a sua exclusividade, a audacia de seu sentimento. Beijou-lhe o braço seguidamente do hombro ao cotovello, com a demencia, a determinação de moribunda, que a ama e não quer deixar a vida... E saiu...»

E o final, quando Ladice descobrindo uma carta da esposa do seu amante, resolve morrer :

«Theophilo recebia sobre o ardor, a emoção, a belleza liquida, estranha de sua amante. Em seu silencio, fixando-a, elle se dizia, á medida que a inspiração se lhe transmutava.

«E's a lampada violeta que preside em abobodas escuras, o bem e o mal; o germen que se agita e a seiva que se estiola da humanidade... lá no fundo, contra a parede, se delineam tres formas sombrias, negras, esqualidas, cujas mãos descarnadas teem sempre o mesmo movimento alterno...

«És Chtonía immolada sobre ara reluzente de soes, em holocausto aos deuses para a salvação da «Cidade Virgem»... Tens em as visceras heroicas

o culto, o entusiasmo, a reverencia bemdita, o adeus terno e lacrimoso de Athenas orgulhosa... De tua garganta golpeada, o sangue escorreu e ajuntou-se em a base marmorea da ara reluzente de soes, denso, compacto, espesso, como se fôra o roseiral luxuriante do amôr immortal...

«De cada lado, alçam-se em volutas, em traços de lirios o pranto mudo de Praxithéa, o alivio agradecido de corações innumeraveis...

«Oh! Imagem de Volupia, no tumulto, por um repente, os teus labios, o teu seio, os teus membros, o teu ventre, serão assim violaceos, esverdeados, ficarão dessa côr triturada, machucada, pisada, remanescente, inexoravel, phrenetico, sedento de velupias successivas e violentas... Emquanto elle assim fallava afigurava-se sentir o cheiro da terra abafadiça, de humidade, de bolôr; e em seu delirio, imaginava distinguir milhares de corpusculos a se avolumarem:

— Carne morta, não tua, volupia minha e do universo, flamma violeta dos desejos atordoantes e insupportaveis, só possues de vivo, esses teus cabellos eternamente rebeldes que se esfuneam quaes remoinhos toxicos...»

Cortava o dorso do Poeta o grande arrepio. Os olhos de Ladice através de violeta lhe patenteavam os olhares de passados remotos; em a sua boca, elle via fanada, murcha, apagada, gélida a ébriez rubente, estridula dos beijos vivos...

N'essa pelle violeta, n'essas mucozas azinhavradas, Theophilo revia as nuanças das coisas gastas, servidas, uzadas, envelhecidas que já foram, que repoizam em catacumbas, que trazem as sevicias dos annos, do peso dos seculos, das civilizações de antanho; a dôr da dôr, a dôr do prazer ácre, o rebôo taciturno, extactico de vertigens banidas e mortas...

E os musculos e as sensações do Vate se torciam pesados, lentos como o ranger de gonzos buidos, como a contorsão das barras de ferro no desvario devastador do fogo.

A attracção furiosa de todas as impossibilidades de agarrar o que foi, o que passou, o que é ignoto e os instinctos dormentes das gerações extintas dos factores do seu eu, arremessaram-n'o contra Ladice com a voracidade infréne, curiosa do Presente; com os dedos arqueados qual garra de animal faminto, elle rasgou os véos que a envolviam exclamando: «Resurreição!» De ponta a ponta o corpo de Ladice surgiu branco, magnifico, formoso, fresco como uma aurora se libertando das entranhas negras da noite.

Theophilo poz-se a beijar-lhe o pé, a rosa, a perna, dizendo, a voz cortada: «Beijo-te o pé, a base, como a adoração, a prece, o incenso, a seiva, que cresce, que sóbe, que se diffunde, que te cobre, que te subjuga, que te suffoca».

A gaze violeta lhe emprestava á imaginação sabores lividos.

No amôr de Ladice, Theophilo sentia a vida e a morte se misturarem... Ella lhe dava a impressão de ser um sarcophago vicejante de corymbos, de cachos, de efflorescencias em flôr, a arder de fluidez, de aromas novos, estonteantes... Parecia-lhe amar um corpo que já havia sido, que conhecia a volupia do além, a ascendencia ultima das vibrações humanas; o abandono, a caricia servil, avassalante de vermes que desconhecem o sol; pelo rosto de sua amante, seus dedos passavam irritados em busca de vestigios dirimidos dos espasmos idos de amores mortos em éras mortas... Em resposta

aos seus pensamentos, elle disse alto: «Foi o ardor que te conservou inviolada e que te fez volver á vida gloriosa...»

Em Ladice permaneciam a luz e a sombra derradeiras: os seus olhares se despregavam, paravam em Theophilo, seguravam-se-lhe á pelle como os líchens candentes do ser e da paixão; suas mãos, desciam, escorregavam sobre elle, dementes, agoniadas, cinzentas, como o que nunca mais será; seu beijo era continuo, voraz; tinha a mesma fome dos craneos vazios; seus cabellos se enlaçavam no pescoço do Vate amado, quaes braços amorosos, chamando-o: «Vem! Vem! Sejamos um só na eternidade!» A sua saudade se extendia sobre elle como uma lagrima quente, dorida, saudosa, que corre, corre...

Cedendo á vontade persistente de seus impulsos, ella lhe dizia, entregando-se: «Quebra-me, quebra-me, mata-me, eu te supplico, oh! mata-me: — E pela face transida se derramavam prantos interminaveis...

— Não! Ladice, és o triumpho expressivo do lyrismo e das germinações esplendidas... E' preciso que vivas, oh! mulher immortal... Em suas mãos crispadas, endurecidas elle sustinha essa amorosa impenitente e exangue.

O corpo, a alma de Ladice fugiam, collavam-se n'elle, colmavam-no, moravam n'elle. Ella lhe transmittia as pulsações, a melancolia, os suspiros, as incoherencias esplendidas e recebia d'elle em torno as instancias dominadoras, a energia victoriosa, as magnificencias.»

Exaltação é principalmente um livro que arrebatá. Não se pode notar defeitos no arroubo. E esse arroubo é unico na lingua portugueza. Não ha um livro assim ou que a esse se assemelhe no Brazil ou em Portugal. Tal o seu entusiasmo, a corrida dyonísica de Desejo e de Paixão de que é elle o Confessionario delirante...

JOE.

CRÓNICA MUSICAL

Terminou a quinta série de concêrtos da Orquestra Sinfónica Portuguesa.

De 30 de Janeiro a 2 de Abril efectuaram-se oito concêrtos, compreendendo um Festival beethoveniano, dois wagnerianos e as festas artísticas de Blanch e dos executantes.

O mais notavel dêstes concêrtos foi o Festival consagrado a Beethoven, a que a orquestra pela primeira vez se abalançava; foi uma prova decisiva do seu valor, servindo de seguro estalão para se avaliar do que ela já é e vale: uma verdadeira orquestra, a que vem mostrando assim os seus progressos, instrumento uno e igual na sua complexidade, e não simples agrupamento de executantes, em que cada um toca como pode, sem a preocupação do conjunto, de modo que os *tutti* se reduzem a concertantes de trombones, como acontece sempre que não há a condução firme, consciente e disciplinadora dum verdadeiro director de orquestra.

Neste período, aumentou a orquestra o seu reportório com mais sete obras, sendo duas dum portuguez, *Dança árabe* do dr. José de Pádua, trecho dum feliz e equilibrada orquestração, e um poema sinfónico do mesmo autor,

peça infeliz, tanto na falta de originalidade dos temas, como na seqüência dêles — duma frase e atmosfera wagnerianas cai-se súbitamente numa banalidade puccinesca, — e ainda sem unidade nos seus três andamentos, o primeiro conseguindo interessar, os dois outros absolutamente vãos.

Dois trechos franceses, um da maior simplicidade, obra própria para fazer as delícias daquela parte dos ouvintes que querem recrear o ouvido com música cantante, a *Serenata* de Saint-Saens; outro, *scherzo* maravilhoso de sciência orquestral e de espírito musical, página descritiva do mais feliz humorismo, *L'Apprenti sorcier* de Paul Dukas, tradução sinfónica da balada de Goethe, cuja execução foi de todo o ponto notável.

Dois outros trechos, de Wagner, se deram em primeira audição; a introdução do 3.º acto de *Tristão e Isolda* e a abertura para *Fausto*, esta incluída no programa do Festival wagneriano com que a orquestra comemorou o 33.º aniversário da morte do genial saxão.

Merecem também menção, se bem que não fossem primeiras audições, as execuções das *Sinfonias*, op. 68 e 95, de Beethoven, pela superioridade de interpretação em relação à de épocas passadas.

Finalmente, no último concêrto, levou a orquestra a *Nona Sinfonia* de Beethoven, com a desgraçadamente necessária supressão, por falta de coros, do último andamento. Se bem que esse corte destrua o efeito e torne a obra vana de significação como sinfonia, ainda assim a audição dos três primeiros andamentos, como música pura, é um alto prazer espiritual, que a execução não aguçou, apesar da sua extrema dificuldade. Foi para a orquestra uma grande prova de consciência de interpretação e respeito pelas obras de Arte máximas, essa memorável execução de 2 de Abril; e espero que no programa do primeiro concêrto da próxima época novamente figurem no lugar de honra esses três admiráveis andamentos da *Sinfonia em ré menor*.

Finda a época no Teatro da República, foi a Orquestra Sinfónica Portuguesa dar um concêrto a Évora, no magnífico teatro Garcia de Rezende, digno duma capital. O programa fôra organizado de maneira a poder ser sentido e compreendido por ouvintes que, na sua maioria, pela primeira vez ouviam Música; e isso sucedeu, sendo estrondosas as ovações que coroaram a execução de cada um dos trechos, especialmente na *suíte* do *Peer Gynt* de Grieg, cujo segundo número foi bisado, e no *Motu perpetuo* de Paganini, que a assistência também fez repetir.

A 24 de Fevereiro apresentou-se num concêrto realizado na Liga Naval, o pianista e compositor Rui Coelho.

Este moço foi momentâneamente célebre, em 1915, quando da execução da sua *Sinfonia Camoneana*, para que se conjugaram elementos numerosíssimos, num esforço como nunca até entam se conseguira: infelizmente, a obra que fez mobilisar centenas de executantes e foi ensaiada com as maiores canceiras, não correspondeu de modo nenhum áquilo que se esperava, de maneira que o seu autor, envolvido no fracasso tremendo da sua sinfonia, tanto maior quanto mais ousados eram os seus moldes, caíu no olvido, uma ou outra vez quebrado apenas por factos que só tinham por efeito agravar a sua situação.

Passados quasi tres anos, voltou Rui Coelho a arrostar com o público,

não com a grande massa das audições sinfônicas, mas com a assistência discreta dos concêrtos de câmara.

Como pianista, um grave defeito lhe causa grande dano: a violência brutal dos seus *fortes*, que transforma os trechos em atroadoras trovoadas, violência particularmente perniciosa nas *fugas*, que resultam incompreensíveis.

É este um dos aspectos da sua megalomania sonora, que tanto o prejudicou como compositor na *Sinfonia Camoneana*: a convicção de que o efeito é proporcional ao número dos executantes, ou à intensidade do som; parece ser uma preocupação do *kolossal*, que caracteriza a maneira de ser do prussiano. Em todo o caso, os grandes mestres alemães, não prussianos, contentavam-se com pequenas orquestras de cinquenta a sessenta figuras para traduzirem as imperecíveis belezas das suas sinfonias, e ninguém dirá que alguma coisa lhes ficasse por dizer.

Como compositor, apresentou Rui Coelho uma peça para canto e piano e um trio com piano.

A primeira, que o autor chama *Trilogia camoneana*, tem por título *Na Catedral o Amor e da Paisagem*, título dum simbolismo excessivo, absolutamente impróprio para uma obra que se inspira em Camões, e cuja primeira parte é o soneto *Aquela triste e leda madrugada*, a que se segue um *intermezzo* para piano, terminando pelo *Cantar de D. Inês*, versos de João Amaral.

A Trilogia é uma obra de arte genuinamente portuguesa, não no sentido erróneo que vulgarmente se dá à expressão, mas na sua significação profunda e verdadeira: assim deveriam cantar, nas calmas noites tropicais, os ousados mareantes que demandavam o Tormentório, assim deveriam cantar, enquanto afeiçoavam a pedra, os canteiros que compuseram o grande poema de Santa Maria da Vitória.

A interpretação de M.^{elle} Alice Rey Colaço, intimamente sentida, deu todo o relevo à bela composição.

Quanto ao trio, nada tem que aproveitar, na louca extravagância com que as frases, ou antes, as notas, se sucedem e sobrepõem, sem que consiga apreender-se uma ideia, por pequena que seja, que nos guie no temeroso labirinto dos seus tres andamentos.

E contudo, ambas as obras saíram do mesmo cérebro.

Estranha coisa, e curioso problema a resolver . . .

* * *

A 14 e 18 de Abril deu no Teatro Nacional dois concêrtos a pianista portuense *mademoiselle* Aussenac.

Duma interpretação elevadamente inteligente, cheia de doçura, de expressão, de sentimento íntimo, ouvir a distinta concertista é um grande e raro prazer. A feminil delicadeza da sua técnica, de extraordinario encanto, não exclui a bravura, sempre que o trecho o exige.

Assim, a notável solista foi admirável de majestade de estilo nos *Corais* e *Prelúdio e fuga* de Bach, e ao *Prelúdio, tuga e variações* de Franck; soberba de sonoridade e profunda expressão nos *Estudos sinfônicos* de Schumann; perfeitíssima de elegância, graça, sentimento, leveza e bravura nos vários trechos de Chopin que executou; impecável, enfim, nas obras dos contem-

porâneos, que em excesso figuravam nos programas, e de que destacaremos *Clair de lune* de Debussy e *Córdova* de Albaniz.

A propósito da minha crónica sobre o Orfeon de Condeixa, publicada no n.º 5 da *Atlantida*, escreveu o sr. Afonso Lopes Vieira ao director desta revista uma carta, inserta no último número.

Se bem que o sr. Afonso Lopes Vieira não refute nenhuma das minhas afirmações fundamentais — o que tornava dispensável uma resposta minha —, ainda assim, para que o meu silêncio não passe por menos consideração pelo signatário da carta, que me merece a maior, direi algumas, poucas palavras sobre o assunto.

Acusa-me o sr. Afonso Lopes Vieira de ter feito a apreciação do Orfeon só com uma audição, que elle próprio confessa ter sido pouco feliz; e lamenta que não tivesse assistido ao ensaio, em que o som e o estilo foram muito diferentes.

Ora, aqui e em toda a parte, a crítica é feita sobre a primeira audição, e ninguém ainda se lembrou de apreciar ensaios; é certo que a crítica assim feita é muitas vezes involuntariamente injusta, mas, no caso presente, tal não podia dar-se, visto os defeitos provirem principalmente da ignorância do director do Orfeon, que forçosamente era a mesma na tarde e na noite de 9 de Fevereiro e nos dias subseqüentes. Quanto a repetir a audição, não me pesa na consciência crime tam grave que mereça tamanha penitência.

Cita o sr. Afonso Lopes Vieira o elogio de Pedro Blanch a alguns efeitos obtidos no ensaio, a que assistiu; o comentário de Blanch à execução da noite foi: — Que pavor! — Nem podia ser outra a impressão dos músicos, tanto profissionais como amadores, ou simplesmente de vontade. Uma distintíssima pianista, que possui toda a literatura de piano, recusava-se a acreditar-me, quando eu lhe dizia que o *Hino à noite* era o *andante* da sonata, op. 57, de Beethoven.

Acusa-me ainda o sr. Afonso Lopes Vieira de eu não ter manifestado simpatia por uma iniciativa de reconstrução nacional civilizadora e bela.

A simpatia que essas iniciativas me merecem é a mesma que elle próprio tem por elas: nesse ponto estamos perfeitamente de acôrdo. No que discordamos é na classificação e apreciação dessas iniciativas.

Eu reputo condição basilar de reconstrução nacional que cada um faça aquilo que sabe: *the right man an the right place*. E, longe de considerar civilizador e belo adulterar Palestrina, estragar Bach e assassinar Beethoven, julgo pelo contrario, que, quem tal fizer, pratica um acto anti-civilizador e horrível.

HUMBERTO DE AVELAR.

OS TEATROS DE LISBOA

O Cardeal, peça inglêsa recentemente representada em Espanha por umas sete companhias e que teve entre os seus mais notáveis intérpretes o desditoso José Tallavi ha pouco falecido, revelou aos frequentadores do República a existência de um Victorien Sardou britânico que se chama Lewis Parker e

cuja obra João Soller traduziu através da adaptação castelhana de Linares-Rivas e Reparaz. Carpinteirados a primor, os quatro actos do dramaturgo de além-Mancha possuem a côr e o espírito da época nêles evocada, o seu character, a sua grandeza, a linha das suas figuras, os contrastes dos seus sentimentos, a esplendidez e a crueza dos seus costumes. E, no entanto, a fantasia de Lewis Parker tornou-os histórica e cronologicamente falsos quanto a personagens e episodios, como é fácil provar com a lição da *Vida e pontificado de Leão X*, de Wiliam Roscœ, que citamos de preferênciã a qualquer outro estudo idêntico por ser o historiador compatriota do dramaturgo. *O cardeal* é aquêlê que devia ser o grande papa do Renascimento, o sucessor de Julio II, o filho de Lourenço o Magnífico, desde a meninice consagrado à Igreja e que Inocencio VIII elevou à dignidade cardinalícia com treze anos apenas. O entrecho do drama é este :

No decorrer de 1510, em Roma, João de Médicis, membro do Sacro Collegio, vive sumptuosamente com sua mãe Clarice de Médicis, da familia dos Orsini, e seu irmão Julião, cultivando as belas-lettras, protegendo os artistas, amontoando sob os tetos do seu principesco palacio as obras primas do cinzel e da pintura. Clarice de Médicis ambiciona para o filho a suprema gloria da tríplice corôa papal e êle próprio sonha com a tiara que lhe permitiria realizar soberbos planos. Julião de Médicis, apaixonado por Felisberta, filha de Bartolomeu Ghigi, consegue obter a sua mão por intermedio do cardeal que a solicita do opulento mercador, seu amigo e camarada em predilecções estéticas. Momentos depois, na mesma residência cardinalícia, Andréa Strozzi, um *condottieri*, valido de Julio II, encontrando-se a sós com Bartolomeu Ghigi, como êle, já comprometido, o não queira para genro, apunhala-o e faz conduzir o cadaver até junto do palacio do mercador. Julião, que está rondando as janelas da sua namorada, é prêso sob a suspeita de ser o assassino. No entretanto, Andréa Strozzi, a quem o sumo pontífice incumbiu duma missão militar em Ravena, procura João de Médicis para que o oiça de confissão. O cardeal escuta-o horrorizado, impõe-lhe a penitência e não tarda que saiba recaírem sobre seu irmão as culpas que só cabem a Andréa Strozzi. Mas o sigilo do sagrado tribunal é inviolável. Proclama a inocência de Julião em alta voz, jura-a perante Deus e os homens com a mão no Evangelho, cala-se, porém, quando lhe pedem as provas libertadoras. Andréa Strozzi regressa vitorioso. Roma recebe-o entre aclamações e hossanas; João de Médicis, a quem o papa não quis atender as súplicas, diz a Strozzi que seu irmão está prestes a expiar um crime que não cometeu e pede a sua intercessão. O valido de Julio II intervirá em favor de Julião, com tanto que Felisberta seja sua mulher. João de Médicis nega-se a consentir em tal consórcio e recusa também o generoso oferecimento do juiz de Roma, que se propõe facilitar a fuga do acusado. Aceita apenas cingir nos braços pela derradeira vez o irmão, numa entrevista que o juiz lhe proporcionará alta noite, horas antes da consumação da sentença. Por ordem do cardeal, arma-se e ilumina-se um altar para as bodas nocturnas de Strozzi e Felisberta. Todos, e até sua mãe, que projectara com o sineiro Beppo uma tremenda vingança, o julgam louco. Mas João de Médicis apenas recorre a um stratagemã que lhe ha de restituir salvo e com honra o irmão, sem que o sigilo do confessionario seja quebrado. A seu apêlo, Andréa Strozzi, que se banqueteara com Julio II, acode para se consorciar

com a filha de Ghigi. O cardeal, porém, nunca pensara em dar-lha. De novo discutem ambos a situação atroz daquêle que vai ser justicado sem culpa. Andréa, para que Felisberta e a sua fortuna lhe não escapem, quando João de Médicis mais uma vez afirma ignorar quem fôsse o assassino, releva-o da observância do segrêdo de confissão, autoriza-o a proferir o seu nome, mas que o casamento se faça, porque o resto não o incomoda. O juiz de Roma, que veio com Julião, ouve, por detrás de um reposteiro, a confissão do criminoso e leva-o prêso entre uma escolta, enquanto o cardeal abençôa as núpcias do inocente reabilitado com a filha de Bartolomeu Ghigi. Eis, a traço grosso, o tema do drama, verdadeiramente sardusiano, que desde o primeiro acto até o desfêcho seduz a imaginação do espectador e que lhe seduzirá também os olhos sempre que fôr pôsto em scêna com o luxo e a riqueza de decorações e guarda-roupa adequados à reviviscência de um século que o nome de Leão X assinala, — o século de Miguel Angelo e Rafael, em que príncipes da Igreja, como Bembo, se abstinham de ler as epístolas de S. Paulo para não contaminarem a pureza do latim de Cícero e em que as maravilhas da Sixtina causavam tão profundo assombro ao piedoso forasteiro como a preponderância do espírito mundanal e o esquecimento da doutrina evangélica reinantes na cidade eterna... A peça de Lewis Pasker, todavia, vai de encontro à verdade histórica e assim sucede que Clarice de Médicis, mãe do cardeal, atravessa todo o drama, se bem que houvesse morrido vinte e dois anos antes, em 1488. Julião casou em 1515 com uma Felisberta, que não era filha de Bartolomeu Ghigi mas tia de Francisco I, rei de França, o qual resolveu dar-lhe como brinde de núpcias o título de duque de Nemours. João de Médicis, que vestiu a púrpura aos dezassete anos e que foi cardeal diácono de Santa Maria *in Domenica*, recebeu ordens de presbítero a 15 de Março de 1513, isto é, cinco dias antes de ser coroado papa. A sua primeira missa celebrou-a sendo já pontífice romano. Como podia então, em 1510, absolver penitentes e abençoar matrimónios? Compreende-se o ruidoso xitêo de *O cardeal* em Espanha e não é para admirar que também o houvesse alcançado em Inglaterra. Sôbre ser uma peça bem feita e bem escrita, o escrúpulo eclesiastico com que o protagonista observa o sigilo da confissão, disposto a submeter-se aos mais duros sacrifícios de preferência a traí-lo, é uma eloquente apologia, grata sem dúvida ao fervor do catolicismo espanhol. Entre os inglêses debatem-se ainda agora com entusiasmo os problemas religiosos; a propaganda católica, lenta mas seguramente, conquista terreno às seitas protestantes e, como ninguém ignora, estas votam ao confessionario uma irreductivel hostilidade. Fazer constituir na confissão o episódio central de um drama havia, por certo, de despertar interesse, e, sabido como é apanagio dos palcos londrinos o rigor e o brilho da montagem scenica, imagina-se o deslumbramento que em Inglaterra caracterizaria a exhibição de *O cardeal*. A empreza do República, se não nos deslumbrou, esteve longe de descurar em absoluto esse aspecto essencialissimo para a garantia do êxito da peça de Lewis Pasker.

Os principais intérpretes foram: Eduardo Brazão (o cardeal), Lucinda Simões (Clarice de Médicis), Ferreira da Silva, (Beppo), Carlos de Oliveira (Andréa Strozzi), Teodoro Santos (Julião de Médicis), Luz Veloso (Felisberta Ghigi), Rafael Marques (Bartolomeu Ghigi), Tomás Vieira (o juiz de Roma). Eduardo Brazão teve scenas à altura do seu illustre nome artístico, sendo

justo salientar a da confissão, em que Carlos de Oliveira foi igualmente feliz. Ferreira da Silva compôs com mestria uma personagem episódica semelhante a outras que esmaltam a sua festejada carreira. Lucinda Simões, talento de primeira plana, esteve deslocada no tipo impetuoso, violento, cheio de orgulho de raça e de ambição, que é a ressuscitada mulher de Lourenço o Magnífico, segundo o dramaturgo inglês.

No República triunfou mais uma vez Eduardo Schwalbach com o *Poema de Amor*, em quatro actos, depois do êxito sem precedentes do *Dia de Juízo*, a bela revista que êle ainda ha pouco rejuvenesceu com dois novos quadros de actualidade flagrante e que promete atravessar toda a época, encantando o publico que acorre de longe para a vêr e enchendo de escudos o cofre da feliz empresa da Trindade. O *Poema de Amor* pertence ao grupo das peças de Eduardo Schwalbach em que se englobam *A cruz da esmola* e *Os Pos-tiços*, esplendidas caricaturas sociais, estudos de tipos e costumes, através de cujas cenas vibram, quasi paralelamente, a nota humoristica e a corda sentimental. A acção dramatica no *Poema de Amor* é, porém, dominante e absorvente, bem conduzida e melhor graduada, decorrendo num meio que tem tentado muitos comediografos illustres, o teatro por dentro, e se repararmos no regresso que hoje parece fazer-se, pelo menos quanto a predileções cenicis, a um romantismo que diriamos para sempre morto e sepulto, verificaremos alguns dos motivos da particular simpatia com que foi acolhida a nova peça. Sendo a obra dum escritor moderno, em que a mocidade do espirito se mantem, a despeito dos cabelos brancos, perene e constante; a obra dum ironista admiravel de fecundidade e de graça e dum naturalista profundo na observação e na objectivação das figuras e dos caracteres, o *Poema de Amor* contém, com efeito, uma abundante dose de sentimentalismo romantico que se condensa sobretudo na personagem principal e no ultimo acto, o da sua morte, ao compasso da *Réverie*, de Schumann, depois dum gesto, ao mesmo tempo elegante e raro, de desprendimento e sacrificio. O escorço, embora muito esfumado, da peça de Eduardo Schwalbach, se não permite avaliar o que ela encerra de segura técnica, de movimento e de brilho literario, deixa, todavia, entrever a originalidade do entreccho.

Mateus, actor celebre, sofre os primeiros rebates da sua decadencia fisica e artistica. Um singular acaso proporciona-lhe a satisfação de certo desejo que acariciava enternecidamente: guiar no caminho da arte uma linda e obscura actrizinha de palcos de quarta ordem e cuja intuição e cuja beleza o tinham seduzido. Gabriela não tarda que seja uma artista de nome, sobrelevando Mateus na estima e no culto das plateias. Vivem, no entanto, juntos porque mestre e discipula amam-se, apesar da invencivel e perigosa barreira que é a diferença de idade. Mas a antiga amante de Mateus vingá-se do abandono a que êle a votara, colocando em frente de Gabriela o rapaz por quem esta um dia se perdera e que fôra o unico que lhe havia merecido apaixonado amor. Germano regressava do Brasil, comediante como Gabriela, e o estratagemá de Adriana, a actriz que Mateus puzera de lado, surte o apeteçido efeito. A paixão, na apparencia extincta, reacende-se; Gabriela e Germano não logram disfarçá-la; Mateus facilmente a percebe no ardor com que am-

bos representam os lances amorosos duma peça a estrear. Gabriela protesta-lhe, porém, a sua fidelidade. Criatura de excção em semelhante atmosfera, sacrifica-se ao mestre e ao amigo não por amor, mas por affectuoso reconhecimento. A doença e as dôres morais arredam Mateus do tablado das suas glórias e das suas amarguras. A angina de peito ameaça leval-o num dos seus repetidos assaltos. Já não representa. Gabriela é a sua dedicada enfermeira. O actor celebre, no entanto, resolve libertar-se e libertal-a, rendido á magnitude do seu sacrificio. Habilmente, consegue arrancar a Adriana a confissão do trama em que tivera como cúmplice o actor Bruno, a quem deslumbrou a idéa de representar os grandes papeis do camarada enfermo. Depois, na presença de ambos, exprobando-lhes a torpeza a que haviam sido arrastados, Adriana por ciumes de mulher, Bruno por ciumes de artista, confia Gabriela a Germano, diz-lhes que se amem livremente e, quando empunha uma pistola para se suicidar, a angina de peito, prostrando-o para sempre inanimado, poupa-lhe esse supremo, derradeiro, violento esforço . . .

Eduardo Schwalbach faz passar o segundo e o terceiro actos da sua peça nos bastidores e nos camarins do teatro em que Mateus e Gabriela são as primeiras figuras. A emulação, a maledicência, a intrigã, a futilidade, e o artificio, que florescem naquêlê ambiente, fixa-os o eminente comediografo em traços e anotações magistraes. Não é êsse o menor atractivo da sua peça em cujo desempenho Augusto Rosa, no papel de Mateus, foi extraordinario de sobriedade e de pormenorisação no terceiro e quarto actos; Luz Veloso (Gabriela) disse e representou de modo a impôr-se ás atenções e aos aplausos dos espectadores, e Lucinda Simões e Chaby Pinheiro estiveram à altura dos seus nomes laureados.

* * *

No Teatro Nacional, por iniciativa de Julio Dantas, os alunos da Escola da Arte de Representar efectuaram um delicioso espectâculo em homenagem a Eduardo Schwabach, o reformador do Conservatório, a quem se deve o resurgimento do curso dramatico em 1901. Augusto de Castro, dramaturgo, professor e crítico, fez sôbre o honorificado escritor uma conferência já agora indispensável como subsidio para o estudo e a penetração da obra schwalbaquiana. Os discípulos representaram a alta comedia, em um acto, *Os quatro cantinhos* e alguns trechos da sátira-revista a *Feira do diabo*, além da pantomima de Henrique Lopes de Mendonça *Pierrot anarquista*. Eduardo Schwalbach, o seu talentoso apologista e os seus intérpretes, bem como Julio Dantas, foram alvo de carinhosas e prolongadas ovações.

Outros teatros : Na Trindade, o *Dia de juizo*; no Eden, ultrapassando já a milésima representação, a revista *31*; no Avenida, a companhia Adelina-Aura Abranches que representou sucessivamente *A bella aventura*, *O casamento da menina Beulemans* e *Pra ser feliz*; no Ginasio, *O Senhor Roubado*; no Apolo, a fantasia de actualidade *A grande guerra*; no Coliseu, variedades; no Politeama, tambem variedades, depois duma companhia de zarzuela que não obteve exito.

AVELINO DE ALMEIDA

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE BELAS-ARTES

UM ARTISTA BRAZILEIRO

Abriu a 13.ª Exposição de Belas-Artes, no salão da Rua Barata Salgueiro. No proximo número a *Atlantida* referir-se-ha largamente ás obras expostas, reproduzindo um ou mais dos trabalhos apresentados. Hoje quer apenas, registando o acontecimento notavel, registrar tambem o êxito enorme da Exposição, que o Presidente da Republica inaugurou e a que teem acorrido milhares de pessoas. E dizer ainda aos seus leitores que, pela primeira vez, apparecem em Portugal trabalhos de um artista brasileiro, o pintor Navarro da Costa, cujo talento é já reconhecido no Brasil, e que entre nós está alcançando um verdadeiro triunfo com as suas marinhas. A *Atlantida* desvanecese com esse triunfo, certa de que êle só pode cimentar e estreitar as boas relações entre os dois países irmãos.

ECONOMIA & FINANÇAS

A GUERRA

A *Atlantida* enceta hoje as suas revistas de economia e finanças. Satisfaz mais esse compromisso do seu programma n'um momento supremamente grave, porventura o mais grave que a Humanidade ha atravessado, por entre as duvidas e anormalidades d'um periodo, que é seguramente o mais anormal e incerto que a vida economica e financeira dos povos tem conhecido.

E', na verdade, horrivel a figuração da hora presente! Sem recorrer a quaesquer elegias litterarias, pois que outra é a natural expressão do observador dos factos e cousas materiaes do terreno economico-financeiro, é de attentar no espectáculo tremendo que offerece o embate de tantas das mais cultas e válidas collectividades do globo, ha perto de anno e meio ensanguentando tres quartas partes do solo da velha Europa . . . Cerca de quinhentos milhões de creaturas, ou seja aproximadamente uma quarta parte da população que, segundo os calculos do demographo Lavasseus, cobre a face da terra, e que hontem representavam a mais util e bem intencionada parcella da civilisação humana, acham-se hoje empenhados na tarefa da guerra, a esta votando as suas mais fortes energias e as suas melhores ambições. Os que hontem eram, tam benemeritamente para si e para os outros, os constructores aprimorados do progresso material e espirital dos povos, almejando promover no mundo um accrescimo de bem estar, um grau maior d'aquelle *social-betterment* de que fallam os sociologos d'além — Mancha — esgotam, na execução d'um programma de destruição e dôr, os seus mais valiosos *stocks* de recursos de toda a especie, laboriosamente accumulados em tantos annos de nobre e fecunda tranquillidade.

E' já hoje difficil o computo de vidas e fazendas consumidas : aquellas sam aos milhões, estas aos caudaes . . .

As perdas e danos attingem cifras fabulosas, tudo equivalendo a um recuo de mais de meio-seculo na civilisação dos homens . . . E' uma guerra de desgaste — *une guerre d'usure*, como disse ha pouco um ponderado commentador estranho. Até quando? O que será o dia de amanhã? Após a hecatombe florirá, alfim, a supremacia d'uma paz, senão definitiva, ao menos duradoura?

A CONFERENCIA ECONOMICA DE PARIS

Pelos modos, ao *combate militar* succeder-se-ha o *combate economico*, aliás de ha muito tam vehementemente travado que o primeiro não é, em ultima analyse, mais do que uma ardua e sanguinolenta modalidade do segundo...

Fóra dos boletins dos Estados-Maiiores belligerantes, o facto culminante do momento é a *Conferencia Economica*, que ora está correndo os seus tramites em Paris. O que é e a que visa essa reunião, esse parlamento mixto constituido por boa somma de representantes dos paizes alliados na lucta contra os imperios centraes?

Para melhor julgar da essencia e intuitos da Conferencia Economica de Paris, affigura-se-nos que o seu cabal esclarecimento se depara na exposiçãõ, resumida embora, que os archivos da especialidade contêm ácerca da importancia economico-social das partes adversas. Atravez, pois, dos preponderantes indices assim se documenta essa *parada de forças*:

População, Caminhos de Ferro, Marinha mercante a vapor

ALLIADOS

Países	População (1913) (1:000 hab.)	Caminhos de ferro (1913) (1.000 kms.)	Marinha a vapor (agosto de 1914) (1:000 ton. ^{as} net.)
Inglaterra e grandes colonias	398.835	199	12.267
França e grandes colonias..	86.300	61	1.076
Russia e Finlandias	173.420	79	581
Italia	36.500	18	886
Belgica.....	7.800	10	226
Servia	3.100	2	226
Portugal	6.130	3	50
Japão	74.300	10	1.078
Total.....	786.385	382	16.164

IMPÉRIOS CENTRAIS E SEUS ALIADOS

Alemanha	67.812	64	3.072
Austria-Hungria.....	53.100	47	572
Turquia	20.600	7	69
Bulgaria	4.800	2	4
Total	146.412	120	3.717

NEUTRAIS

Europa.....	53.820	51	4.459
America.....	162.110	312	1.907
Asia	477.200	20	171
Total.....	693.130	583	6.537
Total mundial.....	11.625.130	1.085	26.418

Comercio exterior em 1913

(Estatística de cada país em milhões de francos)

ALIADOS

Países	Importações	Exportações	Comercio total
Inglaterra e grandes colonias.....	29.770	26.563	56.333
França e grandes colonias	9.982	8.112	18.094
Russia e Filandia	3.727	4.132	7.859
Italia.....	3.638	2.504	6.142
Belgica	4.958	3.851	8.909
Servia.....	116	117	233
Portugal.....	424	196	620
Japão	1.824	1.582	3.406
Total ..	54.439	47.157	101.596

IMPÉRIOS CENTRAIS E SEUS ALIADOS

Alemanha	13.463	12.623	26.086
Austria-Hungria.....	3.735	2.913	6.648
Turquia ..	883	483	1.366
Bulgaria.....	214	157	371
Total	18.295	16.176	34.471

NEUTRAIS

Europa.....	14.588	12.544	27.132
America... ..	15.968	19.929	33.897
Asia	3.825	3.436	7.261
Total	34.381	35.909	70.290
Total mundial.....	107.115	99.242	206.357

Como se vê, pelo simples enunciado numerico, o desequilibrio de forças economicas a favor dos *aliados* é enorme. Se, porém, se atender no confronto isolado entre alguns, sobretudo dos mais fortes, contendores, as impressões serão outras... A *aceleração* mercantil tomada pelo império germanico nos ultimos anos foi prodigiosa.

De 1903 a 1913 — observa o economista francês sr. Edward Théry, cujo depoimento extractamos, de preferencia, para mais rigorosa imparcialidade— as exportações da Alemanha pafsaram de 6.413 milhões de frs. a 12.623, ou seja um acrescimo de 6.210 milhões, em que só os productos manufacturados, á sua parte, tiveram uma parcela de aumento de 5.893 milhões de francos.

Ora e para esse acrescimo da productividade comercial e industrial da Alemanha foram os países aliados os que forneceram maior contribuição, pois que a importancia das *vendas* para tais destinos subiu no periodo de 1903-1913 de 2.9233 milhões para 5.741 milhões de frs. E a este poderosissimo resultado economico ha que adicionar o proposito claro e veementemente manifestado pelos economistas alemães, antes e depois de declarada a guerra,

de organizar uma federação comercial com o império austro-hungaro de molde a firmar irrefutavelmente no centro da Europa o eixo da economia do mundo inteiro: «preparamos a victoria economica, tal qual o nosso Estado-Maior preparou a victoria militar».

Eis a razão de ser, teorica e pratica, da Conferencia Economica de Paris. A' *Aliança economica dos impérios centrais* pretende-se contrapôr a União Economica das Nações aliadas. Como? Dado que a Conferencia de Paris está ainda correndo seus tramites, pouco mais que preliminares, e que só pelos seus resultados se poderá julgar dos seus resultados e conclusões, limitar-nos-hemos por agora a registrar o seu programa, cujas alineas assim rezam:

- 1.º — Acôrdo preliminar entre os aliados sobre todas as medidas legislativas destinadas a regular as relações commerciaes entre os beligerantes; execução de contractos, cobrança de creditos, sequestros, patentes de invenção;
- 2.º — Medidas de precaução a tomar contra a invasão dos productos alemães após a paz;
- 3.º — Reparação dos prejuizos causados pela guerra;
- 4.º — Reducção das tarifas postais, telegraficas e telefonicas, estabelecimento d'uma tarifa minima em favor dos aliados;
- 5.º — Convenções relativas aos transportes internacionais de mercadorias;
- 6.º — Creação d'uma secretaria internacional de patentes;
- 7.º — Regimen comercial das colonias dos países aliados;
- 8.º — Internacionalisação das leis sobre sociedades;
- 9.º — Medidas desfinadas a reduzir a circulação metalica; instituição d'uma camara internacional de compensação; o cheque postal;
- 10.º — Principios uniformes que devem reger as leis relativas á falsa designação dos productos, coordenação legislativa e interparlamentar para a policia do comercio;
- 11.º — Da falencia;
- 12.º — Legislação relativa á perda e ao roubo dos titulos ao portador.»

Para terminar, constantamos, com verdadeira satisfação, a attitude admiravel dos nossos representantes na conferencia de Paris, onde souberam fazer respeitar o nome de Portugal.

X.

EXPOSIÇÃO DE ARTE NA ESCOLA

Promovida pela Sociedade de Estudos Pedagógicos, de Lisboa, realizou-se nesta cidade, o mês passado, uma exposição de Arte na Escola. Excelente iniciativa, pode considerar-se mais um sintoma do renascimento educativo que ha dez anos para cá em Portugal vem despertando.

A importância do empreendimento é incontestavel. Entre os problemas de ensino, a Arte na Escola ocupa lugar predominante nos ultimos anos.

Ha muitos descrentes e muitos scepticos em Portugal, infelizmente. O que não impede de que qualquer coisa haja, embora mal definido, de aspiração educativa e morigeradora.

Já nesta revista Raul Lino deixou entrevêr por meio de ideias largas e

arrojadas a simplicidade patriótica e estética que inspira os seus belos projectos de edifícios escolares. João de Deus Ramos, que honra o nome paterno, dedicando-se ás criancinhas da nossa patria, fazendo, como um Frœbel português, jardins-escolas, que são pequenas maravilhas de arte nacional e de ensino infantil; João de Barros que, pela primeira vez deu aspecto official ao movimento, conseguindo a construção da linda escola de Alcantara, cujas fotografias a *Atlantida* já publicou, e a inclusão no orçamento da República de verba importante para a decoração das escolas primárias; Afonso Lopes Vieira, autor de deliciosas obras para crianças, como *Os animais nossos amigos*, *Bartolomeu marinheiro* e *Cenas infantis*, publicadas em edições primorosissimas, que Raul Lino ilustrou; todos os que têm colaborado na bôa campanha e ainda a Sociedade de Estudos Pedagógicos mostram a consciencia alta e nobre que informam as tentativas de dar ás crianças melhor ensino, mais eficaz, mais nobre, mais belo.

Veio a Exposição de que falam confirmar a marcha ascendente de tôdos aquêles bons esforços. Instalada na Faculdade de Ciências (antiga Escola Politécnica) abrangeu o atrio do edificio, corredores, escada e muitas aulas. A Escola Industrial Marquês de Pombal, de Lisbôa, uma das melhores do paiz, expoz maquinas principalmente motores, tipo reduzido, e desenhos de arte aplicada. A Escola Industrial Afonso Domingues, tambem de Lisbôa, expoz sobretudo desenhos e trabalhos em gesso e madeira. A de Gil Vicente (Setubal) apresentou em especial rendas magníficas, de bilros, que tão tecidas são nas terras do litoral porteguês. A de Machado de Castro, alem doutros trabalhos, enviou uma cadeira de couro, do modelo classico nacional.

Outras escolas, institutos e casas comerciais apresentam os seus excelentes trabalhos: a Escola Industrial Pedro Nunes (Faro), a casa Paulo Guedes & Saraiva, o Asilo Maria Pia, o Recreatório Post-escolar, o Liceo de Maria Pia, a Casa Pia de Lisbôa) que apresentou alguns trabalhos magníficos), os Institutos de Pupilos e Pupilas do Exercito, as escolas da Amadora, a escola officina n.º 1, escolas primarias officiais e particulares de varios pontos do paiz, etc., etc.

Uma coisa deixou a exposição a desejar: a ornamentação das escolas primarias, tão importante e porventura o capítulo primeiro do assunto. Mas, para uma *primeira* exposição, não podia sêr melhor nem mais completa.

Acompanharam a exposição, belas conferencias em dias espaçados. Julio Dantas falou sôbre o teatro na educação, contrariando-o justamente quando não fôr da maiór simplicidade e beleza. João de Deus Ramos mostrou eloquentemente a diferença entre os seus delicados jardins escolas e os casarões das antigas escolas primarias e liceais. Tomaz Borba levantou bem alto o valor estético e social do canto coral. Cardoso Gonçalves encarou admiravelmente o que deve sêr uma festa escolar. Costa Ferreira discreteou interessantemente sôbre a attitude do professor perante o aluno. Sôbre ginastica e a sua influencia estética, falou Carlos Gonçalves. E ainda, em forma de propaganda popular da Liga Nacional de Instrução, Anibal de Magalhães fez uma conferencia sôbre higiene.

O ciclo da exposição foi completado por demonstrações interessantíssimas: do Instituto Feminino de Educação e Trabalho (Odivelas), da Escola de Educação Feminina, da Liga dos Melhoramentos e Recreio de Algés, do Asilo

de D. Maria Pia (Xabregas), da Tutoria da Infancia de Lisbôa, da Escola Maria Pinto (Amadora), da Academia de Estudos Livres e do Liceu de Maria Pia (Lisbôa). O primeiro e último deram amostras carinhosas e cuidadas de canto coral. O liceu, então, foi mais longe, e apresentou bailados lindíssimos, música de Tomás Borba e versos de Lopes Vieira, que constituíram um verdadeiro encanto e crêmos que a primeira afirmação feita no género em Portugal.

Estes bailados fôram repetidos poucos dias depois numa festa do mesmo teatro de S. Carlos. Em ambas as festas, sentiu-se a inspiração superior do poeta Lopes Vieira (tão justamente louvado logo a seguir pelo govêrno da República) e a execução primorosa e porfiada do professor Lobo de Campos. Na última festa, o programa compreendeu versos bem ensinados por aquêl professor e uma parte patriótica, em que se cantaram hinos das nações aliadas e se recitaram uma formosa *Ode à Bélgica*, de Lopes Vieira, e uma entusiastica e vibrante *Oração à Patria*, de João de Barros.

Enquanto o paiz se prepara para a guerra, toma medidas enérgicas de beligerância, municia-se, arma-se, mobiliza-se, ha — e seja louvado! — quem pense nos pequeninos sêres que amanhã serão soldados e heróis e, embora longe a paz fecunda, não esqueça a suprema Beleza e a Arte sublime.

C. M.

ARTE DE DIZER

As duas gentilissimas festas escolares realizadas pelo Liceu Feminino Maria Pia na sua séde e no Teatro de S. Carlos, puzeram o nome do professor Lobo de Campos, que rege naquêl liceu a cadeira de *Arte de dizer*. As oito discipulas que este professor apresentou recitaram com encanto e graciosa intelligencia, mantendo ao mesmo tempo as suas respectivas personalidades.

Lobo de Campos revela-se-nos por este modo um belo amigo dos poetas portuguezes, fazendo *viver* os ritmos na evidencia da musica verbal que todo o verdadeiro lirismo encerra. Apaixonado pela poesia nacional, tendo êle próprio escrito versos na sua primeira mocidade, dedicando-se com amor de artista á sua tarefa de professor, Lobo de Campos ensina uma arte que seria bem deslavel vêr desenvolver entre nós, e que não é uma das mediocres *prendas* burguezas que florescem na nossa sociedade, antes se ennobrece pelo que contêm de educativo e de estético quando bem orientada. Num país em que a linguagem é geralmente mal articulada, a clareaa da dicção constitue só por si uma ótima vantagem. Os atenienses da idade de oiro tinham professores que ensinavam ás crianças a pureza e a clareza da fala. Por certo mais que os gregos classico, os portuguezes de hoje precisam de alcançar e purificar a sua dicção. Conseguindo-se isto, revelando-se 1 gente moça das escolas a beleza e o character da nossa poesia classica e moderna, realisa-se uma obra bela — e é esta obra que o professor Lobo de Campos vem realizando e era dever nosso apontar com a maior simpatia.

O BRASIL E A GUERRA

Têm continuado no Brasil, com entusiasmo enorme, as manifestações a Portugal por motivo da guerra. O embaixador, sr. Duarte Leite, foi ovacionado á sua chegada. Os beneficios a favor da Cruz Vermelha, entre as quaes é preciso destacar a festa da *Atlantida*, organizada por João do Rio, e a da *Revista da Semana*, foram brilhantes e deram magnificas receitas. Na primeira, falou o nosso Director no Brasil, sendo delirantemente aplaudido. Na segunda, o Dr. Pinto da Rocha proferiu uma bela e eloquente oração patriótica.

A subscrição aberta pela Colónia Portuguesa — nobremente unida no mais puro amor do seu paiz — alcançou um grande exito. E é este um dos aspectos mais consoladores da nossa situação de beligerantes.

DR. VELOSO REBELO

A Academia Nacional de História, de Venezuela, em sua sessão de 15 de Março último, elegeu socio efectivo o Dr. Veloso Rebelo, ilustre encarregado dos negocios do Brasil em Portugal e um grande amigo dos portugueses. Sinceramente o felicitamos pela justa distinção, que mais uma vez consagrou os altos méritos de historiador do notavel diplomata.

UM NOVO LIVRO DE AUGUSTO DE CASTRO

Sai por êstes dias um novo livro do ilustre escritor Augusto de Castro, o dramaturgo tão aplaudido, o prosador elegantissimo das *Palavras ao vento*. O livro chama-se *Fumo do meu cigarro* e é constituido por uma série de impressões e criticas, onde ha espirito, humorismo, um pouco de filosofia e muita emoção.

A *Atlantida*, que sempre tem recebido de Augusto de Castro o acolhimento mais lisongeiro e caloroso, e que, no proximo número, dêle publicará um magnifico estudo sobre Eça de Queiroz, saúda o seu querido colaborador pela publicação do novo livro, que vai ter, decerto, um exito notavel.

Noticias & Comentarios

«A PROPRIEDADE RÚSTICA EM PORTUGAL»

As sciencias concretas que maior influencia veem actualmente exercendo na vida das nações são as que dizem respeito á economia e ás finanças. E' na applicação das suas teorias, no desenvolvimento material dos seus métodos e dos diversos problemas que elas tratam que os povos modernos aprendem a conhecer o que são e o que valem.

Em Portugal, porêem, o conhecimento ou a comprehensão dessas sciencias está ainda muito longe de atingir o grau de intensidade e de preponderancia que atingem no estrangeiro, bastando citar o facto que, entre nós, se citam unicamente os nomes dos seguintes economistas de real valor : os srs. Bento Carqueja, Anselmo de Andrade e, (agora), o sr. Campos Pereira.

E' dêste último homem de sciencia o livro que acaba de apparecer e que tanto ruido tem causado no país. Intitula-se *A Propriedade Rústica em Portugal*, e sôbre êle emittiu o mais alto corpo consultivo portuguez um longo parecer que termina por afirmar que «*o trabalho do Sr. Campos Pereira é, sob todos os pontos de vista por que seja encarado, uma obra de alcance, largamente fundamentada, inteligentemente deduzida, assentando em principios de boa doutrina económica, cuja vulgarização se torna necessaria para se conhecerem os recursos ligados á exploração da terra e á produção da riqueza agrícola do país.*»

Tal é o que afirmam as mais reconhecidas competencias officiais, e basta semelhante affirmação para consagrar um trabalho dêste género.

A que visa o estudo do economista Sr. Campos Pereira? A conhecer qual seja a superficie occupada pela indústria agrícola portuguesa, qual seja a sua produção nos diversos ramos da actividade rural, qual o seu rendimento e quais os valores venais e locativos das respectivas terras, para com tais elementos se ajuizar da capacidade tributária da propriedade rústica.

Basta o enunciado de tal plano que o autor pôs em prática, depois de um arduo labor, sem duvida de muitos anos, para se avaliar da sua grandeza e da sua importancia. E se acrescentarmos que semelhante obra foi realizada num país sem cadastro e sem a menor sombra de dados officiais, logicamente

se admitirá que o livro do Sr. Campos Pereira não só deva ser considerado como uma alta manifestação de capacidade em matéria de sciencia económica como também um esforço benemérito feito em favor do país.

“A AGUIA ,

Publica-se na primeira quinzena de maio o n.º desta revista correspondente a abril, maio e junho. É um número especial dedicado à situação de Portugal perante a guerra e, entre outra, traz colaboração de Teixeira de Pascoaes, Teofilo Braga, Gomes Leal, Alberto de Oliveira, Raul Proença, Jaime Cortezão, Leonardo Coimbra, Augusto Gil, Mayer Garção, Augusto de Castro, Marcelino Mesquita, Henrique Lopes de Mendonça, João de Barros, Henrique de Vasconcelos, Augusto Casimiro, Aurelio da Costa Ferreira, Jaime de Magalhães Lima, Visconde de Vila Moura, Philéas Lebesgue, Afonso Cordeiro, Mendes Correia, Antonio Carneiro, Cristiano de Carvalho, João Augusto Ribeiro, Rocha Vieira, Stuart Carvalhais, etc.

RODOLFO BERNARDELLI

Publicamos hoje a reprodução da admiravel escultura de Bernardelli, *O Cristo e a Adúltera*, cuja fotografia o nosso eminente colaborador Manuel de Sousa Pinto amavelmente nos cedeu. Bernardelli é um dos mais notaveis artistas brasileiros, pois que — apesar de nascido no Mexico — no Brasil realizou toda a sua obra, tendo conquistado aí o alto e justo renome que o tornou cèlebre. A sua acção, como Director da Escola de Belas-Artes, foi fecunda. *O Cristo e a Adúltera* é uma das suas obras mais belas.

PORTUGAL E A GUERRA

Com verdadeiro prazer, a *Atlantida* anuncia aos seus assinantes e leitores que publicará no proximo número uma nova entrevista com o Dr. Augusto Soares, ilustre Ministro dos Estrangeiros, sôbre *Portugal e a guerra*.

CHRONICA DO NORTE

A *Atlantida* iniciará no proximo número a publicação duma *Crónica do Norte*, que o ilustre escritor e poeta Julio Brandão subscreverá.

JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE

Esteve alguns dias em Lisbôa o nosso ilustre colaborador Severiano de Rezende, poeta e prosador de largos merecimentos e de incontestável originalidade que nos vae enviar de Paris varias impressões sobre a guerra.

ATLANTIDA

Em vista da absoluta falta de papel perfeitamente igual ao que sempre foi usado para a impressão da *Atlantida*, somos forçados a imprimir este numero em papel de cor diversa, se bem que da mesma qualidade.

No proximo número, a *Atlantida* publicará O «Perigo Americano», artigo do economista sr. Campos Pereira.

BREVEMENTE

ALBA PLENA

(Vida de Nossa Senhora)

POR

AUGUSTO GIL

Com um retrato desenhado por COLUMBANO
e ilustrações de RAUL LINO

EDIÇÃO DA

ATLANTIDA

MENSARIO ARTÍSTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

— Preço \$60 —

SUMARIO DO NUMERO 6

<i>Olavo Bilac</i>	
<i>Portugal e a Guerra — Opinião do Snr. Minis- tro dos Estrangeiros</i>	} João de Barros
<i>O Estadista Brasileiro Rodrigues Alves</i>	
<i>Dante</i>	João do Rio
<i>Lusitania</i>	Afonso Lopes d'Almeida
<i>Maria Brandoa e do Crisfal</i>	Mario Beirão
<i>Ao Sol e a Chuva (Fagundes em Suento)</i>	A. Braancamp Freire
<i>A um Poeta</i>	Teixeira de Queiroz
<i>Camões em Coimbra</i>	Olavo Bilac
	Afonso Lopes Vieira

REVISTA DO MEZ

Desenhos de Antonio Carneiro, Raul Lino, Alberto de Sousa, Christiano de Carvalho, e *reportagem fotografica* de J. Benoliel.

NOTICIAS & COMENTARIOS

Bilac em Lisboa

CAXAMBÚ

A SOBERANA DAS AGUAS DE MEZA

